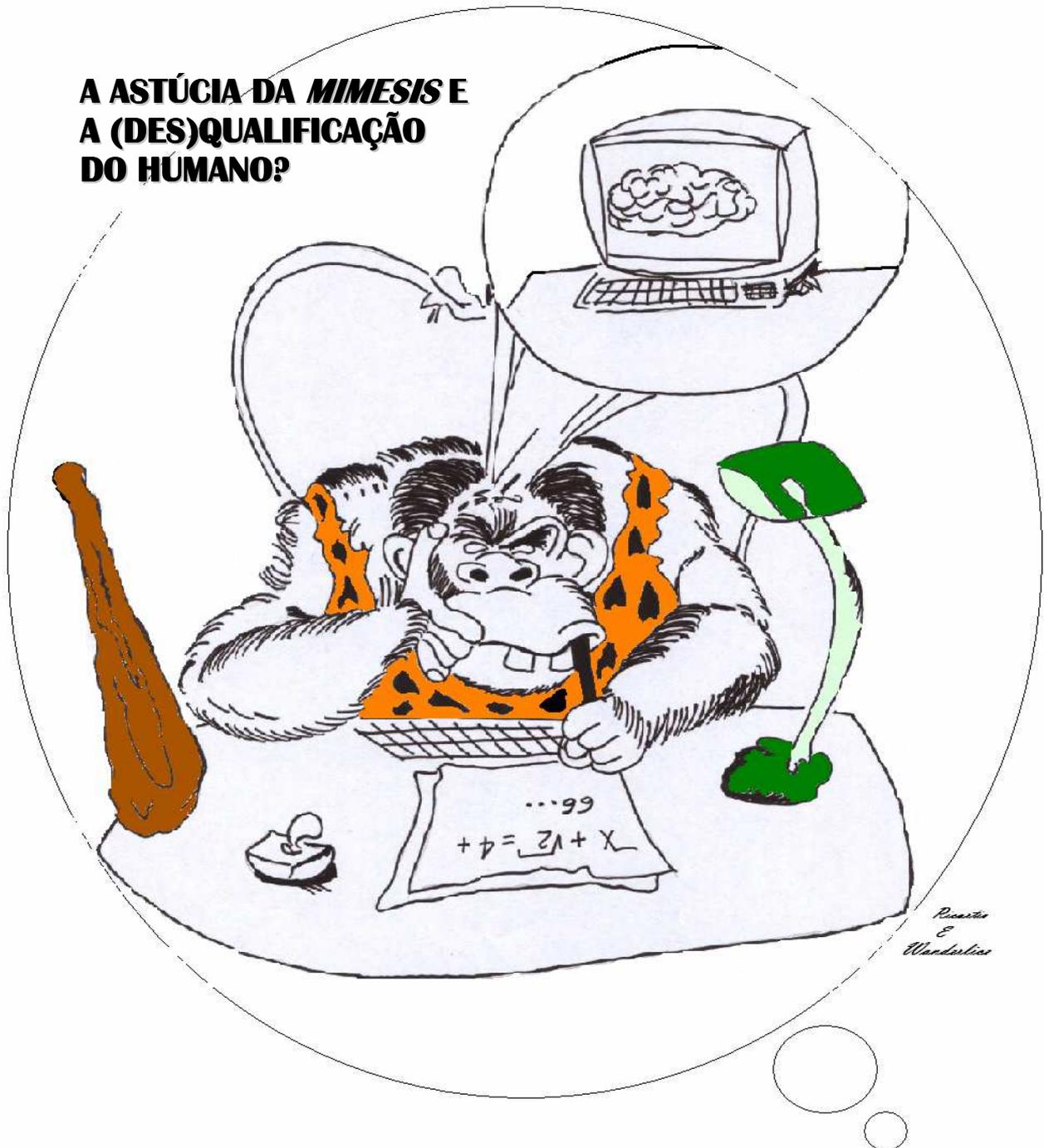


**A ASTÚCIA DA *MIMESIS* E  
A (DES)QUALIFICAÇÃO  
DO HUMANO?**



**A DILUIÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE  
O ORGÂNICO E O MECÂNICO**

**RECIFE  
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA (PPGS)  
MESTRADO**



**A ASTÚCIA DA *MIMESIS* E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A DILUIÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE O ORGÂNICO E O MECÂNICO**

*Wanderlice Maria Pereira da Silva*

Dissertação apresentada por  
WANDERLICE SILVA como  
requisito parcial à obtenção do grau  
de Mestre em Sociologia, pela  
Universidade Federal de  
Pernambuco, sob a orientação do  
Prof. Dr. JONATAS FERREIRA.

***Banca Examinadora:***

**Prof. Dr. Jonatas Ferreira (Orientador) – PPGS/UFPE**

**Prof. Dr. Remo Mutzenberg (Titular Interno) – PPGS/UFPE**

**Prof. Dr. Paulo Marcondes F. Soares (Titular Interno) – PPGS/UFPE**

**Prof. Dr. Denílson Marques (Titular Externo) – CCSA/UFPE**

**Prof. Dr. Paulo Cunha (Suplente Externo) – CAC/UFPE**

**Profa. Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha (Suplente Interna) – PPGS/UFPE**

**RECIFE  
2008**

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

**Silva, Wanderlice Maria Pereira da.**

**A astúcia da mimesis e a (des)qualificação do humano? : a diluição das fronteiras entre o orgânico e o mecânico / Wanderlice Maria Pereira da Silva. – Recife: O Autor, 2008.**

**147 folhas: il., fig.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2008.**

**Inclui: bibliografia, lista de imagens e filmografia.**

**1. Sociologia. 2. Mimesis. 3. Tecnologia. 4. Ficção científica. 5. Fronteiras. I. Título.**

**316  
301**

**CDU (2. ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2008/104**

---

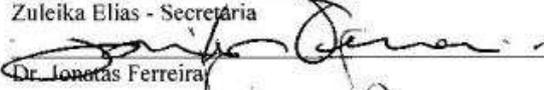
**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

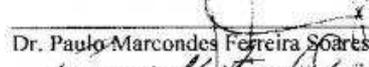
---

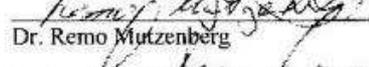
**Ata da Sessão de Arguição de Dissertação de WANDERLICE MARIA PEREIRA DA SILVA, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.**

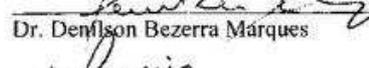
Aos 20 dias do mês de junho do ano de dois mil e oito, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame de Dissertação de WANDERLICE MARIA PEREIRA DA SILVA**, intitulada: *“A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A diluição das fronteiras entre o orgânico e o mecânico”*. A Comissão foi composta pelos seguintes professores: **Dr. Jonatas Ferreira – Presidente/orientador; Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares - - Titular Interno – PPGS; Dr. Remo Mutzenberg – Titular Interno – PPGS; Dr. Denílson Bezerra Marques – Titular Externo – CCSA/UFPE**. Dando início aos trabalhos O **Doutor Jonatas Ferreira**, explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar o **Doutor Jonatas Ferreira**, presidente da mesa e orientador da candidata solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 20 de junho de 2008.

  
Zuleika Elias - Secretária

  
Dr. Jonatas Ferreira

  
Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares

  
Dr. Remo Mutzenberg

  
Dr. Denílson Bezerra Marques

  
Wanderlice Maria Pereira da Silva

---

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Quanto ao motivo que me impulsionou [nessa pesquisa] foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

(M. Foucault. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.)

Quando tudo o que é impossível for eliminado, o resto, mesmo que improvável, deve ser a verdade.

(Sherlock Holmes, O cão dos Baskerville)

Sabe... Em todas as nossas buscas a única coisa que torna o vazio suportável são os outros.

(Contato, 1997)

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

*À Maria José (mãe) e Wildete (D. Det, amiga), mulheres, cujo exemplo de força, coragem, determinação e luta pela vida serviu como razão suficiente e necessária para a realização deste trabalho.*

# A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?

## A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

### AGRADECIMENTOS

Há alguns meses atrás, na confidencialidade entre amigos de longa data, vi-me convencida de que - de fato - a elaboração de um trabalho acadêmico assemelha-se ao processo de uma gestação, isso porque *a imagem figurada tem suas razões de ser, posto que, a exemplo duma criança, esse tipo de trabalho costuma ter um período para se desenvolver e vir ao mundo, ou seja, libertar-se de seu autor/hospedeiro, sob o risco de fenecerem tanto o ser (ou escrito) em formação quanto aquele que lhe fornece abrigo e proteção (o autor). Por um lado, na gestação, apego demasiado é um perigo insuspeitado: o feto excessivamente vinculado ao útero fará resistência ao parto, o que pode significar sua morte caso não seja pressionado a ganhar o mundo externo. O processo de escrita, por seu turno, também guarda suas manhas e suas armadilhas, isto é, chega o tempo em que cumpre desatrelar-se do que ganha forma em letra e papel, senão perecemos nós e igualmente o que rascunhamos. Normalmente, esse desprendimento costuma trazer não somente alívio, como também dignidade pessoal, senso de uma realização terminada, ainda que pretendêssemos estendê-la mais e mais. Sendo, correntemente, preciso lembrar a importância de aceitar o ponto final, sem com isso extirpar integralmente o apelo às reticências.*

Assim, quando me encontrava no ápice da paralisia da escrita, esse amigo histórico confidenciou-me, ainda, que o elaborado processo de reencontro (parte integrante da gestação) com as palavras, para ele, assemelhava-se, ainda, com o flerte de um rapaz tímido, porque lento, desajeitado, meio sofrível, horas para concluir única frase. (Como se, após uma tremenda luta interior, o garoto respirasse fundo, criasse o sangue-frio necessário e, finalmente, convidasse a garota dos sonhos para dançar e passasse a música inteira pisando nos pés dela.). Nesses momentos tateantes até a palavra “apropriada” chega a nos abandonar e é preciso lançar mão de “uma qualquer” para por no lugar na tentativa de não deixar escapar o substrato do pensamento. E para concluir sua reflexão ele, ainda, me disse: “com isso sentimos que já existe um movimento, quebrou-se o ponto de inércia, e essa constatação vale e pesa muito. Trata-se de um ganho que quase ninguém mais perceberia, pois é sutil e discreto, mas, para quem está às voltas com esse tráfego das idéias ao texto, da mente ao papel, cada parágrafo faz diferença e tira um peso incômodo. Na verdade, eu acho que essa coragem para retomar um objetivo estancado ou adiado é ponto obrigatório em qualquer procedimento para combate à obesidade: não a do corpo, não a do tecido adiposo, mas a do espírito. Ao mesmo tempo, é possível 'quantificar' o alívio: não será o trabalho dos seus sonhos; também não mais será o combustível dos seus pesadelos”.

Naquele momento, percebi que decididamente tinha que sair da inércia. As postergações sucessivas – em busca do melhor jeito de dizer - da conclusão deste trabalho haviam se tornado uma interdição para o futuro. E eu precisava, urgentemente, reabrir o tempo. Tomar as rédeas da minha própria vida. Então, o primeiro passo, nessa direção, foi a constatação da necessidade de me despir das pretensões de fazer “O” trabalho para fazer o meu trabalho. Posto que, como disse meu amigo, não poderia mais ver este trabalho como um relicário, em que eu colocaria dentro as melhores coisas, acreditando poder esperar 20 ou 40 anos, para um dia um estranho o descobrisse e me colocasse diante daquelas preciosidades. Diante disso, coloquei de lado o zelo excessivo (em querer guardar tudo para mim) e o medo da exposição (em detrimento da constatação de ter tudo à mão e não conseguir realizar), e aqui estou escrevendo essas palavras àquelas pessoas, pelas alegrias, tristezas e orientações intelectuais, sem às quais este trabalho não teria sido levado a termo.

Assim, gostaria de agradecer de todo o meu coração pelas contribuições intelectuais, afetivas ou humanas:

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

*À minha mãe e irmãos* pelo suporte emocional e pela compreensão imensurável do meu comportamento irritadiço e impaciente e das minhas ausências nos momentos raros de encontro familiar.

*Aos meus sobrinhos* Pedro e Camila, com os quais compartilho o cotidiano doméstico, por aturar meus estresses e instabilidades emocionais quando nem eu mesma conseguia me suportar.

*À família Amorim Alves*, em especial a Marcia, pela amizade e pelo carinho com o qual me recebeu em seu seio familiar, pelos constantes suportes emocionais e materiais, e ainda por me ter incentivado e acreditado em minha capacidade - para findar o processo - quando muitos duvidaram. Obrigada por estar ao meu lado nos momentos em que mais precisei.

*Aos amigos* Nilson, Mary, Eliane, Celma, Beth Fai, Jampa e Cesar (ainda que geograficamente distante) pelo carinho e amizade sincera, bem como pelas constantes e acalentadoras palavras de incentivo e confiança.

*A Gustavo Sampaio* por ter aberto mão dos seus finais de semana e noites de sono para me ajudar com as edições dos vídeos para apresentação do dia da defesa. Valeu mesmo, Guga!

*A Aristides Monteiro Neto*, pesquisador e atual secretário de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Pernambuco (meu chefe), que por saber da importância do trabalho intelectual e trabalhar em prol da disseminação do conhecimento no Estado permitiu, através da flexibilidade de horário, com que eu conciliasse meu tempo de trabalho, na Sectma, com as atividades da pós-graduação.

*Aos professores do PPGS*, que muito contribuíram com minha formação intelectual. Em especial, agradeço ao Prof. Remo e a Profa. Eliane Veras pelo carinho, apoio e, sobretudo, amizade que, para além de suas contribuições intelectuais, com isso me mativeram em contato com o Programa o que fez com que a dívida da finalização de um processo se mantivesse sempre acesa.

*Ao Prof. Jonatas Ferreira*, meu orientador, pela paciência com meus assolamentos, faltas, crises e pelas intervenções diligentes e cuidadosas diante de um pensamento sempre confuso e um trabalho que se apresentava freqüentemente interrompido. Mas, enfim, terminamos.

*A CAPES*, pela bolsa de mestrado (suporte financeiro sem o qual a produção do trabalho intelectual torna-se ainda mais penoso), com a qual, através do trabalho concluído, acerto agora a minha “dívida”.

And last but not least, *ao meu amigo histórico*, Antonio Luiz (a quem fiz a promessa de finalizar este trabalho e que honro neste momento), que na cumplicidade do dito e não-dito compartilhou dos meus momentos de aflição e desespero quando da paralisia da escrita, cujas reflexões acerca do processo de elaboração do trabalho acadêmico foram cruciais para que eu levasse a termo este projeto. (Obrigada, meu querido.).

A todos, muito obrigada!



# A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

## RESUMO

No presente estudo, examinamos os avanços tecnológicos nos campos da Inteligência Artificial, Robótica, Nanotecnologia, Bioinformática, Bioengenharia, Cibernética, a partir da lógica que acreditamos tê-los orientado: a *mimesis*. Para tal, lançamos mão da articulação entre a análise qualitativa de filmes de ficção científica, mais especificamente *RoboCop* (1987) e *Blade Runner* (1982), com textos teóricos e filosóficos, anúncios, páginas de internet etc. Ao propormos a releitura da *mimesis* e do conceito de ciborgue, partimos do princípio de que a lógica que tem orientado o desenvolvimento e produção nesses campos de saberes, inicialmente, é a lógica da semelhança, ou seja, a *mimesis*. Mas como essa lógica traz em seu cerne o desejo de produzir diferenças – a partir do aperfeiçoamento e superação do modelo – acreditamos que este impulso tem sugerido, em certos momentos, a desqualificação do primeiro (homem-modelo-original) em detrimento do segundo (máquina-cópia) decorrente da astúcia da *mimesis*. Constatamos que a produção de máquinas antropomórficas, como *RoboCop* (que criam ilusão de “humanidade”, efeitos de superfície - lógica da semelhança) ou o desenvolvimento de artefatos “vivos”, capazes de construir sua própria aprendizagem e identidade a partir dos contextos nos quais se encontram submersos, como os replicantes de *Blade Runner*, apesar de nos sugerir a modificação da estrutura da natureza natural, ainda não nos permite uma resposta definitiva acerca da *(des)qualificação* do humano em detrimento da máquina.

**Palavras-chave:** Sociologia, *Mimesis*, Tecnociência, Ficção Científica, Fronteiras

## ABSTRACT

This study examines the technological advances in the fields of Artificial Intelligence, Robotics, nanotechnology, bioinformatics, Bioengineering, Cybersecurity, from the logic that has driven: the *mimesis*. To this end, we relate the qualitative analysis of science fiction movies, more specifically *RoboCop* (1987) and *Blade Runner* (1982), with theoretical and philosophical texts, ads, web sites etc. By proposing a (re)reading of the *mimesis* and the concept of *cyborg*, assume that the logic that has guided the development and production in these fields of knowledge, initially, is the logic of similarity, namely *mimesis*. But such logic brings in its heart the desire to produce differences - from the improvement and overcome the model - we believe that this momentum can suggest the disqualification of the first (man-model-original) rather than the second (machine-copy) resulting from the cunning of *mimesis*. We note that production of machinery antropomorphfics as *RoboCop* (which create illusion of "humanity", the purpose of surface - like the logic) or the development of artifacts "live", able to build its own identity and learning from the contexts in which they are submerged, as the replicantes of *Blade Runner*, even though we suggest modifying the structure of natural nature, yet it doesn't allow us to a definitive answer about the *(un) qualification* of the human rather than machine.

**Keywords:** Sociology, *Mimetics*, Technoscience, Science Fiction, Borders

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

**SUMÁRIO**

<b>IMAGENS</b>	11
<b>INTRODUÇÃO: Objeto e Método</b>	14
<b>CAPÍTULO 1 – NAS SENDAS DA <i>MÍMESIS</i>: Alguns Aportes Teóricos</b>	30
<b>CAPÍTULO 2 - REDISCUTINDO FRONTEIRAS: A Sociedade Ciborgue e a Proliferação dos Híbridos</b>	55
Lendo Mundos Conceituais, Encontrando Elementos de Ficção	55
<b>CAPÍTULO 3 – PRELÚDIO A UMA SOCIOLOGIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA</b>	
Ficção Científica: Uma Introdução	66
A Astúcia da <i>Mimesis</i> e a Evolução dos Autômatos na Ficção Científica	82
<b>CAPÍTULO 4 – ELEMENTOS DA FICÇÃO MAPEANDO NOSSA REALIDADE SOCIAL</b>	93
<i>RoboCop</i> : Pós-Humano ou Corpos BioTecnoArtificiais (Des)Qualificando Corpos Naturais?	93
<i>Blade Runner</i> : Astúcia da <i>Mimesis</i> ou Realização do Sonho de <i>Turing</i> ?	106
<b>EPÍLOGO – TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O Século das Máquinas “Inteligentes” e a Permanência do Homem</b>	132
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	135
<b>FILMOGRAFIA</b>	144

# A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?

## A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

### IMAGENS

1. Cientista Dilworth, do MIT..... **p. 19**
2. Robô *Kismet*, desenvolvido pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT)..... **p. 22**
3. *Wabot-1*, 1970 e *Wabot-2*, 1980. Robôs humanóides produzidos pela Universidade de Waseda, no Japão..... **p. 23**
4. *Unimate*, primeiro robô eletrônico a ser utilizado na indústria..... **p. 23**
5. *Qrio*, robô da Sony..... **p. 23**
6. *Robosapien*..... **p. 23**
7. *Rogum*, da Korn Tech..... **p. 23**
8. O robô *Asimo* vem sendo desenvolvido e aprimorado, desde 1986, pela empresa japonesa Honda..... **p. 23**
9. Hikari Asano, estudante da Universidade de Ciências de Tóquio, ao lado de sua sócia humanóide *Pikarin*, robô capaz de exibir expressões de felicidade, medo e surpresa..... **p. 23**
10. Andróide Andrew Martin diante da Suprema Corte Mundial. *O Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures..... **p. 40**
11. Andróide Andrew Martin de Volta à Suprema Corte Mundial. *Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures..... **p. 41**
12. Neo e o Conselheiro Hamer conversam sobre a dependência dos homens em relação às máquinas. *Matrix Reloaded*, 2003, Andy e Larry Wachowsky – Warner Bros Pictures..... **p. 46**
13. A cidade de Zion. *Matrix Reloaded*, 2003, Andy e Larry Wachowsky – Warner Bros Pictures..... **p. 46**
14. Ciborgue T 800. *Exterminador do Futuro*, 1984, James Cameron – Orion Pictures Corporation..... **p. 56**
15. RoboCop. *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 56**
16. Ciborgue Johnny. *Johnny Mnemonic*, 1995, Robert Longo – Sony Pictures Entertainment..... **p. 56**
17. Andróide David sendo submetido a reparos. *Inteligência Artificial*, 2001, Steven Spielberg – Warner Bros e Dreamworks..... **p. 56**
18. Oscar Pistorius, atleta sul-africano, teve suas pernas amputadas e corre com duas lâminas de fibras de carbono ajustadas as suas coxas. No início de 2008, conseguiu permissão para disputar uma vaga para as olimpíadas de Pequim..... **p. 56**
19. Andróide Andrew. *O Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures..... **p. 56**
20. Os replicantes Roy Batty e Rachael. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Entertainment..... **p. 56**
21. Detetive Spooner no armazém da U. S. Robotics. *Eu, Robô*, 2004, Alex Proyas – Twentieth Century Fox..... **p. 56**
22. Cartaz de *20.000 Léguas Submarinas*, 1954, Richard Fleischer – Walt Disney Pictures..... **p. 77**

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

23. Cartaz de *Volta ao Mundo em 80 Dias*, 1956, Michael Anderson – Warner Bros..... **p. 77**
24. Cartaz de *Frankenstein*, 1931, James Whale – Universal Pictures..... **p. 77**
25. Cartaz de *A Máquina do Tempo*, 1960, John Pal – MGM..... **p. 77**
26. Cartaz de *Guerra dos Mundos*, 1953, Byron Haskin – Paramount Pictures..... **p. 77**
27. Cartaz de *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros..... **p. 77**
28. Cartaz de *Admirável Mundo Novo*, 1998, Leslie Libman..... **p. 77**
29. Cartaz de *Eu, Robô*, 2004, Alex Proyas – 20<sup>th</sup> Century Fox..... **p. 77**
30. Cartaz de *O Pagamento*, 2004, John Woo – Paramount Pictures..... **p. 77**
31. Cartaz de *Minority Report*, 2002, Steven Spielberg – 20<sup>th</sup> Century Fox..... **p. 77**
32. Cartaz de *O Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus - Columbia Pictures..... **p. 77**
33. Cartaz de *2001: Uma Odisséia no Espaço*, 1968, Stanley Kubrick – MGM..... **p. 77**
34. Cartaz de *Viagem à Lua*, 1902, Georges Méliès..... **p. 78**
35. O cientista Rotwang e o robô transmutado em Maria. *Metropolis*, 1927, Fritz Lang – Continental..... **p. 86**
36. Propaganda do Coração Artificial – *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 95**
37. ED 209 – *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 98**
38. Policial Murphy antes da Transformação – *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 100**
39. *RoboCop* (Murphy) após a transformação - *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 100**
40. Policial *RoboCop* em ação – *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation..... **p. 101**
41. Cidade de Los Angeles, ano 2019, vista de cima. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures..... **p. 115**
42. Replicante Nexus 6 Roy Batty. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 117**
43. Replicante Pris. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 117**
44. Replicante Zhora. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 117**
45. Replicante Leo Kowalski, durante o teste Voigt-Kampff. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 117**
46. Teste Voigt-Kampff. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 119**
47. Rick Deckard, o caçador de andróides. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures..... **p. 122**

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

48. Replicante Rachael. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures..... **p. 124**
49. Encontro entre o engenheiro genético Dr Tyrell e o replicante Roy Batty. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures ..... **p. 126**
50. Replicante Roy Batty minutos antes de “morrer” (parar de funcionar). *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures ..... **p. 128**

## INTRODUÇÃO: Objeto e Método

---

Mas a imaginação concebeu um paliativo astuto e sutil para esse divórcio inevitável entre a nossa realidade limitada e os nossos apetites desmedidos: a ficção. Graças a ela somos mais e somos outros, sem deixar de ser nós mesmos. Nela nos dissolvemos e nos multiplicamos, vivendo diversas outras vidas além da que temos e das que poderíamos viver se permanecêssemos no verídico, sem sair do cárcere da história (Llosa, 2004: 29).

### I

**E**m *A verdade das mentiras* (2004), o romancista Mario Vargas Llosa decide penetrar nos meandros de algumas obras do século XX por acreditar que a ficção é fruto da “aspiração do homem de ser diferente do que é”. Confrontado com a insistente questão de se o que escreve é “verdade”, Llosa afirma que por mais que responda ao litígio fica sempre com a incômoda sensação de que não atingiu o alvo.

Vargas Llosa afiança que os romances mentem (e que não poderia ser diferente), mas que isso constitui apenas parte da resposta, isso porque acredita que essa mentira expressa uma curiosa “verdade”, verdade essa que apenas pode ser expressa disfarçada daquilo que não é. A verdade que essas mentiras expressam reside na insatisfação dos homens com seu destino e assim,

quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito (Llosa, 2004: 16).

Para ele, essas ficções seriam “contrabandos filtrados da vida”, ou seja, ao construírem suas narrativas, os autores de forma consciente ou inconsciente (re)criam a

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

realidade (não escrevem para contar a vida, isso é tarefa do historiador, do biógrafo, do jornalista) e ao fazerem isso (melhorando-a ou piorando-a, materializando suas obsessões), em alguma medida, eles a transformam.

O fato é que Mario Vargas Llosa defende com bastante eloquência a importância da ficção em nossas vidas porque:

Quando lemos romances<sup>1</sup>, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais os romancistas nos transportam. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real abre-se e saímos para ser outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas. Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil. Esse espaço entre a vida real e os desejos e fantasias, que exigem que seja mais rica e mais diversa, é preenchido pelos livros de ficção. No coração de todos esses livros chameja um protesto. Quem os fabula o fez porque não pôde vivê-los, e quem os lê – e neles acredita durante a leitura – encontra, em suas fantasias, os rostos e as aventuras que necessitava para ampliar sua vida. Essa é a verdade que as mentiras da ficção expressam: as mentiras que somos, as que nos consolam e que nos desagravam das nossas nostalgias e frustrações. [...] As mentiras dos romances nunca são gratuitas: preenchem as insuficiências da vida (Idem, p. 21-22).

As mentiras (ficções, fantasias, alegorias, fábulas) - propiciadas pela literatura, televisão, cinema – impregnadas por verdades subjetivas, liberta o indivíduo ao lhe permitir vislumbrar, sob o véu que encobre nossa realidade concreta, o que fomos, o que quisemos ser e não tivemos condições ou, talvez, o que ainda desejamos ser ou devemos evitar *vir-a-ser*. Por isso, o “excesso na ficção não é jamais uma exceção, mas sempre a regra” (Idem, p. 24).

O problema em relação às verdades e mentiras em torno da ficção é que grande parte do público tende a esquecer e passa a exigir da literatura (romance social, histórico, psicológico, autobiográfico, ficção científica), bem como dos filmes-cinema (documentários, épicos, biográficos, ficção científica), ainda que engajados, militantes e didáticos, uma explicação do mundo nos moldes das ciências *hard* (física, biologia,

---

<sup>1</sup> Inclua-se aí revistas em quadrinhos, novelas, filmes (drama, comédia, ficção científica), poesias etc.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

química, matemática) ou *soft* (psicologia, sociologia, história). Por isso é importante ressaltar que os modos de expressão e as ordens de conhecimentos entre arte (literatura, cinema, pintura, poesia) de um lado e das ciências, de outro lado, são distintos ainda que tentem manter uma relação entre si (Vierne, 1994).

Logicamente, como afirma Simone Vierne (1994: 80), houve uma época em que as relações entre ciência e literatura (entenda-se formas de conhecimento ou observação que tentam traduzir as mudanças que ocorreram na concepção de homem e sobre sua relação com o mundo) não eram tensas (até o século XVI). Para Vierne, essa relação não poderia dar-se de outra forma já que praticamente não existiam fronteiras entre físicos, poetas e filósofos, além de possuírem um interesse em comum (que permanece nos dias de hoje): fornecer uma explicação do mundo. Naquela época, a ciência era transmitida sem receio ou censura pela poesia.

Essa relação começou a mudar no século XVII quando a ciência passou a revestir-se de uma expressão própria e quando a “Contra-reforma inaugurou, em matéria de ciência, uma doutrina que impõe uma visão teológica”. Daí então, essas tensões entre ciência e literatura começaram a se intensificar, as ligações começaram a ficar tempestuosas e finalmente acontece o rompimento entre elas no século XIX quando

a ciência passa a ser muito complexa; ela não mais se preocupa em explicar o mundo, conquanto se estabeleçam algumas filosofias a partir dos seus dados (o positivismo, cientificismo...). Ela se dedica por setores mais e mais de ponta, para usarmos uma expressão moderna, onde só os especialistas têm condições de se aventurar (Vierne, 1994: 80).

Mas não é nesse terreno hermético, inflexível, eivado de racionalidade, devidamente autenticado e exaltado por suas explicações precisas sobre o mundo e promessas para humanidade (a ciência oficial) que um tipo específico de ficção

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

enfrentará seus maiores desafios e aventuras: a ficção científica (ou de especulação). A ficção científica, como gênero literário ou cinematográfico, apesar de enfrentar, por um lado, as ressalvas de alguns cientistas (pelos excessos ou distorções das teorias científicas), já que os temas de suas histórias baseiam-se na ciência (*hard* ou *soft*), muitos deles acabam por revelar terem descoberto sua inclinação vocacional “através da leitura adolescente dos romances de Júlio Verne” (Idem, p. 88); por outro lado, encontrará também, grandes obstáculos pelos críticos do terreno ao qual pertence já que costumam ser vistos dentro da Literatura, bem como no Cinema como um gênero inferior (Rowlands, 2005; Causo, 2003; Vierne, 1994; Schelde, 1993; Fiker, 1985).

Estigma ou não, leitores de *Em Busca do Tempo Perdido* (Marcel Proust), *As Flores do Mal* (Charles Baudelaire), *Dom Casmurro* (Machado de Assis) ou expectadores de *A Bela da Tarde* (Luis Buñuel), *A Noite Americana* (François Truffaut), *Noites de Cabíria* (Federico Fellini), na maioria das vezes, vêm com preconceito aqueles que se propõem a analisar ou estudar seriamente obras como *Neuromancer* (Phillip K. Dick), *Superbrinquedos Duram o Verão Todo* (Brian Aldiss), *A Eva Futura* (Villiers de L'ile-Adam) ou filmes tais como *RoboCop* (Paul Verhoeven), *O Exterminador do Futuro 1 e 2* (James Cameron), a trilogia *De Volta Para o Futuro* (Robert Zemeckis) etc. (Rowlands, 2005; Causo, 2003; Schelde, 1993; Fiker, 1985).

Isso costuma ocorrer porque a ficção científica e a literatura gótica surgiram e estiverem comumente associadas a “pulp fiction”, a literatura para as massas, ou seja, algo sem valor, superficial. No entanto, como disse Mark Rowlands em seu livro *Scifi = Scifilo: a filosofia explicada pelos filmes de ficção científica* (2005, p. 13), “tais desculpas são uma babaquice, e está na hora de acabar”. Nesse livro, Rowlands afirma

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

e defende que os filmes de ficção científica, embora vistos com descrédito e desconfiança, são objetos que fornecem imagens concretas de questões, problemas e argumentações que ajudam no aprendizado da filosofia.

Essa mesma linha de argumentação e percepção com relação à validade da ficção científica como objeto de estudo é defendida pelo cientista Freeman Dyson (1998, p. 75) com relação à ciência. Em seu livro *Mundos Imaginários*, Dyson relembra de histórias como *O Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley) e *A Máquina do Tempo* (H. G. Wells), entre outros, para mostrar de que forma o universo imaginário é valioso para se compreender como a ciência e seus avanços são vistos pela sociedade. Para Freeman não é à toa que “a ficção científica é mais esclarecedora do que a ciência para compreender como a tecnologia é vista por pessoas situadas fora da elite tecnológica. A ciência proporciona o *input* técnico para a tecnologia; a ficção científica nos exhibe o *output* humano”.

### II

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que o que confere à ficção científica, com a qual decidimos trabalhar, um papel significativo no que diz respeito às implicações sócio-filosóficas decorrentes do avanço tecnocientífico sobre a sociedade, não é uma falsa concepção de predição do futuro, mas sua capacidade e habilidade de imaginar mundos futuros para pensar os problemas da sociedade presente, ampliar nossa visão e chamar atenção para as nossas responsabilidades para com o nosso amanhã (Dyson, 2003).

A presença da Ficção Científica (FC) em nossas vidas tem sido cotidianamente reforçada pela constante apresentação e exposição das novas engenhocas do mundo tecnológico. Para muitos, grande parte dos inventos, parafernalias tecnológicas ou

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

motivações científicas tem um pé na ficção científica. O jovem cientista Peter Dilworth, do Instituto Tecnológico de Massachusetts - MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), por exemplo, revela a influência dos mundos imaginados pela FC no desenvolvimento de seus robôs:



**Imagem 01** – Cientista Dilworth segurando o soldado robô, no MIT, *A Revolução dos Robôs*, 2005 [1997], Discovery Channel.

Uma das coisas que me interessou foi esse carinho. É o soldado robótico de ‘Guerra nas Estrelas’ (*Retorno of the Jedi*). A idéia de ver estes robôs no cinema convenceu-me de que deveria ser possível criá-los de verdade. Pareciam tão reais, e eu senti: Por que não posso fazê-los? Por que não posso trazê-los à vida? (*A Revolução dos Robôs*, 2005 [1997], Discovery Channel).

No caso do cientista da NASA, Dan Golden<sup>2</sup>, a FC também tem um papel importante no desenvolvimento de seus projetos. Em 2005, Dan estava envolvido com a Nanomedicina, campo que atuaria no desenvolvimento de robôs miniaturizados que pudessem garantir a segurança dos astronautas durante a missão ao planeta Marte. De acordo com ele,

Para manter os astronautas seguros e saudáveis na missão a Marte... robôs miniaturizados serão colocados dentro de seus corpos. Na NASA, o que estamos imaginando é basicamente tomar uma cápsula, como uma pílula, engoli-la. E isso liberaria o que chamamos de "nanoexploradores". **O que a NASA propõe é algo vindo do mundo da ficção científica.** Robôs minúsculos feitos para patrulhar o corpo, procurando doenças no estágio inicial. A célula é a máquina básica composta de muitas e muitas peças e componentes menores. Então a nanotecnologia vai nos permitir entrar e acessar esses componentes específicos da célula que causaram o problema.

---

<sup>2</sup> Sabendo que com a tecnologia atual tal missão seria impossível, a NASA tem investido na nanomedicina como tecnologia capaz de atuar contra os rigores da atmosfera espacial - que podem provocar males como câncer - a fim de garantir a saúde e integridade física da tripulação durante os três anos, previstos, de exploração da superfície marciana. O cientista Dan Golden, Gerente do Programa da Agência Espacial Americana – NASA, é responsável pelo desenvolvimento de uma nova tecnologia médica, a nanomedicina, que visa garantir a sobrevivência dos astronautas durante a missão a Marte, prevista para o ano 2029.. Golden espera, também, que essa tecnologia possa atuar nos tratamentos médicos da população em geral.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Nós somos feitos de uma multidão de células. Cada uma de nossas células é uma nanomáquina complexa. Somos construídos pelas nanomáquinas da natureza. Criado por nanomáquinas chamadas células, o nosso corpo ganha vida. Ao nascermos, nosso corpo é feito de uma miríade de células. **A idéia visionária de que cientistas possam criar robôs médicos para trabalhar dentro das células parece ficção científica.**

**Aliás, muitas de minhas idéias vieram de séries como "Jornada nas Estrelas" e "Missão Impossível".** Eu ainda assisto e ainda tenho idéias, e em alguns casos tento torná-las concretas em nossos projetos na NASA. Na época em que a NASA almejava chegar à Lua uma história em quadrinhos, posteriormente filmada em Hollywood mostrava a idéia da miniaturização médica. "Viagem Fantástica" fala de cientistas miniaturizados viajando pelas veias num submarino, para destruir um coágulo de sangue. "Viagem Fantástica" nos apresentou a idéia de ter pequenos aparelhos viajando pela nossa corrente sanguínea, no entanto, a abordagem que eles usaram [na ficção] não acreditamos ser praticável. Encolher submarinos àquela escala não parece algo que vá acontecer. Mas a idéia de ter pequenos aparelhos médicos nessa escala parece-nos possível. **A ficção científica virando fato teve inspiração na natureza.** Os cientistas vêem os mecanismos da criação como a natureza usando máquinas moleculares para gerar vida. Nós somos cercados pelas nanomáquinas da natureza (*Viagem Fantástica Pelo Corpo Humano: em busca da cura*, 2005 [2002], Discovery Channel). [Grifos meus].

Golden levanta um ponto essencial para nosso trabalho, a saber: a natureza como fonte de inspiração para o desenvolvimento tecnocientífico. Disso resulta que a natureza, como lócus de inspiração-modelo tem poder sempiterno sobre a criação científica. O cientista Ralph Mekle (Dallas, EUA), por exemplo, acredita que tendo a natureza como modelo, o sucesso da criação de nanorrobôs médicos será inevitável. Diz ele:

Isto é uma planta. Um milagre da biologia. Ela tem bilhões de células, proteínas e DNA e máquinas moleculares complexas. Ela ilustra que máquinas moleculares são possíveis. O que gostaríamos de fazer é fabricar máquinas moleculares artificiais, dezenas de bilhões das quais caberiam neste pequeno seixo. [Se ele conseguir realizar o que deseja colocando bilhões de nanomáquinas dentro de um pequeno seixo conseguiremos fazer a viagem fantástica no corpo humano com que tantos já sonharam. Comentário da narradora do documentário].

Pense desta forma: No século 19 as pessoas viam os pássaros e diziam: "Pássaros podem voar! Logo, o vôo de objetos mais pesados que o ar é possível". Mas, quando decidimos construir aviões, bem, nós os construímos usando nossa própria abordagem; não construímos coisas com penas e que batiam as asas, ao menos não as que tiveram sucesso. Eles usaram hélices e estruturas bem diferentes das de um pássaro, então, houve uma grande diferença entre a forma que fizemos e como os pássaros voavam. Apesar disso, **a inspiração foi essencial**, ver os pássaros voando e dizer: "É possível, se eles conseguem, nós conseguimos (*Viagem Fantástica Pelo Corpo Humano: em busca da cura*, 2005 [2002], Discovery Channel). [Grifos meus].

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Cocluímos, pois, que a natureza tem servido como “metáfora fundadora” (Le Breton, 2003) para, praticamente, todos os nossos objetos técnicos, do mais simples-rudimentar (tal a funda utilizada por David, personagem bíblico, para derrotar o gigante Golias) ao mais complexo-elaborado (como computadores, satélites espaciais). No entanto, é o desejo e “possibilidade”, da criação-fabricação do homem sintético – acalentado há muito tempo - que tem sido repetido em claves, tons e variações diversas nas deglutições jubilosas das promessas tecnocientíficas, e pelas ficções inebriantes.

A constatação da recorrente alusão à ficção científica (FC) para se falar nos logros e fracassos dos recentes avanços da tecnologia nos campos da Inteligência Artificial, Robótica, Vida Artificial, Bioinformática, Nanotecnologia em busca da construção do “humano Artificial” serviu-nos de motivação principal para o estudo e análise da *astúcia da mimesis e a (des)qualificação do humano? a diluição das fronteiras entre orgânico e mecânico* encerrado no binômio ficção-realidade.

Isso porque, há muito tempo, sabemos que um dos mais intensos sentimentos que norteia e alimenta o trabalho dos cientistas, e que ganha relevo com o advento da Inteligência Artificial (IA), nos anos 1950<sup>3</sup>, é a tentativa de produzir máquinas capazes de desempenhar funções de membros e órgãos do corpo humano com a finalidade de

---

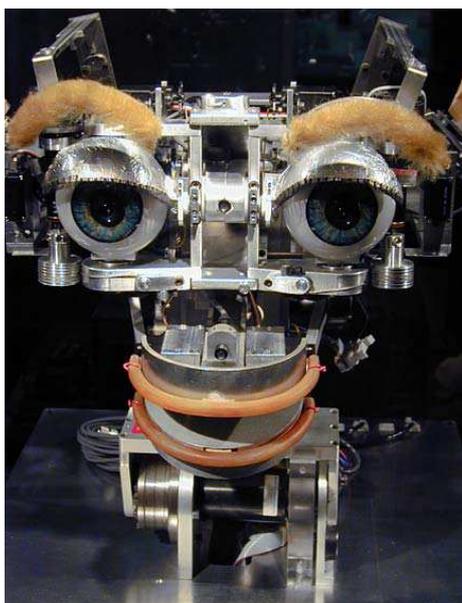
<sup>3</sup> Com o término da II Guerra Mundial, o desenvolvimento do campo da IA começou a ganhar força, em 1951, com a publicação do artigo de Alan Turing, matemático britânico, « *Computing Machinery and Intelligence* ». Isso porque é nesse artigo que Turing apresenta seu *Jogo da Imitação* ou *Teste de Turing* em que sugere, na teoria, a possibilidade da modelagem da inteligência humana, produzindo assim uma inteligência artificial (Hodges, 2001 ; Kurzweil, 2007 ; Winograd, 2001 ; Pessis-Pasternak, 1993 ; Berkeley, 2007). Acredita-se, comumente, que Inteligência Artificial, como disciplina, nasceu de uma conferência organizada, entre outros, por John McCarthy e Marvin Minsky intitulada *The Dartmouth Summer research Project on Artificial Intelligence* (Berkeley, 2007). De acordo com Istiván Berkeley (2007), foi durante essa conferência que os cientistas Herbert Simon e Alan Newell apresentaram e demonstraram o sistema conhecido como *Logic Theorist* (Teorista Lógico), este, nas palavras de Feigenbaum e Feldman, era a « primeira incursão da Inteligência Artificial nos processos intelectuais elevados » (Feigenbaum & Feldman apud Berkeley, 2007, in < <http://www.ucs.louisiana.edu/~isb9112/dept/phil341/wisai/WhatisAI.html>>). A IA teve um início bem sucedido e promissor com o desenvolvimento de sistemas, como « DENDRAL » (sistema capaz de mecanizar aspectos de raciocínio científico descobertos na química orgânica) e o « MYCIN » (sistema capaz de diagnosticar doenças infecciosas de forma interativa), que poderiam performar tarefas aparentemente inteligentes (Berkeley, 2007).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

restituir, substituir ou ampliar o poder de alcance para além dos seus limites (Muri, 2003; Santaella, 2003, 2002; Sibilia, 2002; Santos, 2000; Haraway, 2000; Kunzru, 2000; Sim, 1998; Grey *at al*, 1995; Pessis-Pasternak, 1993).

Desse modo, como paladinos da modernidade, os cientistas-artífices da IA



**Imagem 02** Robô *Kismet*, desenvolvido pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT).

comportamentos humanos.

De acordo com Terry Winograd<sup>8</sup> (2001), teórico de IA, é justamente a “inteligência artificial” contida nessas máquinas “que lhes permite imitar algumas de nossas atitudes de aprendizagem e, às vezes até mesmo ultrapassar-nos”.

---

<sup>4</sup> Produzido pela Honda, *Asimo* foi o primeiro robô humanóide capaz de subir e descer escadas. Ele mede 1,20m e caminha a uma velocidade de 3km/h.

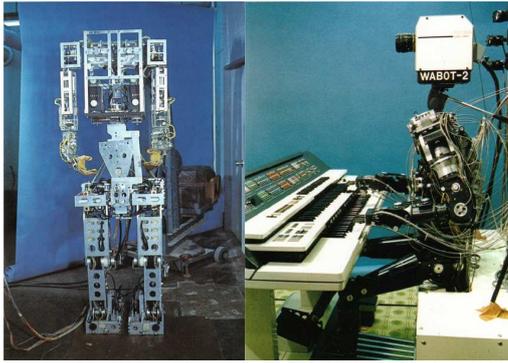
<sup>5</sup> Desenvolvido, pelo cientista Robert Brooks, no Instituto tecnológico de Massachusetts – MIT, *Kismet* é um robô que conversa e « expressa emoções ».

<sup>6</sup> Produzido pela empresa Sony, *Qrio* é um robô humanóide que possui capacidades intelectuais e um sistema sensorial auditivo e visual que lhe permite distinguir pessoas pela face ou fala. Medindo 58cm e pensando 6,5kg, ele também é capaz de executar passos de dança. Quando pronunciado, em inglês, seu nome sugere um robô curioso.

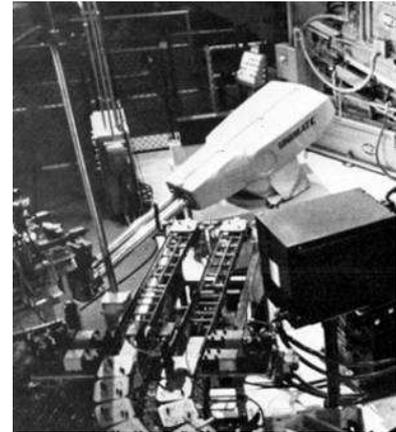
<sup>7</sup> A lógica difusa ou lógica *fuzzy* é uma generalização da álgebra *booleana* (estruturas algébricas que captam a essência das operações lógicas E, OU e NÃO, das operações da teoria dos conjuntos soma, produto e complemento, bem como é o fundamento da matemática computacional baseada em números binários.) que admite valores lógicos intermediários entre a falsidade e a verdade (como o « talvez ») (<[http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica\\_difusa](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica_difusa)>, acessado em 29/04/2007, às 2h14m).

<sup>8</sup> Winograd é conhecido por ter desenvolvido o Sistema Completo de Linguagem Natural, no MIT, em 1972, conhecido como SHRDLU.

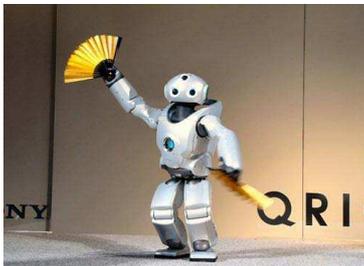
# A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico



**Imagem 03** - *Wabot-1* (esquerda), 1970. *Wabot-2* (direita), 1980, tocando piano. Robôs humanóides produzidos pela Universidade de Waseda, no Japão.



**Imagem 04** - *Unimate*, primeiro robô eletrônico a ser utilizado na indústria. Disponível em: <[http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924\\_robos\\_album.jhtm](http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924_robos_album.jhtm)>



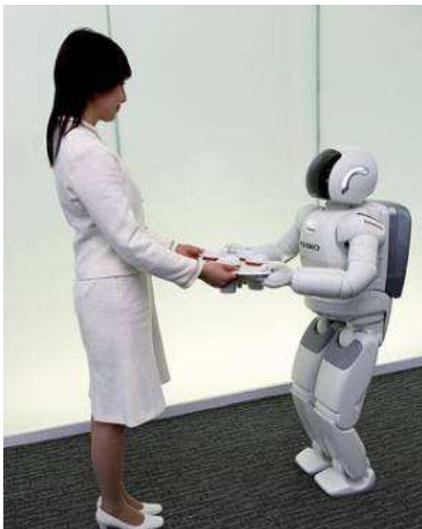
**Imagem 05** - *Qrio*, robô da Sony, executando passos de dança durante exposição de robótica.



**Imagem 06** - *Robosapien* já vendeu mais de 04 milhões de cópias e estrelou uma campanha publicitária para a McDonald's. Corre, anda, dança e executa movimentos de artes marciais. Disponível em: <[http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924\\_robos\\_album.jhtm](http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924_robos_album.jhtm)>



**Imagem 07** - *Rogum*, da Korn Tech, empresa coreana, foi desenvolvido para cuidar de crianças ou trabalhar na segurança. Pode reconhecer rostos humanos e avisar sobre intrusos. Disponível em: <[http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924\\_robos\\_album.jhtm](http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924_robos_album.jhtm)>



**Imagem 08** - O robô *Asimo* vem sendo desenvolvido e aprimorado, desde 1986, pela empresa japonesa Honda. É capaz de jogar futebol, subir escadas, carregar bandejas e interagir com humanos. Disponível em: <[http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924\\_robos\\_album.jhtm](http://tecnologia.uol.com.br/album/20070924_robos_album.jhtm)>



**Imagem 09** - Hikari Asano (d), estudante da Universidade de Ciências de Tóquio, ao lado de sua sócia humanóide *Pikarin*, enquanto as duas fazem uma cara "triste". O robô é capaz de expressões de felicidade, medo e surpresa. Disponível em: <[http://tecnologia.uol.com.br/album/2007-10\\_album.jhtm?abrefoto=10](http://tecnologia.uol.com.br/album/2007-10_album.jhtm?abrefoto=10)>

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Como é possível perceber, a lógica que tem orientado, a princípio, a construção dessas criaturas é a da semelhança. No entanto, essa lógica traz em seu cerne um desejo de diferença, já que comumente o movimento do conhecimento tecnocientífico é o do aprimoramento dos objetos produzidos. Ou seja, num primeiro momento, a tecnociência tem o homem/natureza como inspiração, no entanto, alcançado o intuito inaugural principia-se o movimento de correção das imperfeições e, conseqüentemente, da superação dos limites (im)postos pela sua biologia (Le Breton, 2003). De algum modo esse impulso tende a rebaixar o modelo e nesse sentido sugerir sua desqualificação. É a esse impulso que nos referimos como *astúcia da mimesis*<sup>9</sup>.

Portanto, não sem grandes razões, a imitação/*mimesis* e apreensão dos caracteres humanos, dentro dessa sociedade tecnológica, encabeçam o desenvolvimento de máquinas que se tornam dispositivos cada vez mais híbridos, incorporando, de um lado, elementos biológicos e do outro, elementos sintéticos, a fim de performar funções sensoriais e metabólicas.

O processo de incorporação de dispositivos tecnológicos, que atravessam e “profanam as sagradas” fronteiras da carne, tem contribuído com o discurso em prol da desumanização ou desqualificação do humano. Isso porque, inicialmente, a tecnociência - através da imitação - gera o embaçamento das fronteiras ou impossibilidade de distinção entre humanos e não-humanos ou quase-equivalência entre eles (mas, ainda, com a manutenção da primazia do homem sobre todos os

---

<sup>9</sup> Em seu livro *A Astúcia da Mimese: Ensaios sobre Lírica*, José Guilherme Merquior faz uma aclimatação da fórmula hegeliana *List der Vernunft* (astúcia da razão), cuja tese, ao mesmo tempo em que seduz, atemoriza e atormenta. Merquior nos apresenta a Lírica como mimese, mas não simplesmente de “ações ou caracteres, mas de estados anímicos. E esse caráter anímico, assim como a simulação das ações humanas e caracteres é o que é discutido neste trabalho. A astúcia da mimesis, aqui, revela a astúcia da razão, de uma razão que visa escrutinar o mundo natural para não apenas reproduzi-lo, mas principalmente produzi-lo a fim de desqualificar o primeiro ?

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

demais - animais e máquinas) e, posteriormente nos conduz a uma nova configuração social, por meio da superação da natureza, estabelecendo a primazia do primeiro (máquina) sobre o segundo (homem).

De todo modo, numa sociedade profundamente tecnologizada, queiramos ou não, a penetração da carne por dispositivos técnicos é inevitável (próteses, tecnologias cosméticas, farmacêuticas, etc.) e contribui para, além do controle ou aumento da repressão (como afirmava os teóricos de Frankfurt, como Marcuse), uma radicalização da reificação do corpo e, conseqüentemente, sua obsolescência (Le Breton, 2003).

Logicamente, para nós, isso parece estar claro no instante em que os artefatos técnicos deixam de se constituírem meras restituições, extensões, projeções e amplificações das capacidades próprias ao corpo humano e passam a vislumbrar meios para transcender o corpo físico, a finitude da existência humana (Grey *et al*, 1995; Winograd, 2001; Pessis-Pasternak, 1993; Le Breton, 1999). Nesse sentido, a astúcia da *mimesis* – nada mais sendo que astúcia da razão - residiria naquilo que Hermínio Martins defende como impulso fáustico ou apropriação ilimitada da natureza.

Em seu livro *Hegel, Texas e outros Ensaio de Teoria Social* (1996), Hermínio Martins, sociólogo português, afirma ter havido uma mudança na base filosófica do pensamento tecnocientífico ocidental. De acordo com Martins, o projeto tecnocientífico - norteado pela tradição prometéica - via no conhecimento, no poder de dominar a natureza, a forma de promover e garantir o bem-estar, a emancipação e a superação da opressão da espécie humana. Esse projeto, apesar de buscar o aperfeiçoamento do corpo, havia incorporado bem as lições de Prometeu, já que estava consciente da existência dos limites para o que podia ser conhecido, feito e criado e que certos assuntos pertenceriam, exclusivamente, aos domínios divinos.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Mas, essa é uma página virada da história, a agenda tecnocientífica prometéica, paulatinamente, foi substituída pelo projeto tecnocientífico de tradição fáustica. Este projeto se contrapõe a tecnociência de tradição prometéica por nortear-se pelo desejo incontrolável de infinitude, pela apropriação e superação ilimitada da natureza. Numa agenda sem constrangimentos - e em sintonia com o projeto capitalista (acumulação ilimitada de capital) - a tecnociência fáustica se vê livre para romper fronteiras, promover fusões, para colocar o homem-natural pelo avesso, principalmente porque a evolução tecnológica é bilhões de vezes mais veloz que a biológica (Martins, 1996 ; Sibilia, 2002).

A velocidade no processo de conhecimento sobre o organismo humano (suas funções, principalmente em relação ao cérebro) tem permitido aos cientistas vislumbrarem a aproximação do velho sonho humano do automatismo, bem como considerarem a possibilidade da imitação bem-sucedida e até mesmo a ultrapassagem dos processos humanos pelas máquinas. A percepção de uma possível superação – dos humanos pelas máquinas –, em lugar de mera imitação de ações pré-programadas (lógica da analogia), está atrelada à aspiração dos especialistas em IA em construir máquinas com aptidões para aprender (lógica da diferença) (Kurzweil, 2007).

Eis a astúcia da *mimesis*, posto que já não se trata mais de criar máquinas antropomórficas que criem apenas a ilusão de “inteligência” ou “humanidade” – efeitos de superfície -, mas de desenvolver artefatos capazes de construir sua própria aprendizagem e identidade a partir dos contextos nos quais estarão submersos. Assim, em lugar de simples reprodução-imitação, os artefatos ditos “inteligentes” têm sugerido a própria modificação da estrutura da natureza natural.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Esse é o foco de interesse deste trabalho. Ou seja, nas páginas que seguem partimos do princípio de que os avanços tecnocientíficos no campo da Inteligência Artificial, Robótica, Engenharia Genética, Bioinformática, etc. ao proporem a diluição das fronteiras entre mecânico e orgânico, entre natureza e sociedade, sugerem o deslocamento da primazia do homem natural em detrimento do homem artificial, indicando uma possível desqualificação.

Para explorar os labirintos do desenvolvimento tecnológico nos campos da Inteligência Artificial, Robótica, Cibernética, Bioinformática, Vida Artificial, Engenharia Genética etc, bem como da articulação entre ficção e realidade, optamos, tal como Paula Sibilia (2002: p. 21), pelo ensaio, como método, para elaboração do nosso trabalho por se tratar de um gênero híbrido “que se nutre tanto das artes quanto das ciências”. Trata-se de, como diz ela,

Uma escrita diletante, que se abre aos labirintos intertextuais para beber das fontes mais diversas: papers acadêmicos e textos filosóficos, filmes documentários e de ficção, anúncios publicitários, romances clássicos, artigos de revistas e jornais, livros teóricos e páginas da internet. [...] Aparentada com a técnica plástica da *collage* ou com a errância do *flâneur* na cidade moderna, a prosa do ensaio discorre de forma fragmentária e anti-sistemática, tecendo argumentações à medida que avança sem rumo fixo em sua travessia textual. Com seu andar sinuoso, o ensaio é mais afeito a perguntas do que à elaboração de respostas, articulando questões ao entrever incertezas e lidando com metáforas e conceitos para tentar significá-las.

Dado esse esclarecimento, apresentamos agora a estrutura de desenvolvimento deste trabalho. O primeiro capítulo da dissertação, *Nas Sendas da Mimesis: alguns aportes teóricos*, recupera e reedita a discussão existente em torno da *mimesis*, indo de Platão a Luiz Costa Lima para mostrar sua pertinência na análise dos filmes de Ficção Científica (FC) que têm como tema principal, por um lado, robôs que se humanizam e, por outro lado, humanos que se mecanizam. Ao penetrar os meandros dessas narrativas a *mimesis* mostrará certa impossibilidade para se definir como elemento

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

*desumanizador* devendo, portanto ser evitada, como queria Platão); ou, como algo que traz em seu cerne componente *humanizador*, como é o caso de Aristóteles.

O capítulo seguinte, ***Rediscutindo Fronteiras: a sociedade ciborgue e a proliferação dos híbridos***, introduz e desenvolve as questões que gravitam em redor do conceito ciborgue, dando-nos o primeiro vislumbre tanto dos espaços concretos quanto dos cenários hipotéticos para que tenhamos condições de estreitar as veredas que nos conduzirão através dos crescentes e acelerados avanços nos campos da Cibernética, Vida Artificial, Realidade Artificial, Biologia Molecular ou Sintética, Engenharia Genética, Inteligência Artificial, ou da presença marcante de instrumentos tecnológicos, gradativamente, até a diluição das fronteiras entre orgânico e mecânico e a proliferação dos híbridos (Haraway, 2000; Santaella, 2003, 2004; Santos, 2003; Sibilia, 2002).

No terceiro capítulo, ***Prelúdio a uma Sociologia da Ficção Científica***, abordamos de forma sistemática, mas ampla, as questões em torno do que é a Ficção Científica (FC) e quais os artifícios – exploração e extrapolação dos elementos constitutivos da tecnociência - que ela utiliza para criar narrativas plausíveis sobre os rumos de uma sociedade tecnológica. Dentro desse escopo mais abrangente que envolve o universo da ficção científica delineamos, principalmente, a evolução dos seres antropomórficos – autômatos, robôs, andróides e ciborgues – como resultado da *mímesis* do ser humano alcançada pelos avanços tecnológicos.

Por fim, em ***Elementos da Ficção Científica Mapeando nossa Realidade Social***, mergulhamos fundo naquilo que vimos propondo ao longo deste trabalho como sendo *a astúcia da mimesis e a (des)qualificação do humano? a diluição das fronteiras entre orgânico e mecânico* ao espicaçarmos dois filmes de maneira mais exaustiva:

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

*RoboCop* (1987) e *Blade Runner* (1982). Isso porque os dois filmes, além de apresentarem os elementos em questão (modelação de máquinas antropomórficas), têm a indicação e respeito de cientistas renomados. *RoboCop*, por exemplo, é visto como uma possibilidade de realização futura para o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis. Já *Blade Runner*, foi escolhido como filme do século, numa pesquisa realizada com cientistas do mundo inteiro (Allok, 2004).

A unidade de análise dos mesmos, assim, é o tema. Portanto, imitação (*mimesis*), desqualificação, humano, máquina, orgânico, natural, artificial, fronteiras são algumas das unidades consideradas no desenvolvimento deste trabalho. No Caso de *RoboCop* (1987) os avanços nas áreas da engenharia genética, biologia molecular, nanotecnologia, inteligência artificial e robótica revela a percepção de um ser humano (corpo-mente), reificado, desqualificado, como algo que pode e deve ser constantemente moldado, reorganizado, aprimorado com intuito de forjar um corpo-máquina performativamente mais resistente e ativo que o corpo-mente *in natura* (Le Breton, 2003). *RoboCop*, torna-se importante, na medida em que acentua as dúvidas e suspeitas diante do embaçamento das fronteiras entre o artificial e o natural, orgânico e inorgânico e da obsolescência dos humanos diante do universo efervescente das próteses biotecnológicas como o prenúncio do advento de uma nova espécie: o pós-humano.

Já *Blade Runner* (1982), por seu turno, revela-nos a forma mais astuta da *mimesis*: a excelsa racionalidade do sistema que prima pela maximização de ganhos e minimização de perdas. Ou seja, como princípio que se pretende comandar o mundo humano (natureza) pelo entendimento, e nesse sentido, está inclinado ao desvendamento da “qualidade oculta” que, em tese, rege o mundo natural. Através

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

dos replicantes e sua estranha obsessão – mais tempo de “vida” – as várias facetas do desenvolvimento tecnológico são acentuadas através da versatilidade da *mimesis* que trilha nas sendas das verossimilhanças, mas que não se permite nunca ser reduzida a mera cópia. Com Blade Runner as metáforas humanizadoras das máquinas ganham foros de inquietude diante da busca pela construção do ser artificial com qualidades humanas e sobre-humanas.

Portanto, nosso trabalho torna patente que a ficção, fruto do divórcio entre nossa “realidade limitada” e nossos “apetites desmedidos” (Llosa, 2004), é fundamental para o estudo crítico do “*output* humano” (Dyson, 1998, 2000) acerca das promessas e possibilidades aventadas pela IA, Robótica entre outras é fundamental para os desdobramentos tecnosociais atuais e vindouros.

CAPÍTULO 1 - NAS SENDAS DA MÍMESIS:  
Alguns Aportes Teóricos

---

A *mimesis*, se ainda cabe insistir, não é imitação exatamente porque não se encerra com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um *significado*, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a *mimesis* a ser *significante* perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro *significado*. Ou seja, se como dissemos, o produto mimético é um dos modos de estabelecimento de identidade social, ele assim funciona à medida que permite a alocação de um significado, função da semelhança que o produto mostra com uma situação vivida ou conhecida pelo receptor, o qual é sempre variável.

Luiz Costa Lima

**E**m *Mimesis e Modernidade*, Luiz Costa Lima (1980, p.1) - referindo-se a si mesmo - questiona, em relação à *mimesis*, sobre “como alguém que não é nem filósofo, nem helenista se propõe a escrever sobre um tema, que ora parece inexaurível, ora parece há muito esgotado?” No entanto, mesmo diante desse dilema e de uma “aparente” limitação (afinal de contas, também não sou filósofa) parece que correr o risco, ou seja, (re)discutir a *mimesis* parece-nos ser um caminho tanto válido quanto pertinente para o nosso trabalho.

A validade de revolver a discussão sobre o conceito dá-se sob a égide da crença de que o assunto ainda, a nosso ver, não se encontrar esgotado e mostrar-se bastante atual no que diz respeito a sua relação com as conseqüências dos avanços tecnocientíficos no âmbito da Cibernética, Biologia Molecular, Inteligência Artificial, Robótica, Engenharia Genética sobre a sociedade.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Sua pertinência, ademais, residirá no fato de procurarmos saber até que ponto os filmes de ficção científica – que têm como tema principal, de um lado, robôs que se humanizam e, do outro lado, humanos que se mecanizam não poderiam ser concebidos como uma reedição da discussão filosófico-política, outrora encabeçada por Platão, sobre “repetição” ou cópia como algo enganador e que *desumaniza* devendo portanto, ser evitada; ou, como queria Aristóteles, a “imitação”, a “reprodução”, a “*mímesis*” poderia ser vista como algo que traria em seu cerne um elemento *humanizador*.

Nessa esteira é-nos possível trazer à tona outros temas que se encontram intimamente enredados já que nos remetem à questão da (des)umanização/(des)qualificação do humano diante de processos que reproduzem/imitam/simulam não somente a capacidade cognitiva dos seres humanos, mas também as características físicas dos mesmos por meio de *softwares* ou próteses biomecânicas; estreitando cada vez mais as fronteiras existentes entre homens e máquinas.

Inquirir, por exemplo, se a dependência do homem em relação à máquina estaria contribuindo para a **maquinização** do ser humano; Ou se os filmes de ficção científica, em alguma medida, estariam revelando um tipo determinado de culto à máquina (tecnologia) em torno do conceito de **performatividade** e **eficiência** e, nesse caso, **desqualificação do humano**; Ou porque não tentar entender em que medida as discussões sobre as metáforas da humanização gradativa da máquina e da maquinização progressiva do ser humano, tão presentes em filmes e obras de ficção de fantasia, é promovida dentro dos limites teóricos oferecidos pela velha discussão acerca da imitação, repetição, da *mimesis*; é fundamental.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Os filmes de ficção científica que narram histórias de máquinas que se humanizam (ciborgues), como *Geração Proteus* (1974), *Blade Runner: o caçador de andróides* (1982), *O Exterminador do Futuro* (1984), *Curto Circuito* (1986), *O Homem Bicentenário* (1999), *Inteligência Artificial* (2001), *Eu, Robô* (2004), entre outros, exploram a questão de que no futuro os seres *tecnoartificiais* não serão tão distintos dos seres orgânicos (humanos ou animais, não importa).

O tema da mecanização, da imitação constitui o argumento-base dessas narrativas fílmicas reeditando o debate platônico e aristotélico em torno da *mímesis*. Essas ficções científicas nos deixam vislumbrar as “possíveis” conseqüências ou implicações advindas do mimetismo da vida. Por exemplo, os teóricos da Inteligência Artificial (Alan Turing, Herbert Simon, Marvin Minsky), e certos filmes, defendem que a inteligência pode ser alcançada pela imitação da inteligência – o famoso teste de Turing é uma evidência nessa direção. Diante dessa possibilidade, ao menos em nível teórico, certos intelectuais, e certos filmes, reforçam o discurso da repetição como sinônimo de desumanização: Escola de Frankfurt, *Metrópolis* (1927), *Tempos Modernos* (1936), para citar alguns.

No filme *Blade Runner*, por exemplo, o problema em torno das implicações sobre a *mímesis* do ser humano (ou da natureza) ganha força especial no momento em que vemos ser revelado o objetivo maior que norteia o projeto genético para a fabricação da série *Nexus-6*: torná-los *mais humanos que os seres humanos*. A *mímesis* perfeita, onde nem o “teste *Voigt-Kampff*” seria capaz de diferenciar o *ser humano* de natureza natural do *ser humano* de natureza *biotecnológica*.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

O teste *Voigt-Kampff* seria uma versão fictícia para o Teste de Turing, também conhecido como “jogo da imitação<sup>10</sup>”. O *Voigt-Kampff*, em *Blade Runner*, tem como função principal avaliar as respostas emocionais, empáticas daquele(a) que está sendo examinado. Já o “jogo da imitação” de Turing<sup>11</sup>, visa avaliar a *astúcia* da máquina ao se fazer confundir ou se passar por humano (ou não se fazer descobrir como máquina). Para o matemático inglês, Alan Turing, se a máquina não conseguisse ser identificada como tal pelo investigador humano, concluir-se-ia, pois, que elas eram capazes de pensar (Hodges, 2001).

Mas disso surge um outro problema, já que Sherry Turkle adverte que “a controvérsia sobre computadores não se volta sobre a capacidade de inteligência, mas sobre sua capacidade para a vida. Nós estamos dispostos a aceitar que a máquina tem uma psicologia, mas que ela não está viva”<sup>12</sup> (Turkle *apud* Jörgensen, 2001: 66). Se por um lado, Turkle negará “vida” aos objetos técnicos **desumanizando-os**, por outro lado, não lhes recusará o predicado de “agências” ao lhes conferir uma psicologia imposta a eles pelos *actants* humanos, conseqüentemente, **humanizando-os**.

---

<sup>10</sup> O « jogo da imitação » pode ser descrito do seguinte modo: jogado por três participantes, onde o primeiro (A) é humano, o segundo (B) é a máquina e o terceiro (C) um interrogador, também, humano. Assim, (C) é colocado em uma sala separada de (A) e (B). O jogo consiste em perguntas e respostas feitas por intermédio de um terminal maquínico. A intenção de (C) é tentar descobrir qual deles é a máquina; o objetivo de (B) é o de não se deixar descobrir, ou seja, o de se fazer passar por humano ao enganar o examinador. Para Turing, se o examinador (C) não fosse capaz de identificar a máquina, então ela seria capaz de pensar (Hodges, 2001; Turkle, 1989).

<sup>11</sup> Alan Turing, através de suas máquinas-de-estado-discreto, defendia a tese de que elas teriam a capacidade de “imitar” o *efeito* de qualquer atividade da mente humana, ou seja, que elas poderiam pensar. Isso porque Turing pensava no cérebro humano, também, como uma máquina de estado discreto. Para ele, a máquina de estado discreto seria capaz de registrar seu comportamento numa tabela, logo, “toda característica relevante para o pensamento pode ser captada numa tabela de comportamento e, assim, simulada por um computador. A única questão que pode restar é se a velocidade e as dimensões espaciais do cérebro e a natureza de sua interface física com o mundo são também relevantes para sua função” (Hodges, 2001: 43).

<sup>12</sup> As citações e traduções para o português, neste trabalho, de obras estrangeiras são de inteira responsabilidade da autora.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Nesse sentido, ser ou não dotado de “vida” tornar-se-á algo menor se comparado a característica agência, que é vista como sendo “alguma coisa pertencente à atividade dos sujeitos humanos livres que são capazes de agir sobre o mundo e, conseqüentemente, mostram diferentes graus de agência” (Jørgensen, 2001: 23).

Ainda nessa mesma direção, Jarl Jørgensen (2001, p.24), em sua dissertação de mestrado *Cyberculture, Science and AIBO: a non-modern view on collectives, artificial life and playful quasi-objects*, seguindo o enalço de Bruno Latour, afirmará que “um *ator-actant* se torna o que é através de suas ações em um coletivo<sup>13</sup> determinado, não importa seu *status* como humano ou não-humano”. Nesse caso, segundo Jørgensen, teríamos que reconhecer que

Estamos entrando numa era onde vemos o *desenvolvimento dos agentes autônomos que têm valores e habilidades humanas atribuídas a eles*, seja num laboratório de ciência, dentro de um computador ou num brinquedo de loja. Em outras palavras, estamos de frente para os valores, as habilidades e capacidades atribuídas aos quase-objetos que normalmente são associadas com a agência humana – entidades verdadeiramente híbridas. Essa travessia de fronteiras entre a agência humana e material é uma importante característica da cybercultura (Jørgensen, 2001: 25). [Grifos meus].

Entre os que se sentiram impressionados com a qualidade dramática dessa possibilidade, ou seja, da máquina ser capaz de pensar, (ou de jogar xadrez e vencer um oponente humano) figurava Norbert Wiener. “Para o matemático geralmente considerado o fundador da cibernética, a vitória da máquina sobre o seu criador simbolizava uma nova era. [...]” (Turkle, 1989: 240).

Com o encontro entre *Dr. Victor Frankenstein* e o *Monstro (Frankenstein)*, *Dr. Tyrell* e *Roy (Blade Runner)* ou rabino Loew e o *golem*, as implicações da vitória da criatura sobre o criador, para Wiener “tocava as raias do teológico: ‘Poderia Deus

---

<sup>13</sup> Em *A Esperança de Pandora* (2001), o filósofo e antropólogo Bruno Latour institui a palavra “coletivos”, em substituição ao termo sociedade, para designar a associação entre humanos e não-humanos.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

disputar um jogo significativo com a sua própria criatura? Poderá qualquer criador, ainda que limitado, disputar um jogo significativo com a sua própria criatura?” (Idem).

Porém, quando esse jogo significativo passa a ser o jogo da vida, o domínio sobre a existência, a derrota do criador poderá ter sérias implicações na reconfiguração da sociedade tanto favoráveis e úteis quanto desvantajosas e destrutivas. No *tour de force* entre natureza-cultura, tecnologia-sociedade, a intenção de se duplicar ou mimetizar os sistemas e mecanismos biológicos, vista como algo benéfico/produtivo para a sociedade contemporânea, pode colocar (se já não colocou) em xeque a diferença ontológica que separa os seres orgânicos (animais e plantas) dos seres inorgânicos (artefatos fabricados pelos homens) (Machado, 2001). Ou seja, a vitória da criatura, do mecanismo ou artefato estaria revelando a crise de um humanismo que rejeitou a *mimesis* como fundamento do aprendizado humano.

Em relação à imitação/*mimesis* e seu aspecto desprezível e vil, no Livro X d’A *República*, Platão-Sócrates propõe a expulsão da cidade perfeita dos poetas e pintores por considerá-los simples imitadores e que nada sabiam do real, conseqüentemente, encontrar-se-iam muito distantes da Verdade (*Alétheia*). Isso porque, na concepção platônica, como efeito ilustrativo, existiriam três espécies de camas e três tipos de fazedores de camas, a saber: a cama que existe como um conceito universal, uma *eidós* que é fabricada por Deus; a cama feita pelo marceneiro; e a terceira que seria obra do pintor.

Assim, em relação a esse objeto (cama), o pintor (bem como o poeta trágico, posteriormente) não seria visto como um artífice, mas sim “um imitador daquilo que os outros fabricam” (nesse caso, Deus e o marceneiro). Para Platão-Sócrates, sequer o

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

pintor “imita” aquilo que existe na natureza, mas simplesmente se restringe as obras do artífice (marceneiro) e isso faz com que ele (pintor) ocupe o terceiro lugar da série, a começar por Deus (pela idéia de cama) e da verdade, por isso os poetas não teriam lugar na República.

Não é à toa que Sócrates (Platão, p.219) diz a Gláucon que “bem longe da verdade está, pois, o imitador; e, ao que parece, se pode fazer todas as coisas é porque não alcança senão uma pequena parte dela, parte essa que é um mero fantasma”. Nesse caso, Platão-Sócrates critica a *mímesis* porque vê nela e em seus perpetradores um fator de engano e ilusão, portanto, um elemento execrável e dispensável na cidade justa devendo ser combatida e rejeitada pelo Estadista-Filósofo (Gagnebin, 1997; Duarte, 1993; Lima, 1986; Platão).

Conseqüentemente, como afirma Luiz Costa Lima (1980, p.31), com Platão *miméisthai*<sup>14</sup>, *mímesis* e suas derivações adquirem o caráter de mera “imitação” porque passa a ser confrontada “com o representado e, em vez de julgada por seu valor de expressão do anímico, é questionada por seu grau de verdade”. Isso apenas ratifica o que vimos acima quando Platão questiona a representação artística em detrimento da verdade das Idéias e, por conseguinte, a *mímesis* é relegada à cópia de terceiro grau.

O argumento platônico, portanto, questiona em que medida algo (re)produzido pode vir a *representar* a “verdade”? Na medida em que for fiel ao original, eidos, de onde provém? Assim o pintor, por não representar, por não imitar uma idéia, um conceito, mas sim sua aparência é desqualificado. É a tal coisa: um papagaio fala, mas

---

<sup>14</sup> *Miméisthai* significa atividade de “imitar”. Ao que parece, de acordo com Göram Sörbom (Sörbom apud Lima, 1980: 29), “o grupo *miméisthai* (derivado de *mimos*) era usado para denotar a criação artística e sua conotação pode haver consistido em idéias acerca da criação artística como uma manifestação concreta de uma matéria por meio da semelhança nos meios artísticos da cor, da forma e do som”.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

não conversa. Ele é cego do ponto de vista lingüístico porque ele não tem acesso ao eidos, mas à sua externalização, sua aparência. Contudo, na própria filosofia platônica reside uma contradição em relação à *mímesis*.

De acordo com Jeanne Marie Gagnebin (1997, p.84) a própria filosofia platônica apóia-se sobre uma concepção mimética do pensamento, já que ele está sempre traduzindo e reproduzindo o paradigma ideal. Esse gesto mimético originário de Platão fará com que o filósofo tente diferenciar a qualquer custo a *mímesis* filosófica – “que representa autenticamente as essências” –, da *mímesis* artística produtora de simulacros. Assim, disciplinando a *mímesis* artística, Platão tentava canalizar a força dos impulsos reprimidos em direção da *vontade de verdade* que seria pura *vontade de poder*, num sentido *nietzscheano*.

Enquanto Platão rejeitou a *mímesis* em nome de uma “razão” proveniente desse “mundo verdadeiro”, disciplinando-a, deslocando-a e reduzindo-a a simples imitação; Aristóteles, por sua vez, irá não somente readmiti-la, mas também lhe restituirá a dignidade negada, já que a privilegia como forma humana de aprendizado. Ao negar o sentido reducionista e grosseiro de cópia conferido à *mímesis* por seu mestre (Platão), Aristóteles não irá se preocupar ou se interessar pelo “que deve ser representado/imitado, mas como se imita”. De acordo com Gagnebin (1997, pp.84-85),

Aristóteles fala em *mímesis* e em *miméisthai*, ligando o êxito da representação artística não à reprodução do modelo, mas sim ao desenvolvimento integral e harmonioso da faculdade mimética. A definição aristotélica ressalta, em oposição a Platão, o ganho trazido pela *mímesis* ao conhecimento, pois o que é conhecido não é tanto o objeto reproduzido enquanto tal – era a exigência aporética de Platão – mas muito mais a relação entre a imagem e o objeto. O momento específico e prazeroso do aprendizado por meio do *miméisthai* está na produção dessa relação.

Ou seja, para imitar é preciso saber interpretar, saber determinar a relação entre imagem e objeto – o que nos afastaria da crítica platônica de que toda imitação nos

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

desumaniza. Para Aristóteles (1959, p.275) nós além de tendermos à imitação desde a infância, nos diferenciamos dos demais seres por causa dessa aptidão profundamente desenvolvida e, mais ainda, adquirimos nossos primeiros conhecimentos por meio da imitação e por ela experimentamos o prazer. Isto é,

A prova é-nos visivelmente fornecida pelos fatos: objetos reais que não conseguimos olhar sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas imagens mais exata; é o caso dos mais repugnantes animais ferozes e dos cadáveres. A causa é que a aquisição de um conhecimento arrebatava não só o filósofo, mas todos os seres humanos, mesmo que não saboreiem durante muito tempo essa satisfação. Sentem prazer em olhar essas imagens, cuja vista os instrui e os induz a discorrer sobre cada uma e a discernir aí fulano ou sicrano.

Desse modo, concordamos com Gagnebin (1997, p.85) quando diz que nesse trecho da *Poética* é possível destacar dois pontos essenciais: o primeiro, trata-se da *mimesis* como algo inerente à natureza humana, caracterizando em particular o aprendizado humano. Nesse caso, a “ligação entre *miméisthai* e *manthanein* insiste no componente ativo e criativo da *mimesis* (contra a posição platônica) e a inscreve na atividade humana por excelência, no conhecer”; o segundo refere-se ao ganho do conhecimento através do “reconhecimento”. Isso porque, segundo Aristóteles, ao olharmos para as imagens e reconhecermos nelas uma representação da realidade, afirmamos esse é “fulano ou sicrano”. Nesse caso, a possibilidade de adequação signo-realidade na imitação pressupõe uma capacidade ativa de interpretação – e não a passividade vazia que Platão atribuía a essa atividade. Essa atividade não se ampara numa relação de causa e efeito, mas sim no **reconhecimento das semelhanças** (Lima, 1980).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



Imagem 10 – Andróide Andrew Martin diante da Suprema Corte Mundial. *O Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures.

É com base nesse “reconhecimento de semelhanças” que o andróide Andrew<sup>15</sup>, de *O Homem Bicentenário* (1999), colocar-se-á, por duas vezes, diante da

Suprema Corte Mundial para legislar em defesa do direito de *reconhecimento* e aceitação de sua “humanidade” e da legalização de seu casamento com um ser humano. Na primeira tentativa, os argumentos utilizados em defesa de sua “natureza humana” e da negação de tal “reconhecimento”, pela corte, se desenrolam do seguinte modo [Grifos meus]:

- (Juiz - J) – Andrew Martin, um passo à frente, por favor. *Sr. Martin quer a aprovação de um Projeto Lei declarando que é um ser humano?*
- (Andrew - A) – Mais especificamente uma licença para me casar com um humano.
- (J) – Entendo. *Devemos encarar o fato de que não importa o quanto se pareça com um humano, não faz parte do círculo humano.* Está totalmente fora dele. Sua espécie é outra. *Você é artificial.*
- (A) – Senhor e *quanto às pessoas do círculo humano com o corpo cheio de próteses* muitas das quais eu inventei? *O senhor não usa um rim meu? Você também não é artificial, em parte?*
- (J) – Em parte, sim.
- (A) – Então, *em parte sou humano...*
- (J) – Andrew, a sociedade tolera robôs imortais, mas não podemos tolerar um homem imortal. Cria muita inveja e muita raiva. *Sinto muito, mas esta corte não pode validar sua humanidade.* Assim, encerro este caso. *Esta corte decidiu que Andrew Martin, daqui por diante continuará a ser considerado um robô. Uma máquina, nada mais.*
- (A) – É um prazer servir-lhe.

---

<sup>15</sup> Interpretado pelo ator americano Robin Williams.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 11** – Andróide Andrew Martin de Volta à Suprema Corte Mundial. O *Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures.

Anos depois, de volta à Corte Suprema, *Andrew Martin* - dessa vez tendo provocado o envelhecimento/deterioração<sup>16</sup> de seu *ciberorganismo*; conseqüentemente, não mais

detentor da imortalidade que tanto incomodava os seres humanos - tenta uma vez mais obter o reconhecimento de sua humanidade por um júri mundial [Grifos meus]:

**(Presidente - P)** – Andrew Martin...

**(A)** – Sempre tentei entender as coisas. Deve haver uma razão para ser o que sou. Como pode ver, presidente, não sou mais imortal.

**(P)** – Tomou providências para morrer?

**(A)** – De certa forma, sim. *Estou envelhecendo e meu corpo está se deteriorando. Como o de vocês, vai parar de funcionar. Na condição de robô, poderia ter vivido para sempre.* Mas digo a todos vocês que *prefiro morrer como homem a viver eternamente como máquina.*

**(P)** – Por que quer fazer isso?

**(A)** – *Para ser reconhecido por quem sou e pelo que sou nada mais, nada menos.* Não é por fama nem por aprovação, mas *pela simples verdade de tal reconhecimento. Foi o impulso elementar da minha existência.* Devo alcançar isso vivendo ou morrendo com dignidade.

**(P)** – Senhor Martin, o que está pedindo é bastante complexo e polêmico. Não será uma decisão fácil. Terá de ter paciência enquanto reflito sobre esta questão extremamente delicada.

**(A)** – Aguardo sua decisão, presidente. Agradeço a paciência. Nós tentamos. (Andrew diz isso chorando e olhando para sua companheira, Portia).

Passados alguns anos, *Andrew Martin* – já bastante envelhecido e “cansado” - deitado ao lado de sua “esposa” *Portia*, aguarda a sentença que será pronunciada através da rede de TV. No entanto, Andrew termina por “morrer” ou parar de funcionar antes de ouvir proferida a sentença de reconhecimento de sua condição humana, ou

---

<sup>16</sup> A imortalidade de *Andrew* foi o argumento utilizado pelo juiz, no primeiro momento, para inviabilizar ou negar o “reconhecimento” da condição humana requerida pelo mesmo.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

seja, ser único e mortal, e, por conseguinte, a legitimação de sua união com um ser humano, como poderemos observar logo abaixo:

(P) - Início de Abril do ano 2005, em algumas horas terá 200 anos que, exceto Matusalém e outras figuras bíblicas, Andrew é o ser humano mais velho da história. Com esta proclamação torno válida sua união com Portia Charney e *reconheço* sua humanidade.

Analisando o fragmento acima de uma perspectiva aristotélica, constatamos, pois que tanto para *Andrew* - andróide cujas características físicas, emocionais e racionais em nada se diferenciam dos seres humanos – quanto para os juízes da Suprema Corte Mundial a garantia de sua “condição humana” residiria justamente no *reconhecimento*, na declaração, na confirmação das semelhanças que, como fruto de um “produto mimético”, apesar de pertencerem a espécies distintas (homem-máquina) empresta um significado para “o estabelecimento da identidade social”. Esse produto mimético, como vimos na epígrafe que iniciava o capítulo, entra em funcionamento na medida em que permite “a alocação de um significado, função da semelhança que o produto mostra com uma situação vivida ou conhecida pelo receptor” (Lima, 1980: 24).

Desse modo, concluímos, pois, que, diferentemente de Platão, a reflexão aristotélica confere a *mimesis* um caráter não somente positivo, mas também, ativo, produtivo e *humanizador* já que para Aristóteles (1959) o imitar é conatural ao ser humano, e – como vimos anteriormente - só através dele, o homem adquire seus primeiros conhecimentos (Gagnebin, 1997; Duarte, 1993; Lima, 1980).

Portanto, o “desfecho trágico” termina por promover uma (re)conciliação entre o real e o possível, entre aquilo que é (re)conhecido por todos (tais como

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

representações e significados comuns) e a projeção de possibilidade que a ação das palavras, da *lexis* e da forma significante como um todo, deixam em aberto.

O produto mimético é assim, o ‘microcosmo interpretativo de uma situação humana’, e como tal, um meio, *agenciado pelo imaginário*, que as palavras dessacralizadas franqueiam em sua ‘dobra’, em sua ‘força de engano’, de reconhecimento dos pares sociais com a comunidade a que pertencem (Benedito Nunes in Lima, 1980: xii-xiii).

Destarte, enquanto para uns (Platão) a *mímesis* provoca certo temor proveniente de uma possível “identificação” como o representado, isto é, “o extravio da alma que podia se realizar pela identificação com o representado” (Lima, 1980: 32), para outros (Aristóteles), a *mímesis* se destaca do imitativo porque “abstrai o meramente singular e alcança o artístico pela síntese que nos abre para o vivaz e concreto!” (Idem, p.29).

Deixando a filosofia um pouco de lado, falar em *desumanização* pela repetição/mecanização é trazer à baila, também, discussões clássicas da sociologia que remontam a Max Weber com sua *razão instrumental repetitiva* ou ainda a antiga querela entre Adorno e Horkheimer *versus* Walter Benjamim.

Para os autores da *Dialética do Esclarecimento* (1985, p.48), a razão tecnológica, “rigidamente funcionalizada”, tinha um potencial ao mesmo tempo admirável e ambíguo, visto que “a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta”; ao passo que n’*A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica* (1985), Benjamim – cujo pensamento parece ser resultante da mescla entre magia e positivismo - ao se referir aos suportes técnicos, em especial a fotografia que possibilita o congelamento e reprodução em larga escala da imagem, extrai “o sentido

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

filosófico da técnica”, por ser esta, “capaz de provocar sensações que rompem sentidos de temporalidade e de noção de espaço” (Costa, 2003: 120).

Preocupados com a aplicação dos novos instrumentos tecnológicos, Adorno, Horkheimer e, por que não mencionar, Herbert Marcuse enxergam na razão tecnológica um elemento *desumanizador*, repressor e dominador da sociedade. De acordo com Horkheimer

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte de atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. ***O avanço de recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização.*** Assim, ***o progresso ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a idéia de homem*** (Horkheimer *apud* Pucci, 2003: 10). [Grifos meus].

Segundo Pucci (2003, p.14), o que assustava os *frankfurtianos* (Marcuse/Adorno/Horkheimer) era o caráter invasor que constitui e (con)forma a técnica como um todo já que a tecnologia tende a penetrar e (re)configurar todas as esferas da vida dos homens desde um simples ambiente doméstico a espaços públicos mais amplos como parques de diversão ou o próprio corpo humano. Assim, para onde quer que olhemos “lá estão os aparelhos tecnológicos a dirigir as atividades, condicionando o modo de pensar, sentir, raciocinar, relacionar das pessoas”.

A agressividade com a qual os sistemas tecnológicos invadem nossas vidas, fez com que Herbert Marcuse (1982) enxergasse nesse movimento um processo radicalmente repressivo sobre os indivíduos. Conseqüentemente, a *agressividade tecnológica* termina por provocar a despersonalização, isto é, a *desumanização* do processo de produção no que se refere ao esforço físico do trabalhador cuja iniciativa pessoal acaba sendo obliterada. Isso porque a *desumanização*, para além da produção,

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

invade também o processo de consumo que é dominado pelas campanhas publicitárias que criam necessidades que não as vitais (Marcuse, 1982; Merquior, 1969).

Nesse sentido, a agressão provocada por esse processo de *desumanização* (produção e consumo) induz o indivíduo a frustração porque, segundo José Guilherme Merquior (1969, p. 31), a *agressividade tecnológica* é aquela onde

O ato de agressão é fisicamente executado por um mecanismo altamente automatizado, muito mais possante do que o indivíduo que o aciona e lhe determina o alvo. [...] Com a ‘delegação’ do ato agressivo à coisa, o instinto de agressão fica frustrado, e procura compensar-se com a repetição indefinida dos seus ataques... [...] Ao mesmo tempo, o sentimento de culpa se reduz (uma vez que foi o objeto, e não o sujeito, que executou a agressão) ou se dispersa...

Isso resulta naquilo que Freud resolveu chamar de “repetição compulsiva” que é característica comum da agressão mediatizada por instrumentos ou suportes tecnológicos (Merquior, 1969). Ademais, diante da ubiqüidade e proximidade entre homem e máquina no “mundo da vida” (Habermas) ou na “sociedade administrada” (Marcuse) somos levados a crer que este relacionamento ao longo dos anos terminou por gerar certa **dependência** e, por vezes, **desqualificação**<sup>17</sup> do primeiro em relação ao segundo, como disse o *Conselheiro Hamer* a *Neo*, no filme *Matrix Reloaded* (2003) [grifos meus]:

**C.H.** – (...) Você já esteve no andar da engenharia? Eu adoro andar por lá à noite. É impressionante. Gostaria de ver?

**Neo.** – Claro.

**C.H.** – Quase ninguém vem aqui, a não ser que haja algum problema, claro. Acontece isso com as pessoas, ninguém quer saber como funciona desde que funcione. Eu gosto daqui, *gosto de lembrar que esta cidade sobrevive graças a estas máquinas*. Elas nos mantêm vivos enquanto outras estão vindo para nos matar. Interessante não é? O poder de dar a vida e o poder de tirá-la.

**Neo.** – Nós temos o mesmo poder.

---

<sup>17</sup> Uma atmosfera que corrobora com o temor diante da desqualificação proporcionada pelo processo de mecanização da indústria, século XVII, pode ser ilustrada através do “luddismo”, adjetivo derivado de Ned Ludd, século XVIII (1779), operário inglês que incitou a quebra das máquinas que substituíam a mão-de-obra humana (Hobsbawm, 1998).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

**C.H.** – É, suponho que sim, mas aqui embaixo eu penso nas pessoas que ainda estão conectadas a Matrix e *ao ver essas máquinas eu sou forçado a pensar que, de certo modo nós estamos conectados a elas.*

**Neo.** – *Mas elas não nos controlam.*

**C.H.** – Claro que não, como poderiam? A idéia não faz o menor sentido, mas é o caso de se perguntar: afinal, *o que é controle?*

**Neo.** – *Se quiséssemos, poderíamos desligar estas máquinas.*

**C.H.** – Claro. É isso, você acertou. *Isso é controle não? Se quiséssemos poderíamos quebrá-las em pedacinhos. Porém, para isso teríamos de considerar o que aconteceria com a nossa eletricidade, nosso aquecimento, nosso ar.*

**Neo.** – *Precisamos das máquinas e elas precisam de nós. É esse o seu argumento?*

**C.H.** – Não, não é não...

**Neo.** – Por que não diz o que está pensando conselheiro?

**C.H.** – Há tanta coisa nesse mundo que eu não entendo. *Vê aquela máquina? Tem alguma coisa a ver com o tratamento de nossa água. Não faço a menor idéia de como funciona, mas entendo o motivo pelo qual funciona.* Não tenho a menor idéia de como você faz algumas coisas que faz, mas acredito que haja uma razão para isso também. Só espero que compreendamos essa razão antes que seja tarde.



**Imagem 12 e 13** - Neo (à esquerda) e o Conselheiro Hamer (à direita) conversam sobre a dependência dos homens em relação às máquinas. No quadro à direita, a cidade de Zion. *Matrix Reloaded*, 2003, Andy e Larry Wachowsky – Warner Bros Pictures.

Bem, enquanto o *Conselheiro Hamer* pensa nossa **dependência** em referência às máquinas como uma relação simbiótica, isto é, como algo que nos possibilita uma **existência mais cômoda** ao dizer que gosta de lembrar que *Zion*<sup>18</sup> *sobrevive graças a estas máquinas* e que *se quiséssemos poderíamos quebrá-las em pedacinhos. Porém, para isso teríamos de considerar o que aconteceria com a nossa eletricidade, nosso aquecimento, nosso ar*; Neo, por seu turno, pensará nosso relacionamento como algo

---

<sup>18</sup> Nome da cidade onde se encontram os humanos refugiados que não estão conectados a *Matrix* para servir como fonte de energia para alimentar as máquinas.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

parasitário ou predatório, ou seja, como uma forma de ameaça, de controle e destruição corroborando nesse sentido, com certas perspectivas pessimistas de Adorno, Horkheimer e Marcuse acerca da sociedade administrada. O pessimismo<sup>19</sup> de Herbert Marcuse, Theodor Adorno e Max Horkheimer, bem como o de *Neo*, apóia-se no medo e na desconfiança de **nos tornarmos escravos de “nossa própria criação, de nos deixarmos apagar pelo sistema que nós mesmos projetamos”** [grifos meus]. O receio não está apenas na suspeita de nossa passividade diante de tais instrumentos tecnológicos, mas antes na dificuldade extrema de desenvolvermos nossa autonomia, já que “a mediação tecnológica inevitavelmente compromete a percepção e a inteligibilidade do indivíduo que dela se utiliza” (Pucci, 2003: 14-15).

Esse temor em torno do poder destrutivo dos suportes tecnológicos ou da possibilidade da dominação dos seres humanos pelas máquinas (automatização, mecanização: *mimesis*), também tem sido tema bastante recorrente nos filmes de ficção científica, como é o caso do *Dr. Fantástico* (1968 - bomba atômica) ou do *Exterminador do Futuro I* (1984 - Máquinas humanóides que querem extinguir a raça humana), entre outros.

Por conseguinte, a autoridade do conhecimento tecnológico parece atingir seu ápice a partir do momento em que o homem adquire o “*plus* de potência” (Nietzsche) por meio da satisfação da “necessidade de controlar socialmente uma força natural, saber administrá-la, apropriar-se dela através de obras humanas, domesticá-la” (Marx *apud* Duarte, 1993: 50). Desse modo, “dialética do esclarecimento” e “preço do

---

<sup>19</sup> Essa tecnofobia é também reforçada pelo sofrimento dos judeus, em *Auschwitz* durante a II Guerra Mundial, ao se tornarem cobaias dos nazi-fascistas nos experimentos genéticos ou das câmaras de gás e que, atualmente, de vítimas passaram a algozes ao se “servirem do que há de mais moderno em tecnologia bélica para dizimar o povo vizinho, em nome da segurança nacional” ou da fé (Pucci, 2003:16).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

progresso” tornar-se-iam sinônimos, na medida em que “a destruição dos mitos – o próprio desencantamento do mundo<sup>20</sup> – teria coincido com o programa do esclarecimento” (Duarte, 1993: 59).

Portanto, de acordo com Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985, p.37), “o factual” passa a ter “a última palavra”, ou seja, com a matematização do mundo, **“o pensar reifica-se num processo automático e autônomo emulando<sup>21</sup> a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo”** [grifos meus].

Isso porque, segundo os autores da escola de Frankfurt,

O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina. Mas, com essa mimese, na qual o pensamento se iguala ao mundo, o factual tornou-se agora a tal ponto a única referência... (Adorno e Horkheimer, 1985: 37-38).

Ora, ao fazer com que o pensamento deixe de pensar a si mesmo, inaugura-se a inumanidade. Eis a astúcia e logro da razão tecnológica. Através do formalismo matemático que tem no número o instrumento mais abstrato do imediato, o pensamento fica preso a imediatidade e, já que o factual passa a ser o detentor da última palavra; o conhecimento restringe-se à sua repetição e o pensamento torna-se mera tautologia. Eis a **desumanização pela mecanização do pensamento**, isto é ficamos escravos do conceito, do matemático, e não mais das aparências (Costa, 2003; Duarte, 1993; Adorno e Horkheimer, 1985).

---

<sup>20</sup> Aqui a menção da concepção *desencantamento do mundo* ultrapassa o simples processo de esclarecimento nas grandes religiões, como fez Weber, para envolver toda “cultura ocidental, enquanto seu princípio de explicação”.

<sup>21</sup> Emular aqui se dá no sentido, não somente do igualar-se ao outro, mas principalmente do superar por meio da performance eficiente e altamente especializada para, finalmente substituí-lo.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Todavia, a esperança da saída, da libertação e da emancipação dessa mecanização pela repetição<sup>22</sup> torna-se possível tanto por meio “da revelação dos mecanismos que tornam tolerável o uso da técnica para gerar regressão”, como através de experiências (quicá, sensações) “que tornem a faculdade de pensar algo que não se expressa apenas pelo *conhecimento lógico formal*” (Costa, 2003: 123; 127).

Entretanto, não é tão fácil - como pensava Adorno - livrar o indivíduo da regressão pela simples revelação dos mecanismos e técnicas que a engendram. Isso porque, se levarmos em conta a *freudianização* do pensamento dos teóricos da Escola de Frankfurt, “o conflito entre a aspiração individual à felicidade e a organização social”, para Freud, “não conhecerá nunca uma solução definitiva” porque “a contradição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade é eterna” (Merquior, 1969: 24).

Em *Matrix* (1999), por exemplo, o personagem *Cypher* apesar de ter se libertado do sono, do aprisionamento, do mundo irreal da *Matrix* e saber como funciona o mundo ilusório e fantasmagórico criado pelas máquinas, ainda assim, prefere retornar ao mesmo pelo simples deleite alucinante dessa fantasia. Assim, ao perpetrar a entrega de *Morpheus* (líder e conhecedor do código de acesso à cidade de *Zion*) junto ao *Agente Smith*, *Cypher* - apreciando o aroma de uma bela taça de vinho

---

<sup>22</sup> Ao estudar a cultura de massa, os *frankfurtianos* (Adorno, Horkheimer e Marcuse) perceberam que o processo de repetição de informações e imagens por meio dos veículos de comunicação tendiam a efetuar um tipo determinado de “controle social” ao (re)definirem as necessidades humanas a fim de estimular o consumo das massas. A repetição desumaniza quando nos tornamos caixas de ressonância de forças heterônomas, aparências (conceito), pulsões não essenciais à autorealização, ou seja, quando banaliza ou adultera o que está sendo veiculado, em geral, quando somos expostos continuamente à cenas de violência veiculadas pela TV, rádio, jornal, revista, internet etc, tendemos a ser invadidos por um sentimento de indiferença diante dos acontecimentos trágicos. Durante a Guerra do Golfo ou mais recentemente a guerra do Iraque, por exemplo, a *performance* tecnológica do exército americano no *front* de batalha, transmitida ao vivo pelas redes de TV mundiais, deslocou, colocou em segundo plano questões essenciais como morte, dor, crueldade e sofrimento e trouxe para destaque o show pirotécnico das imagens, *estetizando*, desse modo, a violência (tornar-se prisioneiro dos sentidos em contraposição à liberdade da razão autônoma) (Pucci, 2003; Duarte, 1993; Merquior, 1969).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

tinto e saboreando um bife perfeitamente cozido e apetitoso diz: “Sabe... eu sei que esse bife não existe. Eu sei que, quando o coloco na boca, a Matrix diz ao meu cérebro que o bife é suculento... e delicioso. Depois de nove anos, sabe o que percebi? A ignorância é maravilhosa”. Não é à toa que ele (*Cypher*) diz a *Neo* que se pergunta até hoje por que não escolheu a pílula azul<sup>23</sup>?

Eis a ‘dura’ constatação, tomando-se as palavras de *Cypher* o conhecimento, a ciência não traz necessariamente a felicidade, mas sim o *desencanto do mundo* (Max Weber). Pode parecer forçoso, todavia a atitude de *Cypher* revela que o “esclarecimento” não o livrou do medo, mas pelo contrário, despertou nele o desejo de renunciar a se diferenciar daquele que lhe causava temor (*Matrix*). Portanto, *Cypher*, diferentemente de Ulisses (*Dialética do Esclarecimento*, 1985), não rejeita sua assimilação mimética pela *Matrix*, em vez disso, recusa a consciência de si e do mundo real.

Ao sucumbir aos prazeres dos sentidos (olfato, visão e paladar), ou a astúcia de *Eros* (representada pela figura da *Matrix*) - por acreditar que o mundo oferecido pela *Matrix* é mais real que a vida real em virtude da intensidade e completude das experiências proporcionadas pela virtualidade – *Cypher*, na ficção, passa a ser o testemunho “mais evidente da ânsia de se perder no outro e com ele se identificar”, isto é, “ao ver, a gente permanece quem a gente é, ao cheirar a gente se deixa absorver” (Adorno, Horkheimer, 1985: 171-172). Portanto, ao sorver o cheiro delicioso que

---

<sup>23</sup> No filme *Matrix*, a pílula azul e a vermelha são postas diante de *Neo* (personagem principal) por *Morpheus* (líder que guiará O escolhido na guerra contra as máquinas) para que o mesmo decida como quer viver. Ao se encontrarem *Morpheus* diz a *Neo* que aquilo que ele acredita ou pensa ser o mundo, na verdade é uma ilusão que, segundo ele, «jogaram diante de seus olhos, para deixá-lo cego quanto à verdade» (*Matrix*, 1999). Daí ele informará a *Neo* que se ele tomar a pílula vermelha a verdadeira natureza das coisas lhe será revelada, ao passo que se optar por tomar a pílula azul, sua percepção das coisas permanecerá inalterada, ou seja, continuará no mundo da ilusão fabricado pela *matrix* (Irwin, 2003).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

exalava daquele bife suculento, *Cypher* abandona-se ao impulso mimético, visto que segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 169), “toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo”.

A condenação da *mimesis* por parte de Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento* (1985), segundo Gagnebin (1997, p. 92), (ao tentarem explicar o anti-semitismo em sua forma nazista) se respalda no que eles chamam de “processo social de identificação perversa”. Ou seja,

O oficial nazista rígido, de pé no seu uniforme apertado, personifica a ordem viril que recusa as formas fluidas e impõe a mesma imagem sempre repetida nas paradas militares: a “disciplina ritual” e as formas sempre idênticas ajudam a identificação com o *Führer*, que deve, de maneira terrorista, liberar os seus semelhantes do terror antigo. Essa “identificação-*mimesis* perversa” precisa, para seu sucesso completo, encontrar um objeto de abjeção, um objeto que represente esses desejos miméticos mais originários, recalcados e proibidos [...].

Como podemos depreender do que foi dito acima, esse processo de identificação se faz a partir da repetição de um padrão, isto é, “o judeu (o homossexual, o negro) que muitas vezes, já tem uma atitude de acanhamento, que tenta, por medo, passar despercebido, chama justamente por isso a atenção, a irritação a violência”, resultando desse modo numa *mimesis* infernal, onde a vítima está condenada a se tornar vítima, encorajando o torturador a continuar como algoz (Gagnebin, 1997: 93).

No entanto, de acordo com Rodrigo de Paiva Duarte (1993, p.139), em sua obra *Teoria Estética*, Theodor Adorno ao estabelecer uma ponte entre “domínio científico da natureza” e “domínio estético da natureza” reeditará a discussão sobre a *mimesis* com contornos mais benéficos e positivos<sup>24</sup>. Isso porque para Adorno,

---

<sup>24</sup> Utilizamos a palavra “positivo” aqui para indicar uma atitude otimista.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

“técnica<sup>25</sup>” seria “o nome estético para o domínio do material”. Na concepção adorniana, o desenvolvimento artístico<sup>26</sup> possui uma história relativamente próxima do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, disso resulta o prolongamento da “concepção do fazer artístico como domínio da natureza”.

Adorno observa que na relação entre homem *versus* natureza a *mimesis* aparece quando esta última passa a ser “intencionalmente imitada como uma protoforma do seu domínio” (Duarte, 1993: 136). Porém, é o conceito de experimento que estabelecerá a ligação entre o domínio artístico da natureza e o domínio tecnocientífico da natureza [Idem]. Não obstante, ao mesmo tempo em que o experimento – como categoria-chave – aproxima esses domínios (representados de um lado, pelo artista e, do outro lado, o pesquisador da natureza), também promove sua separação. Isso ocorre porque

Nas ciências orientadas pelo positivismo massivamente realizado, cuja principal característica, a repetição mecânica, está em perfeita concordância com o procedimento do aparato de domínio unilateral da natureza. Na arte, ao contrário, a presença do momento mimético atua, de modo imunizante, contra a sedução do tornar-se dominador (Duarte, 1993: 135).

Diante desta colocação, muitos acreditavam que a proposta de Adorno era a proscricção da racionalidade instrumental, formal como algo radicalmente nefasto para a humanidade; mas ao contrário, apesar de reconhecer o desastre da dominação humana sobre a natureza e sobre os outros homens, o que esse teórico defende é o seu salvamento através do emprego da racionalidade pelo homem já que, segundo ele,

---

<sup>25</sup> De acordo com Rodrigo Paiva (1993, p. 139), em *Mimesis e Racionalidade*, Adorno toma emprestada essa noção da “designação antiga da arte”, já que “*techné*” seria “a arte como elemento da atividade artesanal”. No entanto, vale ressaltar (apesar de posteriormente relativizar seu posicionamento) que, para Adorno, “somente pelo nome o conceito de técnica na indústria cultural é o mesmo que nas obras de arte. Ele se relaciona à organização da coisa mesma, à sua lógica interna. A técnica industrial-cultural, ao contrário, antes de tudo da difusão e da reprodução mecânica permanece, portanto, sempre exterior à sua coisa” (Adorno *apud* Duarte, 1993: 140).

<sup>26</sup> Cumpre ressaltar que Adorno não vê potencial libertário em toda e qualquer arte, mas simplesmente na arte de vanguarda, a arte que não é prisioneira da repetição mecânica.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

em nenhum lugar sobre a terra a sociedade presente é, como atestam seus apologetas cientificistas, ‘aberta’: em nenhum lugar também amorfa. A crença de que ela o seja originou-se nas devastações das cidades e paisagens pela indústria expandido-se sem planejamento, por uma falta de racionalidade, não por seu excesso (Adorno *apud* Duarte, 1993: 193).

Adorno, portanto, não defende o salvamento dessa irracionalidade predadora da natureza e do homem já que para ele o que causaria esse destruição seria justamente a falta de racionalidade. Com isso, como se pode perceber seu foco recai justamente na problematização dos usos sociais da tecnociência que engendraram essas devastações de paisagens e cidades, bem como extermínio de seres humanos, decorrentes da ausência de raionalidade. Principalmente porque seria justamente na “aplicação para fins de produção e reprodução da sociedade capitalista, onde homem e natureza são sistematicamente destruídos” (Duarte, 1993: 194).

É com vistas a esses fins de produção e reprodução e a falta de racionalidade que, muitas vezes conduz certas agendas de desenvolvimento, que colocamos em *xequê* a *mimesis* praticada por tecnologias como a inteligência artificial, a vida artificial, a biotecnologia, a engenharia genética e suas possíveis utilizações na sociedade administrada (Adorno/Horkheimer), repressiva (Marcuse/Freud), disciplinar (Foucault), do controle (Deleuze), bem como suas implicações sociais.

Ou seja, o que nos interessa, como dissemos ao iniciarmos o presente capítulo, é saber em que medida e de que forma a tese da (des)umanização/(des)qualificação do humano (e, conseqüentemente da *Natureza Natural*) - que se encontra intimamente associada aos procedimentos que visam sua (re)produção/imitação através de intervenções tecnoartificiais - se concretiza e tem sido trabalhada pelos filmes de ficção científica que tentam antecipar o futuro da humanidade a partir dos desenvolvimentos atuais.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Pensar sobre os avanços tecnológicos em áreas como a Cibernética, a Biologia Molecular, a Engenharia Genética, a Robótica, a Inteligência e Vida Artificial, articulados com elementos da ficção, é pensar de que maneira a *mimesis* revelará as facetas de sua astúcia, se pela **desumanização** provocada pela *estereotipia*, ou seja, pela repetição indiscriminada que conduz a homogeneização, padronização e previsibilidade dos resultados, conforme acontece com os processos maquínicos (Machado, 2001); ou se através da **humanização** da interface homem/máquina que não mais teria como sustentáculo básico a submissão à lógica instrumental ou à realização do projeto industrial da sociedade tecnológica, mas sim a reinvenção de suas funções e finalidades diante dessas novas possibilidades que se abrem para nós.

Logicamente, a angústia que sentimos ao percebermos que determinados aparelhos (ou seus programas - *softwares*) são e se tornam cada vez mais “competentes” que nós mesmos, torna-nos reticentes e, por que não dizer, desconfiados e agastados com qualquer possibilidade de “duplicação *inocente* do mundo” (Idem).

Nesse ponto surge um desconforto distinto diante de outra possibilidade de **desumanização** pela **desqualificação** do corpo/mente biológicas, tendo em vista o desenvolvimento progressivo de sistemas que não apenas imitam caracteres físicos e mentais dos seres humanos, mas que tendem a superá-los e, conseqüentemente, substituí-los inaugurando assim o que alguns vêm chamando de era pós-biológica (Roy Ascott). Por isso a reabertura da discussão sobre as fronteiras entre homens e máquinas, no momento em que tende a se tornar cada vez mais concreta e incontrolável a “proliferação dos híbridos” na sociedade contemporânea, se faz tão necessária.

CAPÍTULO 2 - REDISCUTINDO FRONTEIRAS:  
A Sociedade Ciborgue e a Proliferação dos Híbridos

---

**Lendo Mundos Conceituais, Encontrando Elementos de Ficção**

**O** que nos vem à mente quando escutamos a palavra **ciborgue**? Inevitavelmente irão aflorar uma diversidade de imagens e respostas possíveis em torno do termo. Sabemos, inclusive, que algumas pessoas de imediato lembrariam personagens como os “replicantes” **Rachael** e **Roy Batty** (*Blade Runner*, 1982), outras lembrariam do exterminador **T-800** (*Exterminador do Futuro*, 1984), de **Murphy**, o policial-robô, (*RoboCop*, 1987), ou outros ainda recordariam de **Johnny**, o mensageiro mnemônico (*Johnny Mnemonic*, 1995), de **Andrew** (*O Homem Bicentenário*, 1999), do garotinho **David** (*Inteligência Artificial*, 2001), do detetive **Spoonner** (*Eu, Robô*, 2004) por se tratarem de filmes mais recentes.

Isso ocorre porque é comum sermos invadidos pelas efígies que, freqüentemente, tanto povoam quanto são disseminadas pelos estúdios cinematográficos através de suas narrativas fílmicas que exploram muito sobre a questão da máquina que, “num futuro não muito distante” de nós, possui(rá) características humanas que vão desde a simples aparência externa (corpo) até os elementos mais idiossincráticos que, por vezes, costumam diferenciar e conformar os “seres humanos” (visão de mundo, emoções, desejos, forma de reagir); ou do “homem” que em razão de algum acidente (ou por simples capricho ou vontade) passa

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

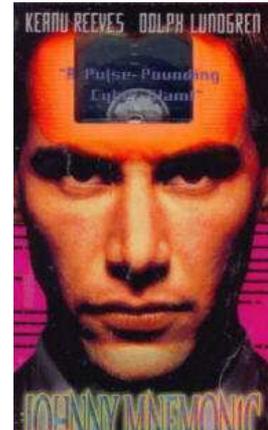
a ter em seu corpo determinado(s) tipo de prótese(s) que não só poderá(ão) restaurar função(ões) ou órgão(s) perdido(s)/afetado(s), devolvendo o mesmo à sua indistinta normalidade, como pode vir a reconfigurar corpo(s) e mente(s) a fim de que possa torná-lo apto a viver em ambientes inóspitos para o humano *in natura* e até mesmo, para o deleite dos militares, poderá aumentar/realçar a capacidade e habilidade físico-mental (Gray et al, 1995).



**Imagem 14** Ciborgue T 800. *Exterminador do Futuro*, 1984, James Cameron – Orion Pictures Corporation.



**Imagem 15** RoboCop. *Robocop*, 1987, Paul Verhoeven – Orion Pictures Corporation.



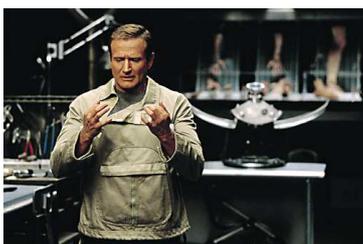
**Imagem 16** Johnny. *Johnny Mnemonic*, 1995, Robert Longo – Sony Pictures Entertainment.



**Imagem 17** David sendo submetido a reparos. *Inteligência Artificial*, 2001, Steven Spielberg – Warner Bros e Dreamworks.



**Imagem 18** Oscar Pistorius, atleta sul-africano, teve suas pernas amputadas e corre com duas lâminas de fibras de carbono ajustadas as suas coxas. No início de 2008, conseguiu permissão para disputar uma vaga para as olimpíadas de Pequim. Disponível em [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/08\\_0516\\_atletamputadoolimpiada\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/08_0516_atletamputadoolimpiada_fp.shtml), acessado em 16/05/2008, às 23h.



**Imagem 19** Andróide Andrew. *O Homem Bicentenário*, 1999, Chris Columbus – Columbia Pictures.



**Imagem 20** Os replicantes Roy Batty (à esquerda) e Rachael (à direita). *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Entertainment.



**Imagem 21** Detetive Spooner no armazém da U. S. Robotics. *Eu, Robô*, 2004, Alex Proyas – Twentieth Century Fox.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Cumpramos ressaltar que a figura do ciborgue apesar de exaustivamente explorada pela ficção científica (FC) - tanto literária quanto cinematográfica - não teve sua origem, como a palavra “robô” ou “ciberespaço”, no mundo da “fantasia”.

Cunhado, em 1960, pelos cientistas do Programa Aeroespacial da Nasa (bem como de pesquisas médicas), dos Estados Unidos da América (EUA), Manfred Clynes e Nathan Kline, o ciborgue – ou organismo cibernético - passava a se referir à existência e sobrevivência do homem em ambientes extraterrenos. Com o pensamento literalmente na lua, Clynes e Kline não apenas acreditavam, como também afirmavam que era na viagem espacial que estaria o desafio à humanidade tanto tecnologicamente quanto espiritualmente, na medida em que ela convidava o homem a participar de modo ativo em sua própria evolução biológica (Gray et al, 1995).

O que Clynes e Kline (1995) estavam nos propondo era a possibilidade de o próprio homem intervir no processo de mutação/transformação da espécie humana que, aliás, já se mostrava em curso com o advento do ciborgue. Não sem grandes razões, o entusiasmo destes cientistas diante da realização do desejo de adaptar o corpo humano para (sobre)viver em qualquer ambiente respaldava-se nos avanços do “conhecimento do funcionamento homeostático, cujos aspectos cibernéticos estavam apenas começando a ser compreendidos e investigados” (Idem).

Se, em um dado momento da história natural do homem, a natureza tinha se encarregado de adequar nosso corpo a ambientes diversos; de agora em diante o homem assumiria esse papel, através da imbricação entre o orgânico (homem/animal) e o inorgânico (máquina/sistemas eletrônicos) para implementar “modificações bioquímicas, fisiológicas e eletrônicas do atual *modus vivendi* do homem” (Gray et al, 1995).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Assim, foi o pensamento voltado para a superação dos desafios, constrangimentos, transformações e adaptações a que o corpo humano seria submetido nas viagens espaciais que suscitou a necessidade da elaboração de um **novo conceito**, um conceito, como afirmou Manfred Clynes, de “pessoas que pudessem se libertar dos constrangimentos do meio ambiente a fim de realizarem seus desejos” (Gray et al, 1995: 47).

Clynes enfatiza que o ciborgue não visa transformar a natureza humana ou identidade essencial, como a conhecemos, mas simplesmente tem como objetivo implementar modificações corpóreas para permitir que o homem faça pleno uso de suas faculdades (quando em ambientes inóspitos) sem ter que desperdiçar suas energias com os ajustes das funções vitais necessárias a manutenção da vida (Gray et al, 1995).

Por um lado, se com a publicação do artigo de Clynes e Kline, em 1960, o neologismo ciborgue<sup>27</sup> (cib[ernético] + org[anismo]) havia sido apresentado e definido como “sistema homem-máquina auto-regulativos, quando ambos aplicavam a teoria do controle cibernético<sup>28</sup> aos problemas que as viagens espaciais impingem sobre a neurofisiologia do corpo humano” (Santaella, 2003: 184); por outro lado, para a decepção de seus idealizadores, as inúmeras utilizações e extrapolações em torno do ciborgue pelos produtores de FC, de um modo geral, terminaram por provocar, segundo eles, sua distorção já que

---

<sup>27</sup> *Cyborg*, em inglês, como resultado da junção de *Cybernetic* e *Organism*.

<sup>28</sup> **Cibernética**: ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só nos organismos vivos, mas também nas máquinas. Nesse caso a cibernética visa descrever e analisar o modo de funcionamento do organismo vivo, a fim de estimular seu comportamento por meio de dispositivos mecânicos. O alvo principal da cibernética é a máquina. Ao englobar a teoria da informação e da comunicação, a cibernética termina por realçar a teoria geral dos sistemas de controle, mais conhecida como retroalimentação ou *feedback* que pode ser traduzido como controle de uma operação com base em seu desempenho real (Santaella, 2003; Wiener, 1954).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Com Schwarzenegger desempenhando essa coisa (Exterminador) – desumanizou completamente o conceito. É uma paródia do verdadeiro conceito científico que nós tínhamos. Nem mesmo é uma caricatura. É pior criando um monstro fora de algo que não era um monstro. Uma monstrificação de algo que é uma ampliação da função humana; como se um homem que ler um livro se tornasse monstro um monstro inumano, apenas porque ler um livro (Gray, 1995: 47-48)

Devia-se ficar claro, portanto, que “o propósito do ciborgue era propiciar um sistema organizacional no qual a manutenção e regulação do funcionamento do corpo fossem assumida de forma automática e inconsciente, deixando o homem livre para explorar, criar, pensar e sentir” (Clynes & Kline, 1995: 31).

O ciborgue de Clynes e Kline (1995) com propósito bem definido, estabelecia desse modo o primeiro deslocamento ao retirar da natureza a responsabilidade de nos equipar para enfrentarmos ambientes e situações específicas, isto é, “como uma espécie de super-homem capaz de sobreviver em ambientes extraterrestres hostis” (Santaella, 2003: 186).

Mas esse conceito provocou deslocamentos em outros campos como o das ciências sociais a exemplo de Donna Haraway que trará e explorará, através da teoria social, o ciborgue “como estratégia retórica e como método político” cujo propósito é suscitar a construção de uma nova consciência através do mito de uma sociedade sem gênero – uma fuga da ‘ficção mundana das identidades industriais do século XX’ (Allison Muri, 2003: 79).

A imagem do ciborgue proposto por Haraway, como categoria analítica dentro dos estudos feministas e culturais, não perde seu caráter híbrido de organismo e máquina, no entanto, de agora em diante (1985) passa a ser aplicado a todos nós que estamos imersos num contexto cultural, cujo sistema dominante (capitalismo global) é intensivamente alimentado pela tecnociência (Haraway, 1995, 2000 [1985]; Santos, 2004; Santaella 2003).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Aliás, se “somos todos ciborgues” como afirma Donna Haraway (2000), quais seriam, então, as implicações dessa transformação? Será que no seu duplo papel, criatura da realidade social e de ficção, a presença do ciborgue ao provocar uma confusão, um borramento das fronteiras, seria capaz de fornecer as condições para a reestruturação da natureza e da cultura numa tentativa de eliminação do julgo da segunda (cultura) sobre a primeira (natureza), das dominações hierárquicas?

Nesse percurso Haraway (2000) tenta justificar tal generalização por meio da identificação das rupturas de fronteiras ocorridas no final do século XX: a primeira, segundo ela, diz respeito a transgressão das fronteiras entre homem e animal; a segunda refere-se ao rompimento ou quebra da distinção entre o orgânico e o maquínico e por fim o aniquilamento dos limites entre o físico (material) e o não físico (imaterial).

Com o olhar voltado para as rupturas Haraway percebe a desconstrução dos contornos do homem, bem como o estremecimento de suas referências, e passa a vislumbrar um caminho aberto para a hibridização (Santos, 2003). Ao se auto-afirmar como ciborgue, Haraway constata que “as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde começam as máquinas” (Kunzru, 2000: 25).

Tal conclusão permite ao ficcionista e jornalista Hanri Kunzru (2000, p.25), acreditar que “estariamos falando de formas inteiramente novas de subjetividades. Estariamos falando seriamente sobre mundos em mutação que nunca existiram, antes, no planeta. E não se trata simplesmente de idéias. Trata-se de uma nova carne”.

Ou seja, Kunzru depreende da entrevista feita a Donna Haraway que não está *porvir*, “a era do ciborgue é aqui e agora” já que

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está num lugar que não existiria sem a idéia de *um corpo como uma máquina de alta performance* (Kunzru, 2000: 26) [Grifos da meus].

Desse modo, ao mapear nossa realidade social, o ciborgue, como ficção, convida-nos a adentrar e vislumbrar tanto espaços concretos quanto cenários hipotéticos a fim de que tenhamos condições para problematizá-los tendo como *background* os crescentes e acelerados avanços no campo da Cibernética, Vida Artificial, Realidade Artificial, Biologia Molecular ou Sintética, Engenharia Genética, Inteligência Artificial, ou a presença marcante de instrumentos tecnológicos, servindo como elementos desencadeadores de turbulência no modo de pensar o ser humano (Haraway, 2000; Santaella, 2003, 2004; Santos, 2003; Sibilia, 2002).

Com o organismo humano/animal reduzido a ótica molecular “o trabalho de tradução do corpo em arquivo de dados” passava a privilegiar, de um lado, a “dimensão informacional dos diferentes organismos como solo que lhes é comum” e do outro, “as reciprocidades entre organismos e técnica” (Garcia, 2003: 270). A virada cibernética anunciava, então a chegada da era do corpo biológico como sistema eletrônico já que para ela, o corpo e a mente eram concebidos como uma rede comunicacional cujas operações bem-sucedidas se baseavam na reprodução acurada de sinais (Wiener, 1954; Santaella, 2003).

Assim, quer fosse na matéria do metal, quer fosse na carne, o estudo dos autômatos, que teve como início oficial o final dos anos 1940 - ramo da “engenharia das comunicações - tomava como base os mecanismos de controle e as organizações comunicativas dos sistemas maquínicos e dos organismos vivos, estes dois últimos

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

eram considerados como estados funcionalmente equivalentes” (Santaella, 2003: 182-183).

Ainda que saibamos que as tecnologias ciborgues, fortemente ancoradas no desenvolvimento da cibernética, devam seus produtos aos grandes investimentos da indústria militar (armamentos, indumentárias, transportes, instrumentos de comunicação por satélites etc.), juntamente com a indústria farmacêutica (pesquisas médicas civis), outros centros alinharam-se a esses a fim de expandir o alcance e utilização da aplicação inicial desse conceito (pesquisas espaciais) (Silva, 2000: 13).

Esse é o caso da indústria de entretenimento (jogos, revistas e filmes), e do trabalho (computadores, automação das atividades pesadas/repetitivas, como as linhas de montagem, ou de prestação de serviços) que se integram ao grupo inicial para reforçar ainda mais “uma das características mais notáveis desta nossa era que é precisamente a indecente penetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjugação entre o humano e a máquina” (Idem).

A intensificação dos acoplamentos entre orgânico e inorgânico só acentua essa “confusão” ou ruptura das fronteiras já que os ciborgues vivem de um lado e do outro das fronteiras remanescentes entre homens e máquinas, ou seja, “do lado do organismo temos os seres humanos que se tornam, em variados graus, artificiais; do lado da máquina, seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam *melhorados* a esses últimos (Idem, p.14.) [Grifos meus].

Porém, se o termo ciborgue tem - há muito tempo - escapado da formulação original que Manfred Clynes e Nathan Kline concederam ao mesmo, nos anos 1960, embora continue a derivar seu sustento dele, como não ficar reticente diante da proliferação das imagens suscitadas pelas narrativas de ficção científica (que de acordo

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

com os referidos autores desumaniza o conceito) que tem indicado ser menos uma prática de futurologia e mais uma reflexão sobre o nosso presente, já que vivemos no mundo efervescente da produção de “objetos inteligentes” que operam segundo a lógica da ampliação ou superação das capacidades naturais, isto é, da lógica da diferença.

O alcance e a extensão das conexões entre humanos e máquinas têm praticamente desafiado qualquer tentativa de fornecer uma definição fechada acerca dos híbridos advindos do íntimo relacionamento com os dispositivos técnicos que nesse caso, passam a conformar de forma intensa, como nunca visto antes, a organização social.

Se nos vem à mente as imagens fornecidas pela ficção científica quando nos deparamos com o termo ciborgue é porque essa se oferece como chave hermenêutica privilegiada para pensar tais questões que começam a fazer parte de forma mais visível da vida cotidiana. Porque “somos todos ciborgues”, lembram? (Haraway, 2000).

Isso porque os ciborgues humanos, que habitam a realidade social, estendem-se desde o paciente quadriplégico totalmente dependente de um vasto arranjo de equipamentos de alta tecnologia a fim de lhe garantir a mínima capacidade para interagir com o mundo em seu entorno até uma pequena criança que tenha sido submetida à imunização por meio de vacina; ou ainda, um paciente com problemas renais ligado a uma máquina de hemodiálise (três vezes por semana) e o piloto de combate preso a sua máquina de guerra com sensores e complexas interfaces para vôo são, ambos, ciborgues intermitentes ou não e mesmo ainda entre eles existe uma diferença tremenda (Hables, 1995).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

A diferença entre esses ciborgues, segundo Chris Hables (1995, p. 3-4), reside no tipo de uso que eles fazem de seus acoplamentos, isto é, o paciente renal, por exemplo, usa a tecnologia ciborgue para manter seu corpo ‘humano’ em funcionamento satisfatório, vivo; ao passo que o piloto-ciborgue é um humano realçado, um humano-extra uma espécie de Steven Austin<sup>29</sup>.

Portanto, ao afirmarmos que estamos vivendo numa Sociedade Ciborgue imaginamos, primeiramente a profunda disseminação das máquinas e sua íntima relação/interface com os “humanos em quase todos os níveis de existência (...)”.

Segundo, porque de acordo com Chris Hables (1995, p. 3)

A Sociedade Ciborgue também se refere à completa extensão das íntimas relações entre orgânico-mecânico, desde o sistema homem-máquina de armas do exército pós-moderno ao rato-ciborgue retratado no artigo onde o termo foi cunhado, para os ratos, de hoje, projetados por biocomputadores, programas de vida artificial, e qualquer extravagância futura como a simbiose tal como planta-inteligência-máquina. *As tecnociências ciborgues não são somente sobre a fabricação de indivíduos ciborgues, elas circundam em uma vasta extensão de relacionamentos ciborguianos* [Grifos meus].

Ao fim e ao cabo, com a proliferação das tecnologias para a modificação do corpo, “vencer os jogos olímpicos na era ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle do tempo (Kunzru, 2000: 26).

Esse é o mundo de Donna Haraway, um mundo em que os elementos de ficção mapeiam nossa realidade social, “um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em

---

<sup>29</sup> Steve Austin é o protagonista da série de TV, *O Homem de Seis Milhões de Dólares*, dos anos 1970, que faz o papel do astronauta que, em virtude do acidente sofrido durante um vôo experimental de uma nave da NASA, para ser trazido de volta à vida é submetido a várias intervenções cirúrgicas, financiadas pelo cientista Oscar Goldman, que termina por substituir as várias partes danificadas de seu corpo por partes biônicas, gerando uma criatura híbrida meio-máquina, meio-homem. As partes do corpo substituídas conferiram a Steve Austin uma habilidade, força e velocidade sobre-humanas.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

parte humanas, em parte máquinas -, complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como ‘natural’ e ‘artificial’ para a lata de lixo” (Kunzru, 2000: 27).

A extensão dos relacionamentos ciborguianos são garantidos por essas redes entrelaçadas, porque

essas “redes estão dentro de nós. Nossos corpos nutridos pelos produtos da grande indústria de produção de alimentos, mantidos em forma sadia – ou doentia – pelas drogas farmacêuticas e alterados pelos procedimentos médicos, não são tão naturais quanto a empresa Body Shop quer nos fazer crer. A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos – e isso traz algumas responsabilidades” (Kunzru, 2000: 26).

Falar em responsabilidades é provocar discussões a respeito da direção em que nos levam esses avanços, posto que, diante da confusão das fronteiras entre orgânico e inorgânico, corpo e máquina, natural e artificial sentimo-nos perpassados por um sentimento de angústia provocada nem tanto pela provável incapacidade de conservação do homem, mas principalmente pela incerteza, por desconhecer de que forma ele será superado.

Nesse ponto, como já dissemos, acentua-se o desconforto que gravita em torno da possibilidade da *desumanização* pela *desqualificação* do corpo/mente, como unidades biológicas *in natura*, diante do desenvolvimento gradativo de sistemas que não apenas imitam caracteres físicos e mentais dos seres humanos, mas que visam sua superação e, conseqüentemente, sua substituição inaugurando o que alguns vêm chamando de era pós-biológica (Roy Ascott), “uma era úmida (*moist*) que nascerá da junção do ser humano molhado (*wet*) com o silício seco (*dry*), especialmente a partir do desenvolvimento das nanotecnologias que, bem abaixo da pele, passarão silenciosamente a interagir com as moléculas do corpo humano” (Santaella, 2003: 28).

Disso resultará, segundo George Balandier (1999, p.92),

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Numa civilização onde as fronteiras entre o natural e o artificial se tornam confusas, onde as proibições categóricas desaparecidas não asseguram mais sua defesa, o mundo do ser vivo abre-se todo à exploração científica e à expansão técnica que empreende sua conquista, traçando caminhos para saídas ainda pouco conhecidas. A antiga oposição suposta entre a natureza e a cultura é mais que nunca inaceitável, seus estados respectivos amoldam-se uns aos outros, ligam-se em uma imbricação sempre mais estreita. *A descontinuidade postulada entre os dois reinos não se sustentam mais.* As tecnologias do ser vivo são as que marcam de uma forma impressionante a entrada em uma nova era; são, muito mais que as outras das quais, no entanto, dependem, a prova de um avanço nos dédalos do inédito com a esperança de progressos decisivos e o temor de riscos fatais [Grifos meus].

A reflexão proposta por Balandier (1999) faz com que encerremos este capítulo com a seguinte questão: em que medida e de que forma a imagem do ciborgue associado à tese da (des)umanização/(des)qualificação do humano (e, conseqüentemente da *Natureza Natural*) - que se encontra intimamente associada aos procedimentos que visam, através do aniquilamento das oposições tradicionais, sua (re)produção/imitação por meio de intervenções tecnoartificiais, tem sido trabalhada pelos filmes de ficção científica que a partir da realidade concreta tentam antecipar o futuro da humanidade?

### CAPÍTULO 3 - PRELÚDIO A UMA SOCIOLOGIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

---

O texto, a narrativa popular em si, é produzida no mundo e se torna parte do mundo. Mas uma narrativa ficcional é mais do que uma parte do mundo; é também uma reflexão projetada sobre esse mundo. O relacionamento entre texto e mundo envolve um processo de mão-dupla que requer um leitor para ser posto em efeito. O leitor é também um produto do mundo, mas, ao mesmo tempo, ela ou ele é um agente nesse mundo, mudando-o através de suas ações. Apesar do fato de freqüentemente a pensarmos como uma atividade passiva e puramente recreacional, a leitura de textos populares é parte desse processo de mudança. A ficção popular pode nos fornecer as narrativas de que precisamos para ressituar o nosso eu em relação ao mundo. O leitor de ficção popular é ativamente engajado na recriação de si mesmo ou de si mesma e esse ato de recriação tem um potencial utópico (Scott McCracken apud Causo, 2003: 42).

#### Ficção Científica: Uma Introdução

Um objeto escorregadio. É desse modo que a ficção científica ou especulativa, como prefere chamar, é vista por Roberto Causo (2003, p. 44). Procurando investigar as razões de não ter havido uma *pulp fiction* aqui no Brasil, Roberto Causo desenvolve um estudo teórico e histórico do fantástico. O termo fantástico, para Causo, seria mais apropriado porque engloba tanto a ficção especulativa (ou científica) quanto o fantástico que se situa entre o maravilhoso, o estranho e o sobrenatural, por outro lado, e sua expressão brasileira entre os anos de 1875 a 1950.

Causo (Idem, p. 45) adota a ficção especulativa<sup>30</sup> como perspectiva de investigação mais ampliada por enxergar a mesma “como uma tradição diferenciada,

---

<sup>30</sup> Tendo em vista as polêmicas geradas em torno do nome criado por Hugo Gernsback, nos anos 1920, “Robert Heinlein propôs o termo ‘ficção especulativa’ para substituí-lo e quebrar assim o círculo vicioso de cobranças entre cientistas e literatos” (Tavares, 1986: 10).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

que bebe de fontes míticas, satíricas, utópicas, romanescas e mesmo científicas, para realizar-se como um corpo multifacetado de possibilidades ficcionais, existindo em interação com o *mainstream* literário, mas não em uma chave de inferioridade artística”.

É esse caráter multifacetado, por exemplo, que faz com que autores como William Gibson e Bruce Sterling, em *A máquina da diferença* (1991), produzam um romance científico que têm como referenciais tanto as narrativas de H. G. Wells e Jules Verne quanto os romances de Charles Dickens (Causo, 2003). É devido a essa flexibilidade que Scott McCracken legisla em favor da ficção especulativa como tradição literária autônoma já que, acredita ele,

os “gêneros são melhor entendidos, então, não em termos de elementos básicos, mas como históricos e relacionais. São históricos por definirem uma forma em termos do que passou antes e do que poderá vir depois. São relacionais por darem a definição de uma forma que mostra como ela difere de outras formas literárias” (McCracken apud Causo, 2003: 46-47).

Defender a ficção especulativa como uma expressão legítima implica encará-la como tentativas para compreensão das soluções encontradas pelos homens na busca pelo entendimento aberto e multifacetado da realidade, como vimos na epígrafe que abria este capítulo, isto é, “uma narrativa ficcional é mais do que uma parte do mundo; é também uma reflexão projetada sobre esse mundo” (McCracken apud Causo, 2003: 42).

Não obstante, o que é ficção científica, afinal? Pois bem, o termo ficção científica – FC (*Science Fiction - Sci-Fi*) surgiu pela primeira vez, nos Estados Unidos da América (EUA), em julho de 1929 quando Hugo Gernsback criou a revista *Science Wonder Stories*. Foram as publicações das revistas *Amazing Stories*, *Science Wonder Stories*, *Wonder Stories*, *Marvel Stories* que fizeram parte do tão conhecido fenômeno

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

editorial como *Pulp Magazines*. Essas revistas receberam a denominação *pulp* (parte menos nobre da madeira) porque eram impressas em papel barato enquanto as *slick magazines* eram impressas em papel liso e brilhante (Fiker, 1985; Tavares, 1986; Causo, 2003).

Quando se referiu à Ficção Científica Hugo Gernsback afirmou tratar-se do “tipo de história escrita por Jules Verne, H. G. Wells e Allan Poe – um encantador romance entremeadado de fato científico e visão profética” (Gernsback apud Causo, 2003: 52). Entretanto, de acordo com Roberto Causo (2003), seria justo afirmar que o romance científico já existia desde meados do século XIX e que a passagem para a ficção científica moderna deu-se de forma direta e contínua.

Embora Roberto Causo aponte os indícios do romance científico para meados do século XIX, outros autores como Raul Fiker (1985), Bráulio Tavares (1986) e Ana Cláudia Giassone (1999) consideram oficialmente *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818), como a primeira obra de ficção científica.

Quem lê *Frankenstein* percebe que Mary Shelley, embora fosse mulher (para época era um problema),

possuía conhecimentos significativos das experiências realizadas por cientistas famosos de sua época, como Luigi Galvani e Erasmus Darwin (avô de Charles Darwin), que tinham como objeto a reanimação de tecidos mortos por meio da eletricidade (no caso de Galvani) e o estudo da chamada geração espontânea<sup>31</sup> (no caso de John Needham) (Giassone: 1999: 16)

Tais conhecimentos teriam sido fundamentais na produção do *Frankenstein*, de Shelley, pois para Thomas Claerson

---

<sup>31</sup> De modo geral, Geração Espontânea, refere-se ao estudo sobre a origem da vida a partir da matéria não viva. Aristóteles, por exemplo, acreditava que existia um “princípio ativo” em certas porções da matéria, e este princípio tornaria possível o surgimento de seres vivos a partir da matéria bruta.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Nenhuma sociedade pode desenvolver uma ficção científica até que ela alcance um certo estágio de inquirição científica e desenvolvimento tecnológico; antes desse momento, ela não terá os escritores e a audiência para a FC porque, individualmente e coletivamente o interesse jaz em outra parte. Fornecidas essas premissas, deve-se notar que a ficção é um continuum que tem certas convenções estabelecidas, das quais escritores e leitores esperam fazer uso. Exemplos são abundantes: a viagem à Lua no século XVII, a ‘história do futuro’ criada em revistas especializadas dos anos quarenta, o encontro com uma cultura (alienígena) supostamente desaparecida, seja ela terrestre (século XIX) ou extraterrestre (século XX) (Thomas Claeson apud Causo, 2003: 58).

Esse estágio de inquirição científica e desenvolvimento tecnológico, entre os séculos XVII e XVIII, acaba revelando, através do *Frankenstein*, o esvaziamento da dimensão sobrenatural ou *desencanto do mundo* sobre o cotidiano das pessoas (Giassone, 1999: 22). Diante do grande acento social imputado aos avanços técnico-científicos, Mary Shelley assume uma postura cética revelando seu medo face à sedução do conhecimento insurgente e desse modo circunscrevia também o seu romance científico no romance gótico.

Como cada autor cria em cima dos *inputs* recebidos através da realidade social ou por meio de uma miríade de dúvidas e contradições existentes em torno das ciências (exatas e humanas) a ficção científica termina por se situar na fronteira desses dois terrenos e neles fazendo suas incursões (Tavares, 1986).

Explorando esse contexto, John W. Campbell (editor da revista *Astounding Stories* – Histórias Aterradoras, nos anos 1940) se referia à ficção científica como um meio análogo à ciência. Ou seja, para Campbell,

Enquanto a ciência explica fenômenos conhecidos e prediz fenômenos ainda não conhecidos, a Ficção Científica colocaria em forma de histórias como seriam os resultados da pesquisa científica quando aplicado tanto às máquinas como à sociedade humana (Campbell apud Fiker, 1985:12).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Philip K. Dick<sup>32</sup> (Dick apud Santos, 2003: 111), por sua vez, interpela a si mesmo sobre o que a ficção científica poderia ser. Desse modo, segundo Dick

*Antes de tudo, temos um mundo fictício: uma sociedade que não existe de fato, mas que é decorrente de nossa sociedade – isto é, nossa conhecida sociedade atual como ponto de partida para ela; de certo modo, a sociedade evolui a partir de nós mesmos, talvez ortogonalmente, como ocorre na história ou novela do mundo alternativo. É o nosso mundo deslocado por algum tipo de esforço mental do autor, nosso mundo transformado naquilo que não é ou ainda não é. Tal mundo deve diferir de algum modo do mundo dado, e esse modo precisa poder suscitar acontecimentos que não ocorreriam em nossa sociedade – ou em nenhuma sociedade conhecida do presente ou do passado. Deve haver uma idéia coerente envolvida no deslocamento; isto é, o deslocamento deve ser conceitual, não trivial ou estranho – essa é a essência da ficção científica, aquele deslocamento conceitual dentro da sociedade que faz com que uma nova sociedade seja gerada na mente do autor, transferida para o papel, se dê como um choque convulsivo na mente do leitor, o choque do desreconhecimento [Grifos meus].*

Enquanto Campbell estabelece uma analogia entre o processo de construção da Ciência, por um lado, e da Ficção Científica, por outro lado; Philip Dick, como bem lembra Laymert Garcia dos Santos (2003), ao elaborar sua definição termina por nos apresentar os dois elementos fundamentais e essenciais da ficção científica em si, a saber: *o deslocamento conceitual e o choque desreconhecimento*.

Ao propor o *deslocamento conceitual* como essência desse gênero, Dick pretende sugerir àquele que se encontra diante ficção (irrealidade, virtualidade) a não rejeitar ou descartar imediatamente aquele mundo imaginado ou que lhe é estranho. Entregar-se ao *deslocamento* e sujeitar-se ao *choque do desreconhecimento*, em alguma medida, é também admitir que, embora de modos distintos nas formas de expressão, invenção; ficção científica e invenção tecnológica operam com dinamismos análogos de antecipação, já que ambas realizam “um condicionamento do presente

---

<sup>32</sup> Philip K. Dick foi um escritor de ficção científica famoso, tendo alguns de seus romances adaptados para as telas de cinema como é o caso de *Blade Runner*, *Johnny Mnemonic*, *Minority Report* e *O Pagamento*. Sem esquecer que, numa pesquisa realizada pelo jornal inglês The Guardian, os cientistas consultados além de elegerem *Blade Runner* como o melhor filme de ficção científica do século XX (seguidos por 2001 – Uma Odisséia no Espaço e a trilogia de Guerra nas Estrelas), ainda colocaram Dick entre os cinco melhores escritores de FC do século XX (ao lado de mestres como Isaac Asimov e H.G. Wells).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

pelo futuro, pelo que ainda não existe” induzindo uma influência do virtual sobre o real (Santos, 2003: 112).

Nesse caso, a ficção, de um modo geral, passa a ser vista e entendida como aquilo que é simulado (*fictum*) ou fabricado pelo espírito inventivo. Sendo fruto de um ato imaginário e criativo, ela se torna uma “hipótese útil para representar a lei ou mecanismo de um fenômeno, mas do qual nos servimos sem afirmar a sua realidade objetiva” (Lalande, 1999: 400). Portanto, a ficção científica é o produto resultante da exploração e extrapolação das idéias que seus autores possuem sobre a ciência, a tecnologia e a sociedade.

A associação entre tecnologia e cotidiano, a dinamização sem precedentes dos avanços técnicos serviu de inspiração para o desenvolvimento do movimento futurista nas artes plásticas no início do século XX<sup>33</sup>. O discurso laudatório em torno da tecnologia afirmava que "o esplendor do mundo enriqueceu-se com uma nova beleza: a beleza da velocidade". Os futuristas saudaram a modernidade, aderindo entusiasticamente ao advento da era da máquina. Para Giacomo Balla, um ferro elétrico seria mais que uma escultura<sup>34</sup>.

Assim, “os efeitos estéticos da iluminação feérica, o movimento, o barulho das máquinas, dos trens em movimento, do aeroplano, dos arranha-céus, do corre-corre das multidões, tudo isso era motivo para inspiração”. Seduzidos pela tecnologia,

os futuristas colocam a estética como uma das preocupações centrais do desenho industrial e técnico. Tanto é assim que os bens de consumo,

---

<sup>33</sup> O futurismo nas artes surge, oficialmente, em fevereiro de 1909, com a publicação do manifesto futurista, de Filippo Marinetti. Tratava-se de um movimento que rejeitava o moralismo e o passado. As obras produzidas baseavam-se na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. No Brasil, Oswald de Andrade (escritor) e Anita Malfatti (pintora), entre outros, foram influenciados pelo futurismo e conceitos de rejeição e desprezo pelo passado, bem como recusa da cópia em detrimento do original também estavam presentes.

<sup>34</sup> Disponível em <<http://www.historiadaarte.com.br/futurismo.html>>, acessado em 15/03/2007, às 18h10m.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

especialmente os automóveis, os telefones, e outros, gradativamente procuraram conciliar a utilidade e funcionalidade do produto com a beleza, ao ponto de nos dias de hoje o público extasiar-se esteticamente numa exposição de carros ou nas feiras de informática, eletro-eletrônicos, mas poucas vezes numa galeria de artes plásticas<sup>35</sup>.

Desse modo, o encanto diante dos engenhos técnicos, a obsessão pelo futuro da humanidade, a relação entre sociedade e conhecimento científico, as especulações acerca do uso indiscriminado da tecnociência, são algumas das matérias-primas ou aspectos explorados pela ficção científica.

Mas, apesar de essas ficções serem elaboradas, em grande parte, com base nos elementos da imaginação, inspiração e conjeturas acerca do desenvolvimento e potencial tecnológico, sabemos que, independentemente de seus equívocos e extrapolações, algumas de suas suposições se concretizaram ou serviram de inspiração para os cientistas do “mundo real”. Eis o mundo imaginado, aquilo que antes era visto como ficção científica se instalando e habitando o “mundo da vida”<sup>36</sup>.

Sobre as referidas suposições – quando o mundo fictício inspira o mundo real - não poderíamos deixar de mencionar o caso da criação do satélite artificial que teve como base os escritos de Arthur Clarke que “criou os fundamentos da telecomunicação via satélite”; ou o Buraco Negro, “termo cunhado pela ficção e que substituiu os originais *estrela congelada* e *objetos em completo colapso gravitacional* e ajudou a ciência a estudar o fenômeno”; também temos o caso da clonagem da ovelha Dolly, possibilidade apresentada em *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley; e para citar mais um exemplo, temos o “celular Star Tac, da Motorola, inspirado no

---

<sup>35</sup> Disponível em <<http://www.futurismonaarte/educaterra/voltaire/futurismo/htm>>, acessado em 18/03/2007, às 18h05m.

<sup>36</sup> Sobre ficção influenciando a produção tecnocientífica ver também o capítulo de Introdução (páginas 18-20).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

comunicador do Capitão Kirk de *Jornada nas Estrelas*, cujo símbolo lembra o ícone da Frota Estelar” (Artoni, 2003: 50).

Abstrai-se daí que ao utilizarmos a “tecnociência” como matéria-prima e manipularmos os instrumentos da ficção teremos o que conhecemos por ficção científica (Tavares, 1986; Fiker, 1985). É mister ressaltar que não se trata, entretanto, de uma pseudociência (já que não é tratada pelo seu autor como ciência verdadeira), mas sim de uma “ciência imaginária” cujos elementos constituintes oscilam entre inviáveis, fantásticos, possíveis, indesejáveis e previsíveis mundos sociais (Fiker, 1985).

Conseqüentemente, “numa história de FC, o problema não é a inviabilidade ou possibilidade, previsibilidade destes elementos, mas a habilidade do autor em produzir com eles uma realidade plausível” (Idem, pp.19-20). Talvez seja em virtude dessa característica peculiar – *realidade plausível* – que faça com que esse gênero (ficção científica) exerça um fascínio sobre seus leitores e espectadores.

Porém, o contraste entre o mundo alternativo e o mundo real, através de sua sátira, utopia ou distopia só consegue encontrar elementos de plausibilidade quando seu autor (romancista, roteirista ou diretor) ao pressupor falhas no sistema sócio-político-econômico que ataca, ou acredite que esse sistema pode ser corrigido ou transformado (Causo, 2003).

Assim, o uso da retórica científica articulada com elementos da imaginação e da ficção são características comuns que permeiam tanto os romances como, também, os filmes de ficção científica. Temos, por exemplo, escritores de ficção científica mundialmente conhecidos como Jules Verne (1828-1905), Mary Shelley (1797-1851), H.G. Wells (1866-1946), Aldous Huxley (1894-1963), Philip K. Dick (1928-1982),

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Isaac Asimov (1920-1992) e Arthur Clarke, que se utilizaram desses recursos (ciência ↔ ficção) a fim de produzirem enredos plausíveis e que permitiram ao homem “espiar o futuro” (Artoni, 2003: 44; Vieira, 2003).

Muitos dos romances escritos por esses autores, a saber: *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *Volta ao Mundo em Oitenta Dias* (Verne); *Frankenstein* (Shelley); *A Máquina do Tempo* e *Guerra dos Mundos* (Wells); *O Admirável Mundo Novo* (Huxley); *Blade Runner, o caçador de andróides*<sup>37</sup>, *O Pagamento* e *Minority Report: a nova lei* (Philip K. Dick); *O Homem Bicentenário* e *Eu, Robô* (Asimov); e *2001: uma odisséia no espaço* (Clarke) foram parar nas telas de cinema.

É justamente no momento em que o primeiro filme de ficção científica vai parar nas telas de cinema, *Viagem à Lua*, em 1902, dirigido por Georges Méliès (1861-1938), que esse gênero começa a ganhar popularidade (Artoni, 2003). Diferentemente dos leitores dos romances (comumente intelectuais e entusiastas da ciência), os espectadores dos filmes de ficção científica, inicialmente não faziam parte de um público especializado, mas, na maioria das vezes, eram parte integrante da *mass media* cinematográfica. Por isso Per Schelde afirma que, frequentemente, “o público típico de ficção científica não é também um leitor da literatura de ficção”<sup>38</sup> (Schelde, 1993: 2). Desse modo, teria sido o cinema o responsável por colocar a ficção científica ao alcance das massas porque afinal de contas ele é “um fenômeno das massas” (Artoni, 2003).

Por isso, de forma bastante controversa, muitas vezes a ficção científica é tratada como um gênero menor, o que dificulta o desenvolvimento de pesquisas que se

---

<sup>37</sup> O nome original do romance de Philip Dick em inglês é “*Do Androids Dream of Electric Sheep?*”, cuja tradução seria : Sonham os Andróides com Ovelhas Elétricas ?.

<sup>38</sup> Todas as citações traduzidas, contidas no presente trabalho, feitas a partir de livros estrangeiros são de inteira responsabilidade da autora.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

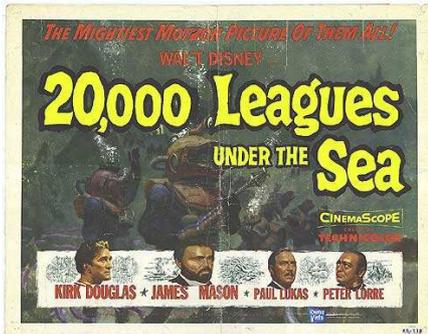
---

debruçam sobre suas narrativas fantásticas (Causo, 2003; Schelde, 1993; Tavares, 1986). Mas, no nosso caso, desconsideramos tal desconfiança e aceitamos o desafio por acreditarmos que as transformações que nos propomos a estudar – “humanização das máquinas e maquinização dos humanos” – há muito tempo vem sendo colocada, explorada e problematizada com *insights* bastante significativos pelos filmes de ficção.

Assim, a partir dos filmes que exploram a temática (homem-máquina e máquina humana) é possível levantar questões valiosas que gravitam em torno da relação entre ciência, tecnologia e sociedade, ou seja, a interface homem e máquina e seus “labirintos sociotécnicos”. E com relação a tais imbricações entre orgânico-inorgânico, homem-máquina, tecnologia-sociedade, o que nos interessa – na condição de especulação e articulação com avanços tecnológicos existentes - é explorar as questões do “What if” (E se), tão presentes nas ficções, e que se reporta diretamente as ansiedades, isto é, ao presente preocupado com ameaças (guerra atômica) ou desastres (ambientais).

Através dos filmes de ficção científica, por exemplo, é-nos possível explorar questões do tipo: *E se* o mundo (ocidente) fosse invadido e/ou atacado por alienígenas (russos) (*Guerra dos Mundos*, 1953; *O Terror veio do Espaço*, 1963), o que aconteceria com a humanidade?; *E se* a sociedade do futuro vier a ser estratificada segundo critérios de perfeição genética, de um lado os *filhos da fé* e, do outro lado, os *filhos da fertilização in vitro* (*Admirável Mundo Novo*, 1998; *Gattaca: a experiência genética*, 1997)?; *E se*, no futuro, formos perseguidos e destruídos por máquinas que nós mesmos construímos (isto é, *e se* as máquinas de que hoje dispomos estivessem nos disponibilizando?) (*Geração Proteus*, 1977; *Exterminador do Futuro*, 1984; *A Guerra dos Donos do Amanhã*, 1989; *Matrix*, 1999);

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**



**Imagem 22** 20.000 Léguas Submarinas, 1954, Richard Fleischer – Walt Disney Pictures



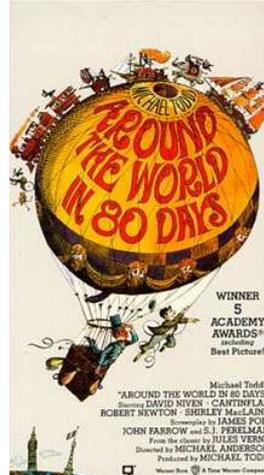
**Imagem 25** A Máquina do Tempo, 1960, John Pal – MGM.



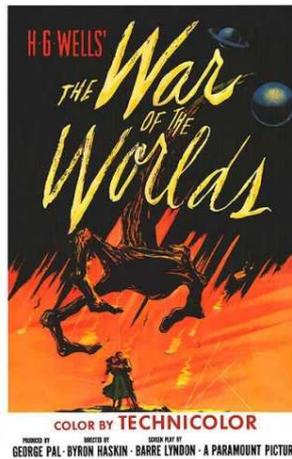
**Imagem 27** Blade Runner, 1982, Ridley Scott – Warner Bros



**Imagem 29** Eu, Robô, 2004, Alex Proyas – 20<sup>th</sup> Century Fox



**Imagem 23** Volta ao Mundo em 80 Dias, 1956, Michael Anderson – Warner Bros



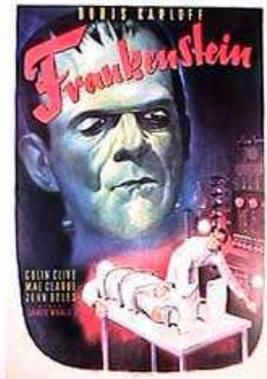
**Imagem 26** Guerra dos Mundos, 1953, Byron Haskin – Paramount Pictures.



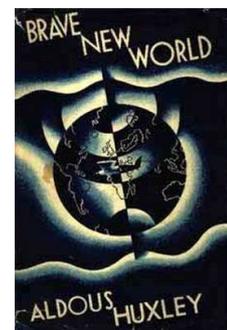
**Imagem 30** O Pagamento, 2004, John Woo – Paramount Pictures



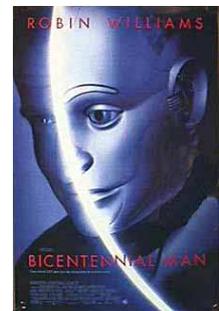
**Imagem 31** Minority Report, 2002, Steven Spielberg – 20<sup>th</sup> Century Fox



**Imagem 24** Frankenstein, 1931, James Whale – Universal Pictures



**Imagem 28** Admirável Mundo Novo, 1998, Leslie Libman



**Imagem 32** O Homem Bicentenário, 1999, Chris Columbus - Columbia Pictures



**Imagem 33** 2001: Uma Odisséia no Espaço, 1968, Stanley Kubrick - MGM

A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

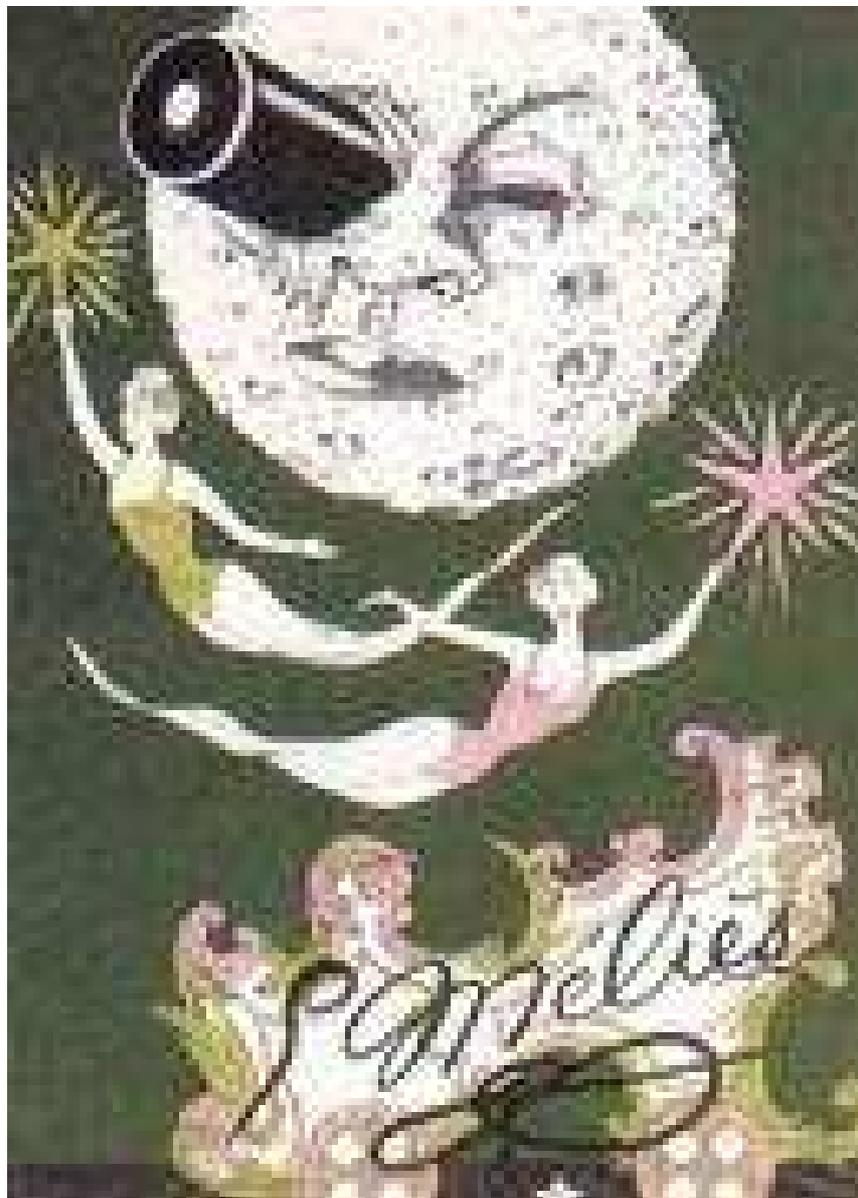


Imagem 34 *Viagem à Lua*, 1902, Georges Méliès.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Ou, ainda, *e se*, viermos a ter máquinas suficientemente inteligentes, resistentes e fortes que em tudo se assemelham aos humanos (emoções e aparência externa), com exceção do tempo de “vida”, que tipo de sociedade poderia advir dela (*Blade Runner: o caçador de andróides*, 1982; *O Homem Bicentenário*, 1999; *Inteligência Artificial*, 2001; *Eu Robô*, 2004)?

Como é possível perceber, a ficção científica cinematográfica também lida e explora questões do tipo “E se” que envolve possibilidades e problemas advindos da articulação presente-futuro potenciais decorrentes do intenso entrelaçamento entre ciência, tecnologia e sociedade. Nisso nos distanciamos de Per Schelde (1993, p.2), já que para ele, é a literatura de ficção que especula intelectualmente sobre o “E se” da ciência, da tecnologia e do futuro, posto que

Os filmes de ficção científica assiduamente (com algumas exceções) evitam ser especulativos e intelectuais. O foco não é sobre o “What if’s” da ciência, da tecnologia e do futuro. O foco dos filmes de ficção científica é sobre os efeitos da ciência, sobre a junção onde o que essa ciência tem criado (usualmente um monstro) encontra pessoas propagando-se e vivendo suas vidas. A ciência da ficção científica não tem que ser lógica. [...] Como o monstro aconteceu ou de onde ele veio, se não é irrelevante, é periférico.

Assim posto, não é difícil concordarmos com Schelde no que diz respeito à não obrigatoriedade ou convergência entre leitores e espectadores de filmes de ficção científica, entretanto, afirmar que o que mais interessa à ficção científica explorada pelos filmes é o caráter assustador do monstro seria limitar, reduzir (e confundir), no mínimo, a ficção científica com a ficção de suspense ou de horror (King, 2003). Nesse caso, não importa sabermos que um filme como

O Monstro do Ártico (baseado no clássico livro de ficção científica *Who Goes There?*) foi um caso de ficção científica até o osso, a despeito de seus elementos de horror; e que o filme *O mundo em Perigo*, sobre o aparecimento de formigas gigantes no deserto do Novo México (como resultado de testes de Bomba H, naturalmente), foi um filme de puro terror, a despeito de elementos de ficção científica (King, 2003: 26).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Para Stephen King<sup>39</sup> (2003, p.26), tanto a ficção científica como a ficção de horror/suspense “são obras da imaginação e ambas tentam criar mundos que não existem, não podem existir, ou ainda não existem. Há diferenças, é claro, mas você pode demarcar suas próprias fronteiras, se quiser – e se prestar atenção, acabará descobrindo que elas são bastante flexíveis”.

É por isso que muitos desses filmes de ficção (inspirados ou não nos romances, mesclados ou não com elementos de horror/suspense) possuem para nós, também, o caráter do “E se” dessa *biotecnosfera* que poderão modificar e/ou influenciar o futuro da humanidade. Ao caráter especulativo do “E se” dos filmes de ficção científica chamaremos: ficção científica sócio-antropológica.

Em suma, agora já temos idéia do que é ficção científica e de quais artifícios ela se utiliza para criar narrativas plausíveis sobre os rumos de uma sociedade tecnológica. Artimanhas como a geração de dúvidas, ansiedades, interrogações que tomam a forma do “pode acontecer”, mas não é para agora.

Vimos que a ficção científica explora e extrapola os elementos constitutivos da tecnociência, através da manipulação dos instrumentos e recursos da ficção, da imaginação e da própria técnica (efeitos visuais) para criar cenários e enredos plausíveis de como poderia ser o futuro ou o que aconteceria com a Terra se algumas coisas acontecessem como é o caso da invasão alienígena (*Independence Day*), viagens

---

<sup>39</sup> Stephen King tenta explicar a ficção de horror da forma que a entende, tentando erguer o véu que envolve seu desejo por esse tipo de literatura, ao mesmo tempo em que busca compreender por que as pessoas se interessam, também, por esse tipo de ficção e acabam pagando “uma boa grana para se sentir tão desconfortável” (King, 2003: 11). No entanto, ao adentrar no universo da ficção King se vê diante da confusão existente entre ficção científica e ficção de horror/suspense, mas por acreditar que na grande maioria das vezes esses gêneros encontram-se intimamente enredados, tentar defini-las ou levantar fronteiras entre elas poderia implicar cair numa cilada. Essa cilada poderia, ainda, limitar as ações do escritor/diretor, então o melhor caminho para evitar tal armadilha seriam os exemplos. Através das exemplificações a tarefa do analista ou crítico se torna menos vacilante, na medida em que os exemplos se tornam capazes de fornecer e explicitar os elementos que conformam as ficções quer sejam elas “fantásticas”, “científicas”, de “horror” ou de “suspense”.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

através do tempo (*De Volta para o Futuro*), clonagem (*O Sexto Dia*) máquinas humanas (*Inteligência Artificial*) e homens máquinas (*RoboCop*).

Os filmes de ficção especulam sobre questões que vão desde a existência de vida em outros planetas, passando pelas viagens no tempo, realidade virtual, engenharia genética até a construção, à nossa imagem e semelhança (*mímese*), de máquinas superinteligentes, extremamente fortes e resistentes. Nesse sentido, é mister ressaltar que nosso interesse recai justamente sobre esse último tipo de narrativa, isto é, sobre as histórias elaboradas em torno da existência de máquinas cada vez mais humanas e de humanos cada vez mais maquinizados, representando a sociedade ciborgue, como vimos no capítulo anterior.

Nesse caso, estamos interessados em ver como, através dos filmes<sup>40</sup> de ficção científica, podemos perceber o estreitamento das fronteiras que separam orgânico de inorgânico. Cabe-nos aqui explorar, por meio das metáforas da humanização progressiva da máquina e da mecanização progressiva do humano, tão recorrentes nesses filmes, de que forma a diluição ou deslocamento das fronteiras que separam natureza/cultura, ciência/sociedade, mito/realidade, orgânico/inorgânico estariam sugerindo a (des)qualificação do humano no momento em que a *mímesis* – o artificial, o fabricado, o simulado – se aproxima, substitui, se funde com ou supera o natural, o biológico? Isto é, numa sociedade cada vez mais tecnológica, os corpos naturais poderiam ter sua **obsolescência** decretada em detrimento dos corpos-máquinas, haja vista a alta **performance** desse último?

---

<sup>40</sup> Não trataremos aqui de *Blade Runner* e *RoboCop*, já que estes são os objetos de análise do presente trabalho. No momento, o que nos interessa é passear pelos filmes que foram produzidos ao longo dos tempos e que exploram a possibilidade da construção de andróides/ciborgues à imagem e semelhança do homem e que por suas características performativas poderão vir a (*des*)qualificar os seres humanos em muitas de suas atividades ou *natureza*.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

### A Astúcia da Mímesis e a Evolução dos Autômatos nos Filmes de Ficção Científica

**H**á muito tempo, sabemos de um desejo que norteia e alimenta o trabalho dos aprendizes de feiticeiros, tais como o dr. Vitor Frankenstein (de Mary Shelley): a construção de seres superinteligentes, perfeitos, indestrutíveis, imortais, ideais. Como *semideuses* da modernidade tentam, assim como “Deus”, fazer uma nova criatura, mas não simplesmente à nossa imagem e semelhança, mas também, superior a nós mesmos. A esse ato e momento, resolvemos chamar de *astúcia da mimesis*.

No âmbito das ciências da informação, essa busca apóia-se, inicialmente, na emulação, um tipo de imitação. Buscando uma definição mais técnica para o referido termo, a emulação poderia ser entendida como sendo a imitação de uma parte ou de todo um sistema, a partir da combinação entre hardwares e softwares a fim de possibilitar o trabalho e a comunicação entre sistemas previamente incompatíveis, como por exemplo, organismos e máquinas.

Em sua astúcia da *mimesis*, o cientista, que, de certa forma, representa uma espécie de “*microtheos*” (“um pequeno deus” na linguagem de Leibniz), passa a acreditar não apenas no “*princípio da construção suficiente*” de Bachelard (Bachelard *apud* Martins, 1998: 153), segundo o qual era a natureza artificial produzida sob controle nos laboratórios que explicava a natureza natural (ou divina), mas também se investe da máxima de Protágoras que via o “homem como a medida de todas as coisas” para seguir adiante em seu projeto de não somente fazer, mas, também, de conferir “vida” e inteligência a organismos cibernéticos.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Desse modo, a *mimesis* (imitação, emulação) aqui surge como um conceito não só figurativo, mas também evocativo, já que ele passa a colher não somente os benefícios estéticos<sup>41</sup>, por ser essa uma questão que tanto influencia quanto caracteriza a nossa cultura, por um lado, mas, por outro, evoca o conteúdo crítico e técnico presente, mas, por vezes, ignorado nas ficções principalmente porque elas se propõem a especular sobre as coisas materiais do mundo, afinal de contas, Asimo<sup>42</sup> está aí para reforçar um pouco sobre o desejo de criar seres artificiais que se assemelhem - em aparência, inteligência (capacidade cognitiva) e desempenho físico - aos seres humanos, mas “E se” der certo, como está dando? Até que ponto esses seres “não-humanos” poderiam influenciar e até mesmo redefinir a vida em sociedade? O que a ficção científica pode-nos antecipar a fim de que possamos refletir sobre isso?

É importante pensar nisso porque organismos cibernéticos, robôs, andróides, ciborgues são temas bastante explorados pelo universo da ficção científica cinematográfica que, por exemplo, comumente dissemina utopias e distopias que envolvem a possibilidade de - no futuro - existirem, por um lado, máquinas humanóides, tais como *Maria (Metropolis, 1926)*, *Gort (O Dia em que a Terra Parou, 1951)*, *Robbie (Planeta Proibido, 1956)*, *C3PO* e *Proteus 4 (Guerra nas Estrelas, 1977; Geração Proteus, 1977)*, *Rachael (Blade Runner: O Caçador de Andróides, 1982)*, *T-800 (O Exterminador do Futuro, 1984)*, *Andrew (O Homem Bicentenário, 1999)* e *David (Inteligência Artificial, 2001)* e, por outro lado, homens-máquina tais

---

<sup>41</sup> Utilizamos o termo *estética* conforme o definido por André Lalande, ou seja, como ciência que tem por objeto o juízo de apreciação enquanto se aplica à distinção entre o Belo e o Feio, principalmente quando se propõe a tentar perceber o conjunto de características comuns num objeto que provocam "emoção estética". A "emoção estética", nesse sentido, refere-se ao Belo e indica um certo estado *sui generis*, análogo ao prazer, ao agrado, ao sentimento moral, mas não se confunde com eles (Lalande, 1999: 343-344).

<sup>42</sup> Robô humanóide produzido pelos laboratórios da fábrica japonesa Honda.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

como, *Steve Austin (O Homem de Seis Milhões de Dólares, seriado dos anos 1970)*, *Luke Skywalker (Guerra nas Estrelas: O Império Contra-ataca, 1980)*, *Robocop (Robocop, 1987)*, *Johnny (Johnny Mnemonic: O Ciborgue do Futuro, 1995)*, *Jobe (O Passageiro do Futuro, 1996)*, *Logan – Wolverine (X-Men, 2002)*, entre outros.

É preciso que se diga que quando falamos em histórias de robôs humanóides, elas se convertem também em histórias sobre seres humanos. Em virtude disso estamos de acordo com Michael Valenti (1996, p.50) quando diz que “os robôs talvez sejam a mais simbólica (e antropomórfica) representação do crescimento da mecanização da vida moderna, tendo sido retratados nos filmes e na televisão como coisas para temer, coisas para fazer amizade, coisas para divertir”.

A palavra robô foi cunhada pelo dramaturgo Tchecoslovaco Karel Capek, em 1921, em uma peça intitulada *R.U.R (Rossum's Universal Robots)* e significa, em Tcheco, “trabalhadores forçados” ou “escravos”. A peça teatral trata da história de um fabricante inglês, Rossum, que produzia homens artificiais em série. O intuito de Rossum era fazer com que esses seres artificiais passassem a executar os trabalhos árduos do mundo em lugar do homem, para que os seres humanos pudessem, então, ter uma vida confortável e prazerosa (Valenti, 1996; Asimov, 1986).

No entanto, segundo Asimov,

Na peça, o que chamo de ‘complexo de Frankenstein’ assume dimensões ainda mais catastróficas. Enquanto o Monstro de Mary Shelley eliminou apenas Frankenstein e sua família, os robôs de Capek adquiriram emoções e, em seguida, ressentindo-se de serem usados como escravos, exterminaram a raça humana (Asimov, 1986: 15).

Cinco anos após a apresentação de *R.U.R*, o diretor Fritz Lang lançava *Metropolis* (1926). Lang, através de *Metropolis*, imprime uma visão distópica do futuro, cuja automação acelerada havia transformado milhares de trabalhadores em

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

escravos. Os operários, em *Metropolis*, são vistos como extensões das próprias engrenagens maquinicas que mantém a cidade em funcionamento pleno.

Falar sobre o filme *Metropolis* e não mencionar a descrição magistralmente construída por João Luiz Vieira (2003, p. 328) seria um deslize imperdoável já que, envolvido por uma atmosfera poética, ele acabou sendo muito feliz quando disse que

...a fascinação em *Metropolis* se encontra mais no poder e na vitalidade da tecnologia, em que, desde a abertura do filme, se destacam as máquinas, os geradores, os pistões, as prensas e caldeiras e os operários mecanizados, vistos como extensões da própria engrenagem, numa composição muito próxima daquela que, seis anos mais tarde, poderia ter inspirado Diogo Rivera na execução dos monumentais murais sobre a indústria automobilística de Detroit. Em ambos, o ser humano transforma-se numa peça de engrenagem mecanizada, o que é acentuado por semelhanças como a quase ausência de cor, dos tons cinzentos e azulados que recobrem igualmente homens e máquinas. Tanto nas fábricas de Detroit como em *Metropolis* a arquitetura das máquinas gigantescas confunde-se com a própria fábrica, a cidade e o corpo onde o coração e músculos são as máquinas e os geradores, ao passo que ruas, pontes e viadutos formam as artérias e a cabeça é a grande torre de onde o líder empresário Jon Fredersen (Alfred Abel) comanda suas operações.

É dentro desse cenário que vemos surgir um robô humanoíde com feições femininas, produzido com a intenção de confundir e se passar por Maria, pacifista e filha de um operário da cidade subterrânea de *Metropolis* para, posteriormente, substituir a mão-de-obra humana. É isso que diz Rotwang (o cientista-inventor) ao se dirigir ao seu financiador, Jon Fredersen: “finalmente meu trabalho está concluído! Criei uma máquina à imagem do homem, que nunca se cansa ou comete erro! Agora não precisaremos mais de trabalhadores humanos”. Rotwang não apenas exalta e cultua a perfeição de sua criatura ‘artificial’ - a máquina - em detrimento do humano ‘in natura’ como, também, desqualifica o último quando diz: “valeu a pena ter sacrificado minha mão por ter criado o operário do futuro – o homem máquina! Dê-me mais 24 horas e lhe darei uma máquina que ninguém conseguirá diferenciar de um ser vivo!”

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 35** À esquerda, o cientista Rotwang regozija-se com sua genialidade diante de sua criatura. À direita, o robô já transmutado em Maria. *Metropolis*, 1927, Fritz Lang – Continental.

Eis que se dá, através da fala de Rotwang e das características e capacidade de realização de sua criatura (Maria, o robô), o alerta de Lang acerca do avanço da mecanização e, conseqüentemente, da desqualificação do humano em detrimento da máquina. Nesse contexto, desqualificação significaria “o processo de usar a tecnologia e a fragmentação do trabalho com o objetivo de reduzir a extensão e a profundidade das qualificações possuídas por trabalhadores” (Johnson, 1997: 69).

Ademais, de acordo com Jack Nachbar, o robô de *Metropolis* “representa a desumanização do humano pela automação” (Nachbar apud Valenti, 1996: 50). Tal pensamento é compartilhado e defendido pelos teóricos da Escola de Frankfurt, posto que para eles automação é repetição e isso desumaniza (Adorno e Horkheimer, 1985; Marcuse, 1964, 1962).

Considerado um clássico, *Metropolis* “não somente prognosticou os efeitos desumanizadores da crescente automação pela transformação dos trabalhadores em escravos das máquinas, mas também esboçou as terríveis conseqüências de se transformar uma máquina em ser humano” (Valenti, 1996: 51).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

A partir daí, os robôs ganharam cada vez mais espaço nas telas como é o caso de *Gort* (O dia em que a terra parou, 1951) visitante do espaço, cujos poderes de destruição até então não se tinha precedentes.

Posteriormente, em 1956, foi-nos apresentada a figura de *Robbie* (*Planeta proibido*, 1956), robô dócil, simpático, com habilidades domésticas (cozinha, limpa, arruma a casa e dirige o carro da família) e com capacidade de “sintetizar 60 galões de *bourbon* para matar a sede do cozinheiro da espaçonave visitante” (Valenti, 1996: 53). Em virtude de seu sucesso e receptividade, *Robbie* ganhou espaço no seriado de TV americano, *Perdidos no Espaço* (1965-68). Mas, em *Perdidos no Espaço* ele passou a ser conhecido como “Robô” (Valenti, 1996).

Em 1977, *C3PO* e *R2D2* surgem como a dupla de robôs atrapalhada, simpática e divertida da trilogia *Guerra nas Estrelas*. *R2D2* possui a característica típica de robô, ou seja, se assemelha a um pequeno barril, hastes no lugar dos braços, luzezinhas vermelhas no lugar dos olhos, com rodinhas para locomoção e conversa através de grunhidos e assobios e é perito em veículos. *C3PO*, por sua vez, remete-nos as características humanóides do robô de *Metropolis*, sendo que seu corpo é dourado. Com um sotaque inglês, habilidades lingüísticas, *C3PO* foi construído e programado para se “dedicar às relações humanas”.

Nos anos 1980, *Blade Runner, o caçador de andróides*<sup>43</sup> (1982) embaça, como nunca dantes visto, as fronteiras existentes entre “humanos” e “não-humanos” e reacende as oscilações e os debates entre *o sentimento de reverência e a suspeita de*

---

<sup>43</sup> Como foi dito anteriormente, *Blade Runner* é uma adaptação feita para o cinema, por Ridley Scott, a partir do romance de Philip K. Dick, *Do Androids Dream of Electric Sheep?*. Apesar de não ser de nosso interesse saber se o filme é fiel ou não à obra literária que o inspirou, vale ressaltar que também no romance esses ciborgues são chamados de replicantes. Penso que esse nome se dá em virtude de esses seres cibernéticos serem réplicas, cópias perfeitas dos humanos.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

*perigo* diante dos avanços tecnocientíficos. *Blade Runner* segue o cenário sombrio e a distopia tão marcantes em *Metropolis*.

Em uma Los Angeles do futuro, os “replicantes” (andróide idênticos aos humanos) foram criados pela Tyrell Corporation para que desenvolvessem trabalhos de risco durante a colonização planetária. Mas um grupo se rebela e volta a Terra para enfrentar seu criador, Tyrell, a fim de obter mais tempo de vida, afinal de contas, posto que por medida de segurança eles foram feitos para durar apenas quatro anos. Como as leis da robótica de Isaac Asimov, o tempo de duração dos replicantes serviria como forma de proteção dos humanos, contra aquilo que Asimov decidiu chamar de “complexo de Frankenstein”, ou seja, o medo de que a criatura venha a debelar-se contra e destruir o próprio criador (*Frankenstein*) ou até toda a humanidade (*R.U.R*, *O Exterminador do Futuro*, *Matrix*, *Eu, robô*).

*Blade Runner* torna-se um filme fundamental na medida em que nos coloca diante mudanças sociais e culturais importantes ocorridas no final do século XX. Segundo David Lyon (1998, p.10),

O cenário de *Blade Runner* é de decadência urbana, com edifícios antes imponentes, agora demolidos, ruas cosmopolitas apinhadas, centros comerciais intermináveis, montes de lixo por coletar e garoa cinzenta constante. Talvez o holocausto nuclear já tenha acontecido? Sem dúvida nenhuma, o progresso está em ruínas. Nada indica que seja Los Angeles; poderia ser qualquer lugar. Colunas romanas e gregas, dragões chineses e pirâmides egípcias misturam-se com enormes anúncios da coca-cola e da Pan Am. Embora transportadores luzidios se desloquem velozmente a alguns metros de altura das ruas, e haja cenas momentâneas de comitivas em uniformes característicos, a imagem dominante é de decrepitude, de desintegração e de confusão caótica.

Para Lyon<sup>44</sup>, esse panorama de *Blade Runner* além de torná-lo pós-moderno, possibilita, também, uma análise da pós-modernidade, haja vista nele emergirem

---

<sup>44</sup> David Lyon visa descrever o pós-moderno retirando alguns exemplos de *Blade Runner*. Todavia, Lyon termina reconhecendo que ao tentar elaborar essa descrição é impossível não tropeçar no moderno,

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

questões sobre a transformação rápida e constante da produção, sobre a sociedade de consumo e a “sociedade espetáculo”, sobre construção de identidades e identificação e sobre a produção de subjetividades (Lyon, 1998: 10).

De qualquer modo, *Blade Runner*<sup>45</sup> mostra-nos com bastante lucidez o que chamamos de *astúcia da mimesis*, posto que reflete a imagem de um mundo tecno-artificial manipulável e simulável, tal qual o mundo natural. É por isso que João Vieira diz que

A ficção científica enfatiza o artifício em seu sentido mais amplo, pois, na criação da ciência, da tecnologia, dos mecanismos mais variados, o que se glorifica é o artifício, com um fascínio absoluto pelo nosso próprio nível de construção. Assim, a ficção científica, em geral vem nos acostumando a apagar continuamente as distinções entre vida e artifício, entre o natural e o artificial, ao mesmo tempo em que interpela essa mesma fronteira difusa (Vieira, 2003: 331).

Ainda nos anos 1980, encontramos *O Exterminador do Futuro*, 1984 (máquina-humana) e *Robocop*, 1987 (homem-máquina). *O Exterminador do Futuro* trata da história de um ciborgue (*T-800*) que vem do futuro para exterminar o líder humano de resistência às máquinas. O *T-800*, no primeiro filme da série, é altamente destrutivo. *As leis da robótica*<sup>46</sup>, de Asimov, por exemplo, não se aplicam, “porque no futuro robôs e computadores declararão guerra aos seus criadores” (Kuntz apud Valenti, 1996:54). Diferenciar o homem da máquina, em *O Exterminador do Futuro*, só é possível no momento em que ele passa a perder a pele que cobre seu esqueleto de

---

visto que “vestígios de modernidade, vestígios de progresso vistos nos prédios e nas ruas, rondam *Blade Runner*” (Lyon, 1998: 10-11).

<sup>45</sup> Assim como outros filmes tais como, *Geração Proteus*, *O Exterminador do Futuro*, *Johnny Mnemonic*, *O Passageiro do Futuro*, *O Homem Bicentenário*, *Projeto Solo*, *Inteligência Artificial* que também trabalham com a diluição das fronteiras entre “humano” e “não humano”, orgânico e inorgânico, natureza e cultura.

<sup>46</sup> Isaac Asimov, em 1942, estabeleceu explícita e organizadamente pela primeira vez – no conto “Impasse”, publicado pela *Astounding Magazine* - as Três Leis da Robótica que determinam: 1 - “Um robô não pode fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum tipo de mal; 2 – Um robô deve obedecer às ordens dos seres humanos, a não ser que entrem em conflito com a Primeira Lei; e 3 – Um robô deve proteger a própria existência, a não ser que essa proteção entre em conflito com a Primeira ou a Segunda Lei” (Asimov, 1986: 17).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

metal, mesmo assim, percebemos que “carne e sangue não são critérios suficientes de humanidade” (Valenti, 1996: 54)

Com *Robocop*, 1987, temos uma vez mais o “estreitamento” acentuado das fronteiras entre homem e máquina, entre orgânico e inorgânico. No filme, o policial-robô surge a partir do momento em que um policial mortalmente ferido pelos bandidos (Murphy) é utilizado no projeto de uma grande corporação que administra o Departamento de Polícia da cidade de Detroit. *Murphy*, o policial tecnicamente “morto”, tem sua cabeça-cérebro conectada a um corpo-máquina tornando-se um “organismo cibernético” ou ciborgue<sup>47</sup> para policiar as ruas de Detroit.

A imagem de *Robocop* vem ao mundo com toda força proporcionando-nos especulações valiosas em torno da fusão entre os sistemas técnicos e a biologia do corpo. Diante de tamanho entrelaçamento entre organismo e máquina, o policial ciborgue se vê, cuja memória fora inicialmente “reprogramada”, “formatada”, constantemente confrontado pelo humano que habita o corpo maquínico. Sua presença estaria indicando, em certa medida, algo que Wiener considerou como sendo, a *era da comunicação e do controle*, uma era onde o modelo cibernético do organismo humano e de sua identidade estaria convergindo “para um ponto originário comum, o da teoria do controle e da comunicação e das práticas e de engenharia” (Santaella, 2003).

Desse modo, ao que nos consta, o avanço e aperfeiçoamento das próteses e implantes artificiais, nos anos 1980, tornaram bastante plausível a idéia do homem-máquina e da intervenção técnica na (re)construção dos corpos (Valenti, 1996; Vieira, 2003). Mas, afinal de contas, *Robocop* é homem ou máquina? O que definirá ou negará

---

<sup>47</sup> Sobre ciborgue ver capítulo 2.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

sua humanidade, será sua capacidade de fazer escolhas ou seu corpo mecânico? Diferentemente do filme *Metropolis*, em *Robocop* a mescla entre homem e máquina não é uma “coisa má” por si só, e por isso mesmo força-nos a questionar sobre nossa humanidade dentro de uma sociedade dominada pela técnica.

Ademais, tanto *Robocop* (1987) como *Blade Runner* (1982), *O Exterminador do Futuro* (1984), *Johnny Mnemonic* (1995), *O Homem Bicentenário* (1999), *Inteligência Artificial* (2001), entre outros filmes que evocam a imagem do ciborgue, “indicam a presença de uma transformação que afeta o panorama da cultura contemporânea” (Santos, 2000).

Que transformação seria essa? A perda da consistência dos limites ontológicos seria uma delas e o deslocamento das fronteiras entre natureza e cultura seria outra. Isto acontece porque as metáforas da humanização progressiva das máquinas e da mecanização progressiva dos humanos, exaustivamente explorada pelas ficções científicas cinematográficas,

Tem desenvolvido uma obsessão com o reposicionamento e a redefinição do que é humano, da imagem problemática do que é *ser humano*. [...] Esse excesso de novidades, de imagens do artifício, do tecnológico, torna-se comum para o desenvolvimento e a aceitação de um novo tipo de anatomia do humano – uma anatomia cinematográfica que explora novos níveis diferentes de construção do artificial e que revela quanto somos controlados por um tipo de programa internalizado, não muito distante daquele que impulsiona os seres artificiais que habitam os filmes (Vieira, 2003: 332-333).

O “programa internalizado”, a que se refere João Luiz Vieira (2003), está vinculado ao poder de influência da mídia por veicular os interesses corporativos e governamentais. Por isso, as mídias são capazes de exercer influência e moldar pensamentos e sensibilidades (Schelde, 1993; Lyon, 1998; Sibilia, 2002; Santaella, 2003; Adorno & Horkheimer, 1985; Marcuse, 1982).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Conseqüentemente, esses personagens de FC terminam por nos colocar diante do grande dilema que surge no momento em que componentes humanos são misturados as máquinas e vice-versa (Featherstone e Burrows, 1996).

Diante da tensão, proposta pelos filmes, existente nas fronteiras entre humanos e “não-humanos”, o argumento de Donna Haraway sobre o ciborgue, mais uma vez, torna-se relevante – para refletirmos sobre a *astúcia da mimesis* - porque ele nos faz pensar sobre a dupla façanha do mesmo, ou seja, o ciborgue como uma criatura da realidade social e como uma criatura de ficção.

Enquanto ficção o ciborgue estaria “mapeando nossa realidade social e corporal” (Haraway, 2000: 41), sem, no entanto, deixar de ser um importante recurso imaginativo para se pensar o encontro do homem com um novo tipo de alteridade (a máquina) dentro da realidade social que se apresenta.

Portanto, diante de “Marias” (*Metropolis*), “replicantes” (*Blade Runner*), “policiais-robô” (*RoboCop*) e “exterminadores” (*Matrix*) percebemos, por intermédio das ficções e suas metáforas, que

As fronteiras do impossível são empurradas para mais e mais longe, apesar da incerteza quanto aos efeitos longínquos e os riscos já manifestos. A capacidade do saber e a capacidade do poder-fazer progridem juntas. Contribuem para manter a ilusão de um crescente domínio, a imagem de um mundo que é possível manipular, transformar, simular. Um mundo em que a cultura mudada pelas forças da técnica tudo pode dominar: um mundo daqui em diante totalmente imputável ao homem, esquecendo-se daquilo que o real ainda comporta – e comportará sempre – de desconhecido e irreduzível (Balandier, 1999: 77).

Ao fim e ao cabo, muitas questões nos vêm à mente ao pensarmos mais detidamente sobre esses mundos imaginados, já que os mesmos nos conduzem a refletir sobre o que caracterizaria essas máquinas que nos fariam pensar e questionar aquilo que caracteriza os humanos, ou seja, “a matéria de que somos feitos” (Silva, 2000: 15).

## CAPÍTULO 4 - ELEMENTOS DA FICÇÃO MAPEANDO NOSSA REALIDADE SOCIAL

---

No seio das reconstituições da vida social e cultural, uma questão candente, que tem ocupado a mente dos teóricos e a imaginação dos artistas, está voltada para as transformações pelas quais o corpo humano está passando e, segundo os prognósticos, ainda deverá passar. *O corpo humano se tornou problemático e as inquietações sobre uma possível nova antropomorfia têm estado no centro dos questionamentos sobre o que é ser humano na entrada do século XXI* [grifos meus].

Lucia Santaella

### **RoboCop: Pós-Humano ou Corpos BioTecnoArtificiais (Des)Qualificando Corpos Naturais?**

Tecnicamente, não haveria mais razão para morrer (...) A morte é uma estratégia evolutiva superada. *O corpo não precisa mais ser consertado; suas peças serão simplesmente repostas.* A vida estendida não significa mais existir, porém ser operacional [grifos meus].

Stelarc

Nossas mais poderosas tecnologias do século XXI – robótica, engenharia genética e nanotecnologia – estão ameaçando por em perigo a espécie humana (Joy, 2000). Tal assertiva é proferida por Bill Joy, perito em sistemas informáticos, num texto considerado apocalíptico intitulado *Why the future doesn't need us?* (Por que o futuro não precisa de nós?). Bill Joy estabelece o outono de 1998, quando encontrou com Ray Kurzweill<sup>48</sup> e John Searle<sup>49</sup>, como o momento do seu despertar para as facetas e perigos das novas tecnologias para os seres humanos.

---

<sup>48</sup> Cientista-inventor e autor dos livros *The Age of Spiritual Machines*, *The Age of Intelligent Machines* e *The singularity is Near*. Ray Kurzweil é considerado como um dos maiores entusiastas, pensadores e defensores, na atualidade, da inteligência artificial e da nanotecnologia.

<sup>49</sup> Psicólogo, filósofo e professor, americano, da Universidade de Berkeley, Califórnia (EUA). John Rogers Searle se destacou como forte crítico dos proponentes e defensores da Inteligência Artificial. Autor dos livros *A Redescoberta da Mente* (1992), *Intencionalidade* (1995), *O Mistério da Consciência* (1997) entre outros onde defende a consciência como fenômeno mental principal e recusa a teoria de que a mente é um programa de computador.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Joy revela que sua ansiedade surgiu quando Ray Kurzweil afirmou que no futuro nos tornaríamos robôs ou nos fundiríamos com eles, apesar de John Searle ter contra-argumentado que isso não poderia acontecer porque as máquinas não têm consciência. Essa afirmação foi confusa e inquietante porque ele (Joy) sempre teve a sensação de que os robôs pertenciam ao domínio da ficção.

Sua preocupação aumentou ainda mais ao ler *The New Luddite Challenge*, de Theodore Kaczynski, o Unabomber<sup>50</sup>. Nesse livro, Kaczynski especula sobre o que aconteceria se os cientistas da computação fossem bem sucedidos em seu projeto de construir máquinas inteligentes capazes de substituir os seres humanos. Primeiramente, para ele, se as máquinas inteligentes fossem capazes de tomar suas próprias decisões (sem a supervisão humana) os seres humanos ficariam à mercê delas e, segundo, se o controle dessas máquinas ficasse restrito a uma pequena elite humana, as massas seriam domesticadas porque supérfluas do ponto de vista do sistema (Joy, 2000; Santos, 2003).

Se nos voltarmos para a abertura do corpo à instrumentalização, pelos diversos ramos do saber, perceberemos que várias são as implicações resultantes desse processo de imbricação entre homens e máquinas, orgânico e inorgânico, seres vivos e inanimados. Se por um lado, a preocupação de Joy pode parecer exagerada já que em alguma medida nós já nos “fundimos” com as máquinas como é o caso de pessoas que utilizam marcapasso, ou termos microchips implantados em nossos cérebros com a finalidade de devolver parte da audição perdida; por outro lado é nossa obrigação

---

<sup>50</sup> O livro é de autoria de Theodore Kaczynski, o Unabomber, que perpetrou e matou três pessoas (entre elas David Gelernter, um dos mais brilhantes e visionários cientistas da computação de nosso tempo) e feriu outras num atentado a bomba (Joy, 2000). (As traduções são de inteira responsabilidade da autora).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

avaliar os discursos acerca da obsolescência e reificação do corpo, do desaparecimento do humano, do surgimento do ciborgue e do pós-humano.

Por exemplo, no início do filme *RoboCop: O policial do futuro* (1987), vemos, durante o intervalo do noticiário, um médico caminhando pelos corredores de um hospital, onde aparecem pessoas feridas, e fazendo a divulgação de uma linha de corações artificiais da Jensen e Yamaha:

**[Médico]:** É hora daquela operação importante? Esta pode ser a decisão mais importante da sua vida. Então, venha conversar com um dos nossos qualificados cirurgiões... no Centro do Coração Familiar. Centro do Coração Familiar – Temos uma linha completa de corações Jensen e Yamaha. Você escolhe o coração. Garantia de Fábrica. Financiamento. É qualificado como crédito no imposto de saúde. Ligue agora! 1-800-555-4444. E lembre-se, nos importamos!



**Imagem 36** Propaganda do Coração Artificial – *RoboCop*, 1987 - Orion Pictures.

Essa cena nos dá a sensação de um corpo banalizado ou “um corpo sem sujeito nem afetos”, um rascunho, um objeto imperfeito a ser corrigido (Le Breton, 2003),

um corpo “fagocitado” pela técnica (Virilio, 1998). Ela nos insere na perspectiva do ser vivo como mercadoria, num mundo aberto à economia de mercado e aos jogos de concorrência. Como diz Le Breton (2003, p. 16),

O corpo é declinado em peças isoladas, é esmigalhado. Estrutura modular cujas peças podem ser substituídas, mecanismo que sustenta a presença sem lhe ser fundamentalmente necessário, o corpo é hoje remanejado por motivos terapêuticos que praticamente não levantam objeções, mas também por motivos de conveniência pessoal, às vezes ainda para perseguir uma utopia técnica de purificação do homem, de retificação de seu ser no mundo. O corpo encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

O hospital torna-se, desse modo, uma metáfora da linha de montagem e local privilegiado para a fabricação do “novo homem”, com direito a “garantia de fábrica”, inclusive.

Observamos com isso que as técnicas e tecnologias para modificação do corpo, como cirurgias plásticas, cosméticos, próteses, não contribuem somente para a sua interrogação e/ou sua manutenção, mas terminam por fazer dele um lugar fantástico. “O corpo se descobre enquanto terreno há muito explorado e revelado pela imagística médica, como um espaço de maravilhamento onde se multiplicam as proezas, onde a doença experimenta fracassos. Nesse sentido, naturaliza a esperança dando-lhe primeiro a forma de expectativa de um acréscimo de vida” (Balandier, 1999: 114).

Mas como exercer um controle ético-social, sobre a maneira de utilizar a ciência, estabelecendo limites, editando regras sem que essas se constituam em entraves ao progresso? Como disse Balandier (Idem, p. 96):

O que está em causa é menos a irresponsabilidade dos cientistas que não hesitariam em passar por cima de sua ignorância, negligenciando a imprevisibilidade de todas as conseqüências e os efeitos irreversíveis, mas o poder do sistema tecnocientífico ramificado sobre uma economia do ser vivo entregue unicamente a seus dinamismos, obcecada por seus avanços. *O risco toma um aspecto radicalmente novo quando toca nas próprias fontes da vida.* Na medida em que os seres vivos não-humanos são o objeto das manipulações, o risco parece estar ainda no exterior; os temores são temperados pelos benefícios esperados, ou derivados de medos principais – como o de uma guerra bacteriológica, por exemplo -, ou concebidos por um imaginário obcecado por quimeras, monstros e seres mutantes. As coisas ficam diferentes quando o risco se estabelece no interior do homem, indivíduo e membro da linhagem humana. Este, no espaço de menos de uma geração, adquiriu de seu corpo um conhecimento inteiramente revolucionado; descobriu os órgãos transplantados e os implantes que remédiam suas deficiências, alguns recorrendo à terapia genética, as transferências do vivo para o vivo, pode-se dizer sem cair num mau jogo de palavras [Grifos meus].

Com o conhecimento aprofundado do nosso corpo, com o poder de nos autotransformar, com o acesso ao domínio do ser vivo, estamos enfim “livres”; nossas vidas estão em jogo não mais por estar à mercê da sorte (destino), mas porque a partir

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

de agora estamos completamente à disposição para a transformação e administração (Balandier, 1999).

Com o processo de “colonização” gradativa do corpo pelos organismos sintéticos, Paul Virilio (1998, p. 146) observa uma tendência a desqualificação do ser humano em detrimento dos artefatos ou suportes técnicos quando diz:

...da mesma forma que o homem natural foi considerado inútil, suas performances serão consideradas ultrapassadas. Por exemplo, o homem nu era considerado como sendo um primata sem nenhum valor – tal como o homem nu com sua flecha -, enquanto que o homem equipado, com sua espada, seu cavalo, sua roupa – o conquistador – era considerado o mestre. Mas *atualmente é o olho nu e cada órgão do corpo que é desqualificado, e não mais somente o homem nu... Cada órgão do ser é considerado como sendo primitivo face às próteses técnicas capazes de irem mais longe nas performances* [Grifos meus].

Cumpramos ressaltar que as relações técnicas que se estabelecem com o corpo atuam em várias configurações e níveis operando desde as marcas corporais (tatuagens), o *body building*, a *body art*, cirurgias plásticas estas com finalidades estéticas aos implantes e transplantes de órgãos<sup>51</sup> (artificiais ou não), técnicas de fertilização/reprodução com finalidades direcionadas para a recuperação ou perda da funcionalidade fisiológica, orgânica ou anatômica, além das técnicas com finalidade de superação e aumento da performance físico-químico e orgânica.

Essa última finalidade é a que assusta Bill Joy, Baudrillard, Virilio entre outros, ou seja, a de um projeto científico que não visa dar ao homem segurança e conforto, mas principalmente criar uma nova raça, uma espécie melhorada. E é justamente esse desejo que, no filme RoboCop, é perseguido pela *Produtos de Consumo Omni* (OCP), empresa encarregada pela administração da força policial da cidade de Detroit.

---

<sup>51</sup> Já existem equipamentos de reposição para substituir joelhos, bacias, ombros, cotovelos, maxilares, dentes, pele, válvulas do coração, braços, pernas, dedos, corações (Kurzweil, 2003).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Em *RoboCop* (1987), a força policial, de Detroit, está exigindo da OCP melhores condições de trabalho e salário. Policiais têm sido assassinados e a empresa não faz nada a respeito. O sindicato dos policiais pressiona, mas a empresa resiste. O intuito da OCP é criar uma máquina para fazer o trabalho policial 24 horas por dia e garantir segurança à sociedade, sem greves, sem encargos trabalhistas. Isso é o que diz Dick Jones (Vice-Presidente da OCP) ao apresentar o novo protótipo militar, ED 209, ao conselho diretor da OCP:

**[Dick Jones (DJ)]:** Vejam com atenção o histórico desta companhia. Verão que apostamos em mercados tradicionalmente considerados não-lucrativos. Hospitais. Prisões. Explorações espaciais. Eu digo, os bons negócios estão onde os encontramos. Como sabem, temos um contrato para administrar a força policial local<sup>52</sup>. Mas na Divisão de Segurança, acreditamos que uma força policial eficiente é só parte da solução. Não, precisamos de algo mais. **Precisamos de um policial 24 horas por dia. Um tira que não precise comer ou dormir. Um tira com poder de fogo superior, e com os reflexos para usá-lo.** Meus caros colegas, é um prazer apresentar-lhes o **futuro da força policial, ED 209** (Grifos meus).

Ao final da fala de Dick Jones, a máquina começa a caminhar sob o olhar de espanto de todos os que estavam presentes. Com passos pesados e ruídos metálicos a máquina entra na sala. Jones se aproxima do robô e continua seu discurso:

**[DJ]** O Andróide de Policiamento Série 209 é um **robô policial auto-suficiente**. Está programado para pacificação urbana, mas isso é só o começo. Após uma temporada bem-sucedida na velha Detroit esperamos que o 209 **torne-se produto militar da próxima década** (Grifos da autora).

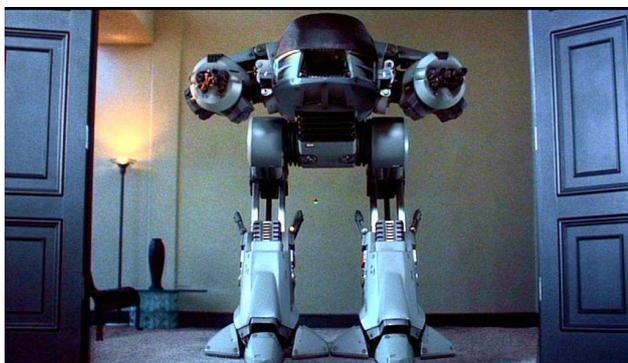


Imagem 37 ED 209 – *RoboCop*, 1987 - Orion Pictures.

Porém, o robô *ED 209* (à esquerda) não foi bem sucedido em sua estréia, devido à incapacidade de avaliar a situação de tentativa de assalto e desarmamento que fora

---

<sup>52</sup> Vale chamar atenção ao aspecto do serviço policial ou segurança pública que é responsabilidade do Estado, sendo transferido para administração privada.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

simulada. Quando o diretor da OCP, Dick Jones, está apresentando o que ele afirma ser o futuro da força policial da cidade de Detroit, ele pede a um dos membros do conselho, o Sr. Kinney, que segure uma arma e aponte para o robô ED 209, de forma ameaçadora. Nessa simulação o robô realizaria uma ação de desarmamento e prisão. No entanto, durante a demonstração, mesmo depois que o Sr. Kinney largou a arma como solicitado pelo robô, o mesmo entrou em pane e o executou com uma rajada de tiros de metralhadora e depois entrou em colapso.

Explicitamente, na fala de Jones, percebemos a intenção de substituir o ser humano (força policial) pela máquina. No entanto, enquanto o projeto ED 209 lidava com um protótipo completamente constituído por elementos maquímicos, o projeto RoboCop<sup>53</sup> visa a utilização da hibridação entre homem e máquina. Não um robô, mas um ciborgue. Para isso, os cientistas precisariam de um candidato e nenhum ser humano (mentalmente são) iria se oferecer para tal projeto. Por isso a OCP havia reestruturado o departamento de polícia com prováveis candidatos.

O projeto *RoboCop* pôde ser viabilizado quando o policial Murphy, recentemente transferido para o Departamento de Polícia da Zona Oeste de Detroit, caiu numa emboscada e foi mortalmente ferido. Quando os médicos viram que não poderiam salvá-lo e que tecnicamente Murphy estava morto, os cientistas da OCP colocaram em ação o projeto.

---

<sup>53</sup> Miguel Angelo Laporta Nicolelis, médico e cientista brasileiro, professor titular de neurobiologia e engenharia biomédica da Universidade de Duque (EUA), lidera um grupo de pesquisadores da área de Neurociência que estuda a integração do cérebro humano com as máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina), semelhante à idéia do *RoboCop*. Nicolelis afirma ser possível essa integração já que o cérebro humano com o passar do tempo tende a reconhecer as próteses como parte do próprio corpo. O objetivo das pesquisas de Nicolelis e seu grupo é desenvolver próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Esse trabalho está na lista do MIT (Instituto Tecnológico de Massachusetts – EUA) sobre os trabalhos na área científica que irão mudar o mundo. Atualmente, Miguel Nicolelis lidera o Instituto Internacional de Neurociências de Natal (IINN), no Rio Grande do Norte.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 38** Policial Murphy antes da Transformação *RoboCop* (1987) – Orion Pictures



**Imagem 39** RoboCop (Murphy) após a transformação – *RoboCop* (1987), Orion Pictures

Durante o processo de construção do *RoboCop* ou da reconstrução do policial Murphy, em outros termos, os cientistas conseguiram salvar seu braço esquerdo, mas Robert Morton – executivo responsável pelo projeto – exigiu que o mesmo fosse retirado já que ele queria uma prótese corporal total. Nesse momento, Morton visivelmente demonstra sua insensibilidade e desprezo pela parte orgânica que resistiu à morte completa. O “braço esquerdo” (membro salvo), para ele, é descartável. **A prótese, como a parte ciber da criatura visa** suplementar ou corrigir algumas deficiências e fragilidades do organismo biológico, bem como serve também como ampliação do potencial do corpo.

Robert Morton enfatiza o desabono do corpo (como fazem ciberneticistas como Moravec ou entusiastas da Inteligência Artificial como Marvin Minsk ou Ray Kurzweil), mostra como o corpo não está mais a altura das capacidades, atualmente, exigidas na era da informação já que o mesmo é visto como lento, frágil, incapaz de memória etc; convém livra-se dele forjando um corpo biônico (Le Breton, 2003).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 40** Policial RoboCop em ação – *RoboCop* (1987), Orion Pictures

Quando *RoboCop* aparece na tela percebemos visivelmente seu corpo como um híbrido de homem e máquina (diferentemente do filme *Blade Runner* que gira em torno do problema do estabelecimento de testes a fim de descobrir os ‘replicantes’ robóticos, cujos corpos, aparentemente são indistinguíveis dos seres humanos). A transformação de Murphy em *Robocop* caracteriza-se pela eliminação total do corpo (humano/carne) com a manutenção da mente (acrescida de um chip programável) e da face. Sua consciência-memória fica dividida entre ser um artefato aperfeiçoado e ter sido um dia um ser humano.

Ao surgir diante de nós a imagem do ciborgue não apenas modifica os horizontes do que o corpo pode ser, mas também aponta para o fascínio com o artificial, com as inovações tecnológicas nas áreas médicas, robótica e de inteligência artificial.

No Departamento de Polícia de Detroit, Zona Leste, a chegada do *RoboCop* desperta a curiosidade dos policiais diante daquele ser meio homem meio máquina. Na

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

área de treinamento de tiros, ao começar a atirar, o barulho estrondoso, a potência e a precisão da arma do *Robocop* tira a concentração dos demais policiais que tentam se aproximar para vê-lo de perto. E um dos policiais comenta: “Esse cara é bom”. Mas uma policial imediatamente retruca: “Ele não é um cara, é uma máquina”. Diante daquela demonstração de agilidade e perfeição daquele ser híbrido e da situação delicada em que se encontra a força policial, um outro pergunta assustado: “O que vão fazer? SUBSTITUIR a gente?” [Grifos meus].

A desconfiança colocada por Virilio (1998) de que atualmente cada órgão do corpo é desqualificado porque são considerados como sendo primitivo face às próteses técnicas capazes de ir mais longe nas performances é retomada pelo filme (na ficção científica vários são os filmes que levantam essa questão como é o caso de *Metropolis*, *Geração Proteus*, *Blade Runner*, *Eu, Robô* entre outros). Esses filmes de ficção científica tendem a acentuar as conseqüências que estão intimamente ligadas à artificialização da sociedade, à (re)produção das máquinas inteligentes, dos sistemas automatizados, que são devoradores de trabalho e que só ajudam a suprimir os empregos, ao invés de criá-los

A consideração de Virilio, de Baudrillard, de Joy de que - diante das possibilidades aventadas pela robótica, inteligência artificial, engenharia genética, células-tronco – nossos objetos técnicos seriam preteridos em detrimento de nossos corpos obsoletos, frágeis, lentos é reforçada pela afirmação do ciberneticista Hans Moravec que, em 1988, em seu livro *Mind Children*, ousadamente já falava de uma era pós-biológica, da liberação do pensamento da escravidão de um corpo mortal.

Nos anos 90, século passado, durante o II Simpósio Internacional da Arte Eletrônica, Sterlac, artista australiano, no seu trabalho “Prótese, robótica e existência

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

remota”, ao desenvolver sua tese do corpo obsoleto, também falava em estratégias pós-evolucionistas para reprojeter o corpo humano biologicamente mal equipado para enfrentar seu novo ambiente extraterrestre (Le Breton, 2003, Santaella, 2003).

O debate em torno do desaparecimento do corpo humano tem sido um tema bastante difundido no universo da ficção científica e nos estudos antropológicos. Apesar da era da cibernética ser representada como uma fase pós-evolucionária ou pós-humana, ainda assim ela não é tão precisa para argumentar que as fronteiras de nossos corpos e a inerente humanidade tem sido desenvolvida porque os corpos e as máquinas, teoricamente, podem ser definidos ou programados como padrões e informação (Muri, 2003).

Aliás, para Alex Muri (2003, p.74; 77) “o construto do sujeito desincorporado é uma figura literária – um produto da linguagem e da imagem – assim como é um resultado de abstrações da computação digital ou da vida cotidiana das pessoas envolvidas com ferramentas tecnológicas”. Muri acredita que “as narrativas, performances, sonhos e preocupações, tanto irônicas quanto sérias, têm contribuído para uma forma de ansiedade sobre a desincorporação humana ou evolução para um estado pós-humano”.

A questão que incomoda Muri (Idem, p. 89) é “por que teóricos proeminentes descreveram o estado do tão-chamado corpo pós-humano como uma desincorporação ou simulacro quando existem tantos corpos povoando e poluindo a terra?”. Entre as respostas possíveis estava a possibilidade de que um certo zelo tenha encorajado os escritores para postularem visões do ‘fim’ (como pós-humano, pós-geológica, pós-gênero, pós-industrial, pós-apocalíptica, pós-natureza, pós-qualquer sociedade); ou simplesmente a necessidade de “ser a vanguarda da busca intelectual, no cortante

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

pensamento pós-moderno, que parece ter obscurecido o fato de que as teorias de desincorporação são com frequência, somente tangencialmente, sobre corpos vivos”; mas ainda, cinicamente falando, Muri (2003, p. 90) postula que

O discurso da desincorporação tem ajudado a ganhar reconhecimento e gratificação no mundo acadêmico, onde a percepção da originalidade e relevância intelectual é forte moeda corrente. Carreiras são construídas sobre tais idéias inovadoras que, nesse caso, reciclam os velhos ideais de espírito e corpo humano sobre o qual o humanismo acadêmico inicial foi fundando. Essas não são ironias inúteis, talvez, e é bom ter um trabalho; mas elas revelam os compromissos feitos quando a teoria escolhe esquecer as realidade materiais dos corpos e da história, e sua própria confiança sobre as tradições e metáforas literárias.

Diante dessas estratégias de remodelação, como advogadas pelas tecnologias ciborgue, e da dependência do homem em relação às máquinas,

A sociedade passa a ser gradativamente colonizada pelos objetos técnicos, com isso se multiplica as rupturas com as configurações simbólicas, com as mediações que regiam as maneiras de ser em conjunto. Tudo se passa, ou pelo menos assim parece, como se subsistissem apenas dois ‘parceiros’: de um lado, os sistemas técnicos que progridem em eficácia e poder, que aumentam suas redes sem limitação geográfica ou social; de outro, os indivíduos socialmente desligados – em um grau sem precedentes na História – que têm capacidades desiguais, e em crescente desigualdade, de estar aliados aos grandes sistemas técnicos, de a eles ter acesso e deles tirar recursos e vantagens” (Idem, p.81).

Esse avanço cego diante do fascínio exercido pela realização e performance, tende a submeter a sociedade aos caprichos de uma technicalização expansiva, acentuando nossa dependência, adormecendo nossos corpos em relação aos suportes e objetos técnicos, tornando nosso cotidiano cada vez mais mecânico. Então, se *RoboCop* é uma possibilidade é porque a máquina está hoje presente em todos os lugares. Como “objeto” de desejo e possibilidade ele (*RoboCop*/Máquina) se “situa na genealogia das criaturas artificiais concebidas pelo homem para remediar suas impotências, atingir os casamentos mecânicos que multiplicam suas capacidades” (Idem, p. 86-87).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Nesse sentido, diante do relacionamento Homem-máquina é importante depreender que “se muitos indivíduos em países industriais ou pós-industriais não são completamente ciborgues, todos nós certamente vivemos numa ‘sociedade ciborgue’ (Gray, 1995: 3).

Como diz Gray (Idem, pp.2-3), a extensão desses relacionamentos íntimos entre orgânico-mecânico é surpreendente (de fazer cair o queixo), posto que, como já dissemos:

Ciborgue não é apenas o *Robocop* dos filmes de ficção científica, mas também nossa avó com um marca-passo, nosso colega com o braço protético mioelétrico ou qualquer pessoa cujo sistema imunológico tenha sido (re)programado por meio de vacinação para reconhecer e eliminar o vírus da pólio. Não apenas o piloto de bombardeiro, no cockpit, em estado-de-arte que pode atingir inimigos com os olhos, mísseis com uma palavra, e que usa computadores para monitorar o próprio corpo e para criar uma desincorporação na visão de batalha dos Olhos de Deus, mas também, potencialmente, bilhões de humanos ainda por nascer que serão produtos da engenharia genética.

Ao fim e ao cabo, importa mesmo saber que para nós o pós-humano não passa de uma figura de retórica (que guarda suas suspeitas como alertou-nos Bill Joy), ao passo que a história dos ciborgues escapa ao espaço da história contada em torno do brilho do fogo televisionado, e *RoboCop* deixa de ser ficção para ser realidade em termos menos fantasiosos. Isso porque já existem muitos ciborgues reais entre nós, híbridos de organismo-máquina.

Tecnicamente, como vimos, qualquer pessoa com um órgão artificial, membro ou suplemento (como o marca-passo), qualquer pessoa reprogramada para resistir a doença (imunizada) ou fármacos para pensar/agir/sentir-se melhor (farmacologia) é um ciborgue (Grey, 1995). Nesse sentido, todos nós seríamos dotados de corpos

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

biotecnartificiais o que ao invés de nos desqualificar estaria nos dando condições de enfrentamento às adversidades.

### ***Blade Runner: A Astúcia da Mimesis ou a Realização do Sonho de Turing?***

Talvez chegue o dia em que o ser humano que atirar em um robô saindo das fábricas da General Electric verá, com grande espanto, esse último esvaindo-se em sangue e lágrimas. E o robô moribundo poderá, por sua vez, atirar no homem e, com maior espanto ainda, ver um fio de fumaça cinzenta erguer-se da bomba elétrica que ele pensava ser o coração batendo do homem. Esse seria um grande momento de verdade para ambos (Philip K. Dick apud Le Breton, 2003: 195).

### **Construção de Criaturas Artificiais: Um Sonho Antigo**

**É** sempre importante reafirmar que o desejo de construir novos seres não é algo recente<sup>54</sup>. Essa idéia ou aspiração de que - “um dia” - o homem, talvez, seja capaz de fabricar máquinas que venham a ter aptidão para ir além da simples execução de movimentos repetitivos e limitados, ou seja, de construir um “objeto artificial” que imite/simule ou se comporte como uma criatura viva tem sido recorrente em vários estágios da história da humanidade (Asimov, 1994).

De um lado, o sonho da criação de um ser artificial dotado de qualidades humanas tem sido nutrido através de mitos, de lendas e de ficções científicas da literatura ou do cinema; do outro, esse desejo foi acalentado pelos logros dos avanços tecnocientíficos em campos como a matemática, a medicina, a biologia, a física, a química e atualmente pela engenharia genética, biologia molecular, inteligência artificial, robótica etc.

---

<sup>54</sup> Como já foi dito nos capítulos anteriores.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

São várias as histórias que versam sobre seres inanimados, aos quais foram conferidas qualidades humanas, que foram trazidos à “vida” de inúmeras formas. Na mitologia grega, por exemplo, conta-se que Hefesto<sup>55</sup>, o deus da metalurgia, após ter sido banido do Olimpo, construiu um palácio que era habitado por vários servos mecânicos. A ele também são atribuídas as criações das *Celedones* (mulheres de bronze destinadas ao Templo de Apolo), das *Criséias* (mulheres de ouro para serem suas criadas) e *Talos*, o gigante de bronze, que fora dado como presente a rainha de Creta.

Há também o Golem, mito judaico, que relata a história do rabino Loew e que se passa na cidade de Praga, no século XVI. Diz a lenda que o rabino - utilizando-se apenas de barro e água - construiu um ser humano artificial e o trouxe à “vida” através do uso sagrado do nome de Deus. Essa criatura, que ficou conhecida como golem, foi criada por Loew com o intuito de proteger os judeus contra perseguidores (Asimov, 1999).

Temos, também, como já falamos, o *Frankenstein*, de Mary Shelley. Diferentemente do mito judaico, o golem, que envolve forças misteriosas para trazer vida à criatura; o mito de *Frankenstein* se constitui como dimensão crítica às noções de

---

<sup>55</sup> Hefesto ou Hefaístos, filho de Zeus e Hera, ficou conhecido - na mitologia grega - pela criação de Pandora. Diz a lenda que como desforra a Prometeu e aos homens - o primeiro por ter furtado o fogo divino e o segundo por tê-lo aceito - Zeus ordenou a Hefesto (ou Vulcano, na mitologia romana) que criasse uma mulher divinamente bela, dando-lhe voz, movimento e com o olhar encantadoramente divinal. A criatura de Hefesto, tendo sido agraciada com inúmeras dádivas - pelos deuses - para torná-la perfeita, recebeu o nome de Pandora (que significa “todos os dons”). Depois de ter sido devidamente orientada, Pandora fora enviada a Terra, através de Hermes, por Zeus como um presente a Epimeteu (irmão de Prometeu). Apesar de ter sido alertado por Prometeu a nunca aceitar presentes dos deuses, se não quisesse se prejudicar, Epimeteu não resistindo aos encantos de Pandora aceitou o presente e depois a desposou. No entanto, Epimeteu possuía, em seu lar, uma caixa lacrada onde estavam trancados todos os infortúnios do mundo e Pandora, apesar de ter prometido ao esposo que jamais olharia o que havia dentro daquele objeto, não resistiu a sua intensa curiosidade e a abriu; deixando escapar pelo mundo desventuras como a fome, o ódio, a inveja, a doença, a loucura. Diante de tamanho horror, Pandora fechou a caixa deixando aprisionado o único espírito que permite aos homens enfrentar os males liberados: a esperança. Com isso, Zeus conseguiu sua doce vingança contra Prometeu e os homens (Bulfinch, 1999; Stephanides, 2004).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

humanidade e ciência forjadas pelo racionalismo iluminista (Giassone, 1999). *Frankenstein ou Moderno Prometeu* narra a história do genial cientista Victor Frankenstein e sua busca obsessiva pelo princípio da vida. Eis alguns dos comentários do cientista acerca de sua investigação:

Efetivamente, após dias e noites de incrível esforço e cansaço, logrei descobrir a causa fundamental da geração e da vida. E mais do que isso, tornei-me capaz de animar a matéria sem vida. [...] Estava, finalmente, ao meu alcance aquilo que fora objeto de estudos e o anseio dos mais sábios dos homens desde a criação do mundo. [...] Eu seria o primeiro a romper os laços entre a vida e a morte, fazendo jorrar uma nova luz nas trevas do mundo. Seria o criador de uma nova espécie – seres felizes, puros, que iriam dever-me sua existência (Shelley, 2001: 55-56).

Infelizmente as coisas não saíram conforme os anseios do jovem Frankenstein. Tão fascinado que estava com sua descoberta, pôs-se a construir sua criatura - tendo como matéria-prima pedaços de cadáveres humanos e não-humanos - a qual trouxe à vida a partir da descarga elétrica de um relâmpago. Porém, quando se viu diante de sua criatura Victor percebeu, para seu infortúnio, que não se tratava de um “maravilhoso” Adão, com o qual havia sonhado inúmeras vezes, mas um ser grotesco, gigantesco, de pele acinzentada, força descomunal e aparência assustadora que ficou conhecido como monstro (Giassone, 1999; Shelley, 2001).

Fora do terreno da fantasia, se pensarmos no aparecimento do relógio mecânico (ano 1288, século XIII), como ato inaugural de uma epopéia que daria ao homem uma sensação de potência diante de uma natureza que, metaforicamente, se apresentava como uma máquina gigante e que poderia ser decomposta em partes simples para, finalmente, ser desvendada – o caminho para o domínio e (re)produção da natureza parecia estar assegurado (Descartes).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

O século XVIII, por exemplo, ficou conhecido como século dos engenhosíssimos autômatos<sup>56</sup> que serviam como divertimento para classe rica e ociosa. Os autômatos, daquela época, eram máquinas que - a partir da força extraída de pesos, molas tensionadas ou de um reservatório de ar comprimido - produziam movimentos dando a sensação de fazerem isso por si mesmos. Esses autômatos não passavam de admiráveis brinquedos que simulavam soldados que podiam marchar, bonecos que mergulhavam penas em tinteiros e patos que grasnavam, nadavam etc. (Pinto, 2005; Duarte, 2002; Asimov, 1999).

Já no século XX, a partir dos anos 60, resultante da associação entre robótica, inteligência artificial, cibernética etc., entraram em cena os robôs. Mais elaborado, versátil, dinâmico e “inteligente”, que os autômatos dos séculos anteriores, o robô é uma máquina capaz tanto de executar tarefas úteis quanto de tomar decisões sobre seu comportamento. Nesse sentido, os robôs seriam os filhos dos computadores com as ferramentas. Os robôs, paulatinamente, entraram na indústria, em lugar dos homens, assumindo - cada vez mais - tarefas difíceis, repetitivas e perigosas (*A revolução dos robôs*, Discovery Channel, 1997).

É de presumir que entre os produtos arquitetados pelo mundo da fantasia e os da realidade, seja impossível negar a existência de alguma função copiada da natureza, características do sistema natural ou seus análogos<sup>57</sup>. Isso porque tem sido através das idéias suscitadas pelo, ou roubadas do mundo natural que o homem tem produzido e

---

<sup>56</sup> É importante ressaltar que os autômatos aludem a um tempo bem mais remoto. Comenta-se, por exemplo, que no século III a.C, *Ctesíbio*, médico grego, construiu máquinas hidráulicas, utilizando o ar comprimido como força motriz e *Herão* de Alexandria (10 d.C) inventou um mecanismo, chamado *eolípia* (considerada como primeiro motor a vapor), para demonstrar a pressão do ar sobre os corpos, além de ter escrito uma enciclopédia com a descrição técnica de seus inventos (Duarte, 2002).

<sup>57</sup> VINCENT, Julian F. V., em <<http://www.bath.ac.uk/mech-eng/biomimetics/Biomimetics.pdf>>, acessado em 21/12/2006, às 23h11.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

aperfeiçoado seus aparatos tecnológicos. Não é à toa que “os homens se tornaram discípulos dos animais nas coisas: da aranha no tecer e cerzir, da andorinha, na construção de casas, e dos pássaros canoros, dos cisnes e do rouxinol, no canto e, em verdade, no caminho da imitação” (Sörbon apud Costa Lima, 2000: 300).

Contudo, se nas artes (sobretudo na pintura), a *mímesis* é vista com suspeita<sup>58</sup>; nas ciências, a atividade mimética é percebida como o meio que nos possibilita obter o que a natureza não nos dá. Ou, como dizia Aristófanos: “o que a natureza não nos dá/ a imitação nos ajuda a captá-lo”. Por isso mesmo que “entre os bens da natureza e os produtos feitos pelo homem há, pois, uma sensível convergência” (Lima, 2000: 300). Pássaros e aviões, peixes e submarinos, olho humano e microscópios são alguns exemplos dessa afluência.

### **A Astúcia da Mímesis e o Sonho de Turing: máquinas “mais humanas que os humanos”**

Quando, em 1950, num artigo intitulado *Computing Machinery and Intelligence*, Alan Turing formulou a seguinte indagação: “Podem as máquinas pensar?”; não fazia idéia que esta iria se constituir – se não no feito inicial - no fundamento da moderna Inteligência Artificial (IA). Nesse artigo, Turing nos apresentava o jogo da imitação. Tratava-se de uma situação exemplar. Esse jogo seria disputado por três participantes: participante [A] (homem); participante [B] (mulher) e participante [C] (interrogador – qualquer sexo).

Num primeiro momento, o objetivo do jogo, para o interrogador, é identificar qual é o homem e qual é a mulher. Num segundo momento, Turing se pergunta o que aconteceria se a máquina tomasse o lugar de [A] ou de [B]? Ou seja, o que ocorreria se

---

<sup>58</sup> Ver capítulo 1.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

o jogo passasse a ser disputado por um ser humano e uma máquina imitando o ser humano? A conclusão de Turing é a seguinte: se nessa situação a máquina não puder ser distinta do ser humano, conseqüentemente deve-se atribuir inteligência humana à máquina, ou seja, para ele “imitação bem-sucedida da inteligência é inteligência” (Hodges, 2001: 45).

Com efeito, o que Turing estava propondo, naquele momento, era que nosso cérebro (bem como sua função) - como qualquer objeto físico - possui propriedades que podem ser examinadas e disso resultar nos meios para a construção de máquinas inteligentes que podem “imitar o efeito de qualquer atividade da mente”. Isso porque, segundo ele, as características do cérebro relevantes para o pensamento poderiam ser captadas numa tabela de comportamento e, posteriormente, ser simulada por um computador (Idem, p. 42).

Os efeitos e decorrências desse pensamento não tardariam a se fazer sentir. O desejo de construir uma “inteligência sintética” - sonho de Turing (assim como de Hans Moravec, Marvin Minsky, Herbert Simon, Ray Kurzweil, etc.) - passou a ser cotidianamente perseguido pelos adeptos da Inteligência Artificial (Pessis-Pasternak, 1993).

Diante do desafio de (re)produzir artificialmente pensamento e comportamento humano, a IA se tornou multidisciplinar; incorporando saberes das ciências cognitivas, neurociências, informática, robótica, cibernética, telemática etc. E assim, de meados do século passado até os nossos dias (2008) - entre sucessos e fracassos - cada avanço na área da IA, só acirra o debate em torno da “possibilidade”, como afirmam seus especialistas, de um dia as máquinas virem a pensar como os seres humanos (Turkle, 1989; Pessis-Pasternak).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Sonhos febris ou não, de ficção científica, é fato que os paladinos da Inteligência Artificial continuam a acreditar na possibilidade da modelagem e reprodução da inteligência humana em suas máquinas. Ou seja, mimetizar a inteligência. Porém, além do desejo de construir “inteligência sintética”, reside também o anseio de dar um corpo a ela, de fazer com que a mesma performe, não só atividade cognitiva, mas também corporal e, se possível bem melhor que o modelo (homem). Isso porque a reprodução dos caracteres é só o primeiro passo. A “originalidade da cópia” está em corrigir e/ou aperfeiçoar falhas, mas, também, ampliar funções.

E aqui relembremos *O Admirável Mundo Novo*, de A. Huxley<sup>59</sup>, quando o diretor de Incubação e Condicionamento - personagem do romance -, ao comentar sobre o processo de produção dos Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilons (membros das castas sociais que constituem a sociedade huxleyana do futuro), diz: o nível de desenvolvimento a que alcançamos leva-nos “a deixar o domínio da simples imitação servil da natureza para entrar no mundo muito mais interessante da invenção humana” (Huxley, 2000: 17). A invenção humana, nesse caso, não apenas produz “verossimilhanças”, mas, também, sugere a desqualificação do processo de concepção e gestação *in natura*.

---

<sup>59</sup> O romance *Admirável Mundo Novo*, que se tornou um grande clássico do século XX, narra uma história que se passa num futuro distante por volta de 2500 ou mais precisamente “por volta do ano 600 da era fordista”. Sátira homenagem a Henry Ford (1863-1947), pioneiro norte-americano da indústria automobilística (e ainda hoje uma das mais famosas marcas de carros norte-americanos), inventor de um método de organização de trabalho para a produção em série e da padronização de peças. Essa técnica pensada por Ford na década de 20 transformou, por assim dizer, os trabalhadores em autômatos, em robôs repetindo o mesmo gesto o dia inteiro. Apesar de seu caráter desumano, foi uma verdadeira revolução no universo industrial e rapidamente adotada da Alemanha à União Soviética por todas as grandes indústrias mecânicas do mundo. No mundo sindical e operário, e também entre intelectuais, o fordismo suscitou críticas violentas, que artistas e criadores da época muitas vezes abordaram com indiscutível talento cáustico. Pensemos, por exemplo, em *Metropolis* de Fritz Lang (1926) ou *Tempos Modernos* (1935) de Charles Chaplin.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

O processo mimético, adotado no desenvolvimento tecnocientífico, é astuto não apenas nas ilusões promovidas pelas verossimilhanças produzidas ou desejadas, a exemplo da impossibilidade de diferenciação natureza-artifício/homem-máquina, sugerida pelo jogo da imitação, ou porque, como diz Donna Haraway (2000) “somos todos quimeras, teóricos ou fabricados”; mas principalmente porque revela a capacidade de escapar do mundo das reproduções para produzir distinções.

Nesse caso, paralelamente à lógica da analogia – empregada pelas ciências que buscam imitar funções orgânicas – reside também à lógica da distinção-originalidade. Para pensar essas questões, nada é mais instigante e atual que o filme *Blade Runner* (1982).

Não é à toa que numa pesquisa de opinião<sup>60</sup> realizada em 2004, pelo jornal britânico *The Guardian*, junto a 60 cientistas (dos mais importantes do mundo e de diversos campos de conhecimento) - para saber quais seriam, para eles, os melhores filmes e escritores favoritos de ficção científica até o presente momento, *Blade Runner: o caçador de andróides* foi eleito como a melhor ficção científica de todos os tempos (seguido por 2001: uma odisséia no espaço, Guerra nas Estrelas e Guerra nas Estrelas: o império contra-ataca, Alien e Solaris).

Para o biólogo, especialista em células-tronco, Stephen Minger o aceno de felicidade ao *Blade Runner* era o reconhecimento a uma obra que havia se colocado à frente do seu tempo e velhas questões, como o que é ser humano, quem somos e de onde viemos, foram retomadas de forma magistral. Já o professor Chris Frith, do Instituto de Neurociência Cognitiva da Universidade de Londres, ficou impressionado pelo modo como o filme usou a ciência como parte integral de sua narrativa. Segundo

---

<sup>60</sup> Matéria publicada por Alok Jha e disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/science/2004/aug/26/sciencenews.sciencefictionspecial>>.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

ele, “o teste de empatia Voight-Kampff, que é usado pela polícia para diferenciar andróides – que têm memórias implantadas e são programados com emoções artificiais – dos humanos, não estaria distante do tipo de coisas que os neurocientistas cognitivos estão realmente fazendo hoje”<sup>61</sup> (Jha, 2004).

Desse modo, *Blade Runner*<sup>62</sup>, dirigido por Ridley Scott, conta a história de seis andróides – fabricados para atuar como trabalhadores-escravos, soldados, objetos de prazer em colônias extraterrestres - que se rebelam e assassinam seus capatazes, retornando a Terra para uma busca misteriosa. Esses andróides são conhecidos como “replicantes” por se tratarem de cópias/réplicas “perfeitas” dos seres humanos.

Devido a sua insurgência contra o sistema, os replicantes fugitivos são declarados ilegais e passam a ser caçados pelos Blade Runners (caçadores de andróides), unidades especiais da polícia, que possuem autorização expressa para exterminá-los. Isso nos é informado nesse pequeno texto apresentado no início do filme mais emblemático de todos os tempos:

“No início do século XXI, a Tyrell Corporation, criou os robôs da série Nexus”. ‘Virtualmente idênticos aos seres humanos... eram chamados de replicantes’. *Os ‘Nexus 6’ eram mais ágeis e fortes e no mínimo tão inteligentes quanto os engenheiros genéticos que os criaram.* Eles eram usados fora da terra como escravos em tarefas perigosas como a colonização planetária. Após o motim sangrento de um grupo de Nexus 6... os replicantes foram declarados ilegais... sob pena de morte... Esquadrões especiais da polícia – Unidades Caçadoras de Andróides, ... tinham ordens de atirar para ‘matar’ quando detectassem qualquer replicante transgressor. Não se chamava isto de “execução”. Chamava-se ‘Aposentadoria’” (*Blade Runner*, Ridley Scott, 1982 – Versão do Diretor) [Grifos meus].

---

<sup>61</sup> Tradução de inteira responsabilidade da autora.

<sup>62</sup> Trata-se de uma adaptação da obra *Do Androids Dream of Electric Sheep?*<sup>62</sup>, de 1968, do escritor Philip K. Dick. Nesse romance, além da existência do caos gerado pela III Guerra Mundial, a migração de grande parte da população para Marte, das megaconstruções de 400 andares e da caçada implacável aos andróides (seres que reivindicam um pouco mais de tempo para sua existência), está em jogo o desaparecimento dos animais fazendo com que a posse de um animal (de estimação) vivo, *in natura*, se torne um símbolo valioso de *status*. É esse desejo de comprar, de possuir, um animal que faz com que o caçador Rick Deckard aceite a missão de perseguir e eliminar os 06 andróides fugitivos, cuja recompensa é de 6 mil dólares, dinheiro este que tornaria seu sonho possível.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Trata-se de uma história futurista, portanto lida com a questão do “what if” conforme discutimos no capítulo sobre Ficção Científica (FC). Essa narrativa fílmica tem como pano de fundo a cidade de Los Angeles no ano 2019. Devastada pelo que teria sido a III Guerra Mundial, a cidade de Los Angeles é sombria e decadente.

Sua paisagem, extensamente verticalizada, é composta por vastos centros comerciais desterritorializados, oficinas *high-tech*<sup>63</sup>, prédios em ruínas, painéis de néon gigantescos veiculando informes publicitários (espécie de resistência à tamanha escuridão), lixos amontoados, carros voadores cruzando os céus impregnados por uma densa neblina e persistente chuva ácida e fina, inflação de pessoas por todos os lados e, aparentemente, de tribos diversas (árabes, indianos, japoneses), enfim, um verdadeiro “caos” parece preencher os espaços urbanóides dessa narrativa (Alves, 2004; Lyon, 1998).



**Imagem 41** À esquerda, a cidade de Los Angeles, ano 2019, vista de cima. As torres com as labaredas são o sistema de “flair”. Os dois prédios ao fundo – que lembram as pirâmides aztecas, que projetam feixe de luz, é onde fica a Tyrell Corporation, empresa que fabrica os replicantes. A imagem à direita exibe a presença marcante da megacorporações através de painéis luminosos instalados e espalhados pelos arranha-céus da cidade. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures.

Ajuda a compor esse cenário o “flair” - torre onde é feita a queima dos gases tóxicos antes de serem liberados para a atmosfera, que é resto/resíduo do petróleo, para que possamos respirá-lo, do contrário eles são altamente venenosos/tóxicos. Essas

---

<sup>63</sup> A exemplo da oficina do engenheiro genético que produz olhos, o chinês Chew, ou J.F. Sebastian que produz os corpos dos andróides ou o fabricante de cobras artificiais, o indiano Abdul Hassan.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

torres – e sua chama eterna - apenas acentuam a idéia de que no século XXI o petróleo e suas derivações destrutivas no plano do ecossistema ainda seria nossa principal fonte de energia.

A presença visível e marcante dos ícones das megacorporações globais (Coca-cola, Sony, Pan Anm), cintilando em luzes néon num cenário distópico, opressivo nos ajuda a palmar o mundo social capitalista de *Blade Runner*. A desqualificação está presente no fetiche das coisas a exemplo do *outdoor* móvel, em um dirigível, que preenche a paisagem superior da cidade anunciando as maravilhas e ofertas do paraíso distante.

“Uma nova vida espera por você nas colônias interplanetárias. A chance de começar de novo numa terra dourada de oportunidades e aventuras! Vamos para as colônias! Este anúncio é um oferecimento da Shimago-Dominguez Corporation. Ajudando a América a entrar num novo mundo”<sup>64</sup>.

O mais irônico é que depois de proporcionarem a destruição do planeta tais corporações anunciavam as ofertas de seu “novo mundo”. Em 2019, portanto, teríamos um mundo dominado pelas grandes corporações. Corporações como a *Tyrell Corporation* ou a *Shimago-Dominguez* que ofereciam desde viagens para colônias interplanetárias até, seres mimeticamente idênticos a homens e/ou animais.

Nesse caso, a cidade de Los Angeles, no ano 2019, seria o reflexo de um mundo que conseguiu resistir e sobreviver após a III Guerra Terminal. Uma guerra que, além de eliminar seres humanos e grande parte da fauna e da flora, também deixou seqüelas irreversíveis nos sobreviventes humanos (radiação). No entanto, com a

---

<sup>64</sup> Embora possa encerrar um quê de disparate essa citação revela crenças, suposições e expectativas que, colocada de lado a extrapolação, com o final da II Guerra Mundial e início da Guerra Fria, o mundo começava a ter mostras do que o poderio tecnológico poderia provocar sobre as cidades, as florestas, os oceanos e sobre a raça humana. Então, apesar de se tratar de inebriante ficção, o que poderíamos inferir a partir desse anúncio era que se continuássemos a produzir e fazer uso de certas tecnologias, sem ponderar possíveis conseqüências, talvez não sobrevivêssemos para contar a história (Alves, 2004).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

devastação da Terra, a proposta de um novo começo é colocada à venda somente para os seres humanos financeiramente privilegiados ou fisicamente aptos, dando oportunidade aos mesmos de escapar desse ambiente inóspito e decadente.

Assim sendo, na Terra só ficaram os humanos considerados imperfeitos, inaptos e inadequados para habitar as novas colônias interplanetárias. Esse é o caso, por exemplo, do engenheiro genético J.F. Sebastian que ficou na Terra porque sofria de “síndrome de matusalém” ou envelhecimento precoce, e por isso não passou no exame médico.

É para essa Terra decadente e de atmosfera opressora que retornam os “replicantes” *Roy Batty* (líder do grupo), *Pris*, *Zhora* e *Leon*. Todavia, por que eles, cientes da sua destruição como “punição” pela sua insubordinação, retornaram a Terra? O que seria tão valioso que mereceria tal sacrifício? São essas algumas das questões que inquietam o *Blade Runner*, Rick Deckard, incumbido pela caça e “aposentadoria” desses insurgentes.



Imagem 42 Replicante Nexus 6 Roy Batty. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures.



Imagem 43 Replicante Pris. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures.



Imagem 44 Replicante Zhora abordada por Deckard. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures.



Imagem 45 Replicante Leo Kowalski, durante o teste Voigt-Kampff. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Em sua busca o caçador de andróides tem contra si a aparência externa dos “replicantes”, por se tratar de cópias idênticas dos seres humanos. Isso lhes asseguraria a possibilidade de circularem e se misturarem aos seres humanos ‘naturais’, sem qualquer esforço ou dificuldade. O único meio de descortiná-los seria por meio do teste *Voigt-Kampff*. Conforme é-nos possível depreender do diálogo entre o inspetor de polícia (Bryant) e o caçador de andróides (Deckard):

**Bryant:** - Houve uma fuga das colônias há duas semanas. Três replicantes masculinos e três femininos. Chacinaram 23 pessoas e seqüestraram uma nave. Uma patrulha aérea achou a nave vazia. Nem sombra deles. Há três dias, tentaram entrar na Tyrell Corporation. Um deles morreu eletrocutado. Não sabemos dos outros. Achando que *podiam se infiltrar como operários*, mandei Holden fazer *testes Voigt-Kampff* nos novatos. Parece que ele encontrou um.

**Deckard:** - Não entendo. Por que eles se arriscam voltando para a Terra? É estranho. O que eles querem com a Tyrell?

**Bryant:** - Responda você. Está aqui para isso.

**Deckard:** - (Vendo a foto de Roy, um dos replicantes rebeldes, no vídeo, ele pergunta:) O que é isso?

**Bryant:** - Nexus 6. **Roy Batty**. Ativado em 2016. Modelo combate, muito *auto-suficiente*. Provavelmente o líder. Ela é Zhora. Foi treinada para um esquadrão da morte nas colônias. Ela é, ao mesmo tempo, a bela e a fera. O quarto mostrengo é Pris. Modelo Básico de prazer. Acessório típico dos clubes militares das colônias. *Copiam seres humanos em tudo, menos nas emoções, mas achou-se que, em alguns anos, adquiririam emoções próprias... ódio, amor, medo, raiva, inveja... por isso há um mecanismo de proteção.* [Grifos meus].

O inspetor *Bryant* coloca-nos, portanto, diante daquilo que recorrentemente vimos chamando de *astúcia da mimesis*. Por que *astúcia*? Porque *astúcia* indica, por um lado, a perspicácia e a artimanha utilizada por alguém para enganar outrem; mas, por outro lado, (nesse caso, para nós), existe *astúcia* também no sentido de que há uma “originalidade na cópia” e, mais ainda, porque faz com que cópia e original se confundam. Ou, como mesmo afirma o Dr. Tyrell, presidente da Tyrell Corporation, a Rick Deckard - quando este fica perplexo ao saber que, devido ao implante de memórias artificiais, Rachael não sabe que é uma “replicante”: **Nosso lema é ‘mais humano que os humanos’** [Grifos meus].

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 46** Teste Voight-Kampff sendo executado, na replicante Rachael. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Bros Pictures.

Mas, como mesmo pergunta Deckard (D) a Bryant (B), quando se vê obrigado a ir até a Tyrell Corporation testar um replicante, Nexus 6, que eles possuem: “E se a máquina não funcionar?”. A reação de Bryant diante

do questionamento de Deckard (ao baixar os olhos) é duplamente enigmática ou suspeita porque nos pode fazer pensar que, a máquina pode ter falhado em algum momento (o que fez com que algum humano, confundido com replicante, fosse “aposentado” equivocadamente), ou que se não pudéssemos mais diferenciar humanos de não-humanos, cópias de originais, nossa garantia como espécie dominante estaria profundamente ameaçada.

O que se esconde por trás dessa afirmação intrigante - *‘mais humano que os humanos’*, é um mundo manipulável, simulável, imitável, quase-indiferenciável. Por conseguinte, a *astúcia da mimesis* é astúcia da razão, uma razão produtora de pastiches, mas sendo estes uma imitação que zomba da idéia de um ‘original’. Ou seja, esses objetos técnicos (vivos), de tamanha complexidade, promovem reconhecimento e identificação ao tempo em que desencantam irremediavelmente qualquer idéia de uma singularidade humana. Isso porque teríamos entre nós, seres não-humanos *biomecanicamente perfeitos* e a única garantia que possuiríamos contra a iminente obsolescência/desqualificação seria o curto período de vida deles.

Essa poderia se traduzir como uma, entre as muitas, das idéias que deram forma ou impulso para a construção do corpo híbrido, a mescla ou imbricação entre orgânico e maquínico que, por conseguinte, terminaram por culminar na convicção de que os seres humanos ‘in natura’ seriam coisas do passado, haja vista estarem imersos em

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

uma era em que muitos autores vêm chamando de pós-biológica, pós-orgânica ou pós-humana (Santaella, 2003; Le Breton, 2003; Sibilia, 2002; Silva, 2000; Haraway 2000 [1985]; Hayles, 1999).

Não é à toa que para Mike Featherstone (1999, p.02), “a trama do filme *Blade Runner* gira em torno do problema do estabelecimento para julgar e testar ‘replicantes’ robóticos, cujos corpos são aparentemente indistinguíveis dos seres humanos”. Mas, se, de acordo com o inspetor Bryant, os ‘replicantes’ eram idênticos aos seres humanos em quase tudo menos nas emoções, o que com o passar do tempo poderiam desenvolver, estaria indicando que dentro em pouco não haveria diferença alguma entre eles, a não ser a de que os replicantes são fabricados para durar (sentido funcional/trabalho) e não para viver (sentido existencial/construção de sentidos) (Alves, 2004). Nesse caso, o tempo de duração dos replicantes era de quatro anos.

Foi justamente esse curto tempo de vida/duração que fez com que os “replicantes” se arriscassem voltando a Terra. Nesse caso, como bem observou Giovani Alves (2004), o tempo de vida para os replicantes se inverte em tempo de trabalho e a memória não pode ser exercitada na impossibilidade de troca de experiências exercitadas ao longo da existência. Ou seja, seu tempo de duração – quatro anos - é curto de mais para que essas inteligências sobre-humanas possam explorar sua potencialidade, existindo, portanto, “incompatibilidade entre potencialidade para desenvolvimento e tempo de duração/vida”.

Como “objetos técnicos complexos, produtos do trabalho humano, da engenharia genética e de seus avanços fantásticos, os replicantes reivindicam um atributo elementar da hominidade: tempo de vida. O tempo é o campo de

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

desenvolvimento humano”. Então, como desenvolver a sociabilidade se seu tempo era restrito a funcionalidade/utilidade? (Alves, 2004).

Retomando, com efeito, o Mundo social de *Blade Runner* revela o ápice da simulação da vida artificial, da possibilidade de não apenas replicar, (re)produzir, mas – parafraseando o matemático grego Arquimedes - principalmente fornecer aos replicantes uma alavanca e um ponto de apoio para que movam o mundo ao mesmo tempo em que se movem nele. Esse mundo era colocado diante da impossibilidade de distinção homem-máquina. A ficção apresentava em outros moldes a provocação de Alan Turing, nos anos 1950. Não é à toa que para identificar os “replicantes” os blade runners utilizavam o *teste Voigt-Kampff* que, a nosso ver, não seria alusão gratuita ao *teste de Turing* (Jogo da Imitação), apresentado nos anos 1950.

No entanto, se para Turing a impossibilidade do investigador diferenciar o homem da máquina indicaria que a máquina era capaz de pensar, para o caçador de andróides a possibilidade do teste *voigt-kampff* falhar não guardava os mesmos encantos. Porém, gostando ou não, o teste *Voigt-Kampff* surgia, pois, diante de Deckard, como única ferramenta capaz de diferenciá-los (replicantes) de nós (seres humanos), posto que, inicialmente, lhes faltava empatia.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 47** Rick Deckard, o caçador de andróides.  
*Blade Runner*, 1982, Ridley Scott - Warner Pictures.

Isto é, diante da impossibilidade de identificá-los através de seu aspecto físico/performativo<sup>65</sup> ou de sua inteligência<sup>66</sup>, o uso do teste *Voigt-Kampff*, ou teste de reação empática, seria o único instrumento

capaz de verificar a reação dos seres suspeitos provocadas por situações hipotéticas, propositadamente elaboradas para provocar respostas emocionais.

O teste, na narrativa fílmica, leva em consideração a in experiência emocional dos replicantes. Principalmente porque os replicantes não possuem memórias próprias, como disse o engenheiro genético, projetista responsável pela inteligência dos andróides, Dr. Tyrell a Deckard: “Percebemos que eles tinham uma estranha obsessão. Afinal, eles são emocionalmente inexperientes, têm poucos anos para coletar experiências que nós achamos corriqueiras. Fornecendo a eles um passado criamos um amortecedor para sua emoção e os controlamos melhor”.

A “estranha obsessão”, a que se refere Tyrell, é a busca por mais tempo de vida. O tempo de duração-funcionalidade dos replicantes era curto por se tratar de mecanismo – tal como as leis da robótica, de Isaac Asimov - encontrado pelos cientistas (Tyrell) para melhor exercer o controle sobre eles. Posto que, como disse o

---

<sup>65</sup> Por *performance* ou capacidade performativa queremos designar as aptidões e competências de que têm sido dotados os artefatos artificiais inteligentes a fim de imitarem, reagirem e substituírem comportamentos, ações e funções humanas (habilidades físicas e mentais – como é o caso do “*Dendral*, primeiro especialista artificial, criado na Universidade Stanford por *Edward Feigenbaum*, ajuda os químicos, com uma eficácia notável, a determinar a estrutura molecular das substâncias; e do *Prospector* que examina minuciosamente os mapas geológicos e os levantamentos de terreno, a fim de descobrir eventuais veios de minério” (Pessis-Pasternak, 1993: 194-195).

<sup>66</sup> Parece que sob a ótica de Philip K. Dick (escritor do livro *Do Androis Dream of Electric Sheep?*, 1980, que deu origem ao filme *Blade Runner, o caçador de andróides*, 1982), em 2019, a proposta do matemático inglês, Alan Turing, de que as máquinas poderiam pensar fazendo com que o critério da inteligência/pensamento deixasse de ser válido no que se refere à diferença entre homens e máquinas, teria se concretizado.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

inspetor Bryant, “achou-se que, em alguns anos, adquiririam emoções próprias... ódio, amor, medo, raiva, inveja... por isso há um mecanismo de proteção”.

Os cientistas (Tyrell) acreditavam que a curta longevidade dos replicantes impediria a reflexão, e principalmente o “reconhecimento” da falta de sentido da vida, evitando insurreições ou motins (como a que houve). E aqui, a manipulação da memória seria usada como anteparo capaz de amortecer tal sofrimento psíquico e controlar as disposições insurgentes (Alves, 2004).

Essas memórias que não lhe pertencem são justamente aquilo que as entregam diante do teste Voigt-Kampff, visto que sua compreensão contextual é limitada, para que esteja habilitada a fazer escolhas, diante de situações ambíguas ou que estejam atreladas à questões de moralidade compartilhadas pelo todo social (diferentemente de *RoboCop*, cujas memórias remanescentes lhe garantem o estatuto de humanidade). A condição a que as máquinas estão submetidas, impedem as mesmas de conferir significados às suas ações e às experiências adquiridas para que possam a partir daí erigir suas próprias memórias. Ainda assim, era em virtude desse fato, memórias artificiais, que o teste *Voigt-Kampff*, para Deckard, não seria um instrumento tão confiável para verificar não apenas relatos de memória, mas a coerência das respostas dadas.

O teste *Voigt-Kampff*, diferentemente do teste de Turing, serviriam como aparelho para aferição de sociabilidade, bem como da memória coletiva, dos valores e atitudes sociais mais corriqueiros. O que *Blade Runner* nos mostra é que mais que a possibilidade ou capacidade humana de modelar inteligência sintética, o que importa é que na vida em sociedade, a constituição da identidade humana se dá para além da memória pessoal, mas por um arcabouço composto por sociabilidade,

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

memória/consciência coletiva e *background* de reações emocionais previsíveis (o politicamente correto, digamos) (Alves, 2004).



**Imagem 48** Replicante Rachael. *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures.

Ora, os replicantes não possuem tais lastros da experiência humana. Podem até possuí-las, mas são meras próteses, implantes, memórias pertencentes a outrem e que lhes são emprestadas. A experiência de memória de Rachael, replicante testada por Deckard durante sua visita a *Tyrell Corporation*, é um implante da experiência de vida da sobrinha de Dr. Tyrell. Eis o conflito de Rachael (R), quando percebe a possibilidade de não passar de um embuste, de uma mentira artificiosa advinda de um cientista genial, como Dr. Tyrell, logo após ser testada por Deckard (D):

**R:** “Não sei porque ele disse aquilo”.

**D:** “Fale com ele”.

**R:** “Ele se recusa a me ver!”

**D:** “Quer uma bebida?”

**R:** “Acha que sou uma replicante, não é? Olhe. Sou eu, com minha mãe” (mostra a Deckard a foto de uma menina com uma mulher).

**D:** “Lembra-se de quando tinha seis anos e entrou com seu irmão num prédio abandonado, pelo porão para brincar de médico? Ele mostrou o dele e, na sua vez, você teve medo e fugiu, lembra? Contou isso a alguém? Sua mãe, Tyrell, qualquer um? Lembra-se da aranha que ficava na sua janela? De corpo laranja e pernas verdes? Viu-a fazer a teia durante todo o verão e por um grande ovo... o ovo se abriu...”.

**R:** “O ovo se abriu...”

**D:** “E?”

**R:** “... e dele saíram cem filhotes e a comeram”.

**D:** “*Implantes! Não são as suas memórias, são de outra pessoa. Da sobrinha de Tyrell.* Tudo bem. Péssima piada. Foi só uma piada. Você não é uma replicante. Volte para casa, está bem? Falo sério. Sinto muito. Vá para casa. [Grifos da autora].”

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Como é possível perceber as memórias pessoais não pertencem a Rachael, mas outrem, a sobrinha de Tyrell. Entretanto, momentos depois, não bastasse o próprio questionamento ou crise de identidade, acerca de sua “história de vida/memórias”, Rachael colocará em xeque a própria condição do caçador de andróides, suscitando dúvidas quanto a originalidade ou humanidade de Deckard:

**R:** “Aquele seu teste *Voigt-Kampff*... você já foi testado com ele?” (Mas Deckard adormeceu. Rachael senta-se ao piano e começa a dedilhar algumas notas. Deckard desperta e caminha até Rachael.

**D:** “Sonhei com música”.

**R:** “Eu não sabia se conseguiria tocar. Lembro de lições. Não sei se sou eu ou a sobrinha de Tyrell”.

**D:** “Você toca lindamente”. (Beijando-a e encarando-a nos olhos)

Assim, se no primeiro momento, a chegada de Deckard problematizou a condição da replicante de Rachael, no segundo ela introduziu no caçador de andróides a dúvida razoável quanto a sua própria condição. Apesar disso, Deckard parece propor a Rachael um (re)começo através da constituição de uma nova memória dali em diante. É interessante observar como a manipulação da memória, ou criação de um passado imaginário, explorada por *Blade Runner*, parece convergir com a “prática intensiva dos dispositivos midiáticos” atuando como uma forma de controle social. “Em *Blade Runner*, a afirmação da humanidade ocorre através da práxis auto-consciente, reflexiva e mimética” (Alves, 2004).

Se a replicante Rachael conseguiu, através do seu encontro com Deckard um lenitivo para sua provável curta duração, o mesmo não ocorreu para os demais replicantes ou por terem sido “aposentados” pelo caçador de andróides (como é o caso de Leon, Zhora e Pris) ou pelo encontro mal-sucedido com seu criador/fabricante.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---



**Imagem 49** O encontro entre Dr Tyrell (esquerda) e Roy Batty (direita). *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros Pictures.

Como vimos, por mais “perfeitos” que fossem, a incompatibilidade entre inteligência e tempo de duração não permitia aos replicantes uma “vida” intensa, ou própria. Assim, só lhes resta enfrentar o criador, barganhar por mais tempo ou uma alteração na criatura. É isso que tenta obter o último dos replicantes insurgentes “vivo”, Roy Batty (R), ao se postar diante do seu “pai/criador”, Dr. Tyrell (T) em um diálogo inebriante e fecundo:

- T:** “Eu estou surpreso por não ter me procurado antes”.
- R:** “Não é fácil encarar o próprio criador”.
- T:** “E o que deseja dele?”
- R:** “O criador pode modificar a criação?...”
- T:** “Gostaria de ser modificado?”
- R:** “Pensei em algo um pouco mais radical”.
- T:** “Qual seria o problema?”
- R:** “Morte”.
- T:** “Morte? Temo que esteja um pouco fora da minha alçada, eu...”
- R:** “Eu quero mais vida, canalha!”
- T:** “*Os fatos da vida. Fazer alterações na evolução de um sistema orgânico é fatal.* Um código genético não pode ser alterado depois de estabelecido”.
- R:** “Por que não?”
- T:** “Porque no 2º dia de incubação quaisquer células que tenham sofrido mutações de reversão dão origem a colônias reversas como ratos abandonando o navio. Aí o navio afunda”.
- R:** “E se usar a combinação EMS?”
- T:** “Já tentamos. O etil-metanosulfato é um potente agente alcalinizante e mutagênico. Ele criou um vírus tão letal que a cobaia morreu na hora”.
- R:** “Então uma proteína que bloqueie as funções celulares...”
- T:** “Não impediria a duplicação, mas duplicaria o ácido ribonucléico. O novo DNA levaria as mutações e você teria um vírus novo. Mas, claro, esta discussão é acadêmica. Você foi feito o melhor possível”.
- R:** “Mas não para durar”.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

- T:** “A luz que brilha o dobro arde a metade do tempo... e você ardeu com muito brilho, Roy. Olhe para você. Você é o filho pródigo. É um ser fenomenal!”.  
**R:** “Eu fiz... coisas questionáveis” (As lágrimas escorrem pela sua face).  
**T:** “E também extraordinárias. Comemore o tempo que tem!”  
**R:** “Nada que impeça você de ir para o céu da biomecânica”. [Grifos meus].

O encontro entre Roy e Tyrell é uma das cenas mais significativas e emblemáticas de *Blade Runner*. Abstrai-se dos argumentos de Tyrell que assim como “Deus” privou o homem da infinitude/imortalidade o deus da biomecânica despojaria sua criatura da durabilidade. Apesar de todo o avanço da tecnologia o resíduo humanista se vê descortinado pelo pungente paradoxo apresentado por Tyrell quando diz a Roy que ele foi feito o melhor possível, mas não para durar.

Mas será que isso é válido para todas as gerações de replicantes? Não. Ao que parece o limite de alteração do código genético se restringe a Roy e seus amigos. O mesmo dar-se-ia com a alteração do nosso próprio código genético. Trata-se de um limite objetivo da técnica para com aquele objeto já produzido. Mas o que Tyrell não revelara a Roy é que as próximas gerações de *Nexus* haviam sido aprimoradas, esse parecia ser o caso de Rachael e Deckard.

É justamente isso que alegam os cientistas da Inteligência Artificial, Robótica, Bioinformática etc., ou seja, no estágio atual do desenvolvimento tecnológico ainda não é possível fabricar máquinas que imitem de forma integrada (corpo, mente, espírito) o ser humano. Mas no futuro existirão[?] (Kurzweil, 2007). Novamente, estamos diante da questão do “E se” tão comum nas narrativas de ficção científica que, como vimos no capítulo 2, utiliza a exploração e extrapolação da mescla entre os elementos de ficção e realidade tanto para construir modelos de sociedades possíveis, quanto para mapear suas realidades sociais.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

A cena final de *Blade Runner* mostra a inversão entre caça e caçador. Após ter perseguido e aposentado todos os seus companheiros Roy se vê diante de Deckard e da possibilidade de vingar os seus amigos.

- Roy (R):** “Não é muito esportivo atirar em alguém desarmado. Achei que você devia ser bom”. “Você não é bom?” Vamos Deckard... Mostre-me a sua fibra.“Está orgulhoso, homenzinho” (Roy soca a parede e pega a mão de Deckard. Depois começa a quebrar os dedos dele dizendo): “Isso é por Zhora! Isso é por Pris”. Recoloca a arma na mão de Deckard e fala: “Vamos lá, Deckard... Estou aqui, mas precisa atirar direito”. (Deckard atira e Roy diz:) “Parece que direito não é o bastante! Agora é minha vez. Vou lhe dar uns segundos antes de ir aí. Um, dois, três... quatro. Já estou indo! Cinco... Como se manter vivo. Estou vendo você. Ainda não” (A mão de Roy começa a se contrair, ele sabe que seu tempo está chegando ao final, então ele a morde e depois enfia um prego nela, sufocando o grito de dor). “Trate de se mexer... ou terei de matá-lo. Se não estiver vivo: não pode brincar, e se não brincar...(a voz de Roy já começa a falhar) seis, sete, vá para o inferno ou para o céu” (Deckard bate em Roy). “Este é o espírito! Aquilo doeu. Foi irracional de sua parte. Para não dizer... antiesportivo. Para onde está indo?” (Deckard está escalando o prédio para tentar escapar de Roy, mas Roy consegue surpreendê-lo).
- R:** “Uma experiência e tanto viver com medo, não é? Ser um escravo é assim”. (Quando Deckard está quase desabando lá de cima, Roy salva-o).
- R:** “Eu vi coisas que vocês nunca acreditariam. Naves de ataques em chamas perto da borda de Orion. Vi a luz do farol cintilar no escuro, na Comporta Tanhauser. Todos estes momentos se perderão no tempo... como lágrimas... na chuva. Hora de Morrer”.



**Imagem 50** Roy Batty minutos antes de “morrer” (parar de funcionar). *Blade Runner*, 1982, Ridley Scott – Warner Bros

Afinal de contas, não existe Vida sem Sentido, ou seja, “não é suficiente pensar para existir”. Nesse sentido, a mimesis/razão por mais astuta que fosse, ou seja ser capaz de dar vida, não conseguiu conferir-lhe significado. O que Roy, em seu momento final ensina a Deckard, ao salvá-lo, é que a vida é muito importante e nós,

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

seres humanos, não a valorizamos. E tudo que ele “vivenciou”, devido ao curto tempo de duração, não poderá ser compartilhado, ficará perdido “como lágrimas na chuva”.

Nesse caso, será que, em alguma medida, não estaríamos diante de elegias sobre a morte da *natureza natural* em detrimento da *natureza artificial*? Sobre esse aspecto *Blade Runner* nos dá subsídio sociológico para explorar as novas tecnologias e a possibilidade de termos entre nós “replicantes”, isto é, máquinas-humanas à nossa imagem e semelhança e que conferem significado às suas interações.

Quando imaginamos *seres mais humanos que os humanos* podemos projetar e ‘reimaginar’ o corpo humano, como produtor de subjetividades, sob o signo da máquina, do artifício. Isso porque a interface ciborgue traz em si a promessa de um novo e mais desenvolvido tipo de sistema de interações entre organismos humanos e máquinas.

Assim sendo, parafraseando Judith Butler (2003: 195), se a verdade interna do ciborgue é uma fabricação, e se o ciborgue verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os ciborgues não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a possível existência de uma identidade primária e estável. Nesse sentido, a ‘aparência seria uma ilusão’, ‘efeitos de superfície’, onde a imagem do ciborgue/máquina, sua presença, estaria modificando os horizontes do que o corpo pode *vir-a-ser*.

A imagem ou metáfora do ciborgue ou organismo cibernético torna-se importante, para nós, como argumenta David Tomas (1996, p. 21), porque sempre que surge está associada, de algum modo, a aplicações e usos de certos aparatos ou conhecimentos tecnocientíficos. Isso sem falar que eles têm servido como base

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

fundamental para se questionar e “representar uma visão radical do que significa ser humano no mundo Ocidental no final do século XX”.

Conseqüentemente, a presença dos ciborgues quer no mundo “real” quer na ficção, como diz Mike Featherstone e Roger Burrows (1996), indica, sobremaneira, o movimento em torno de um mundo que está sendo rapidamente reestruturado e reconfigurado segundo os moldes das constantes inovações tecnológicas<sup>67</sup>. O ciborgue, então passa a ser, não apenas uma figura emblemática do mundo pós-moderno, ou “a suposição de que as fronteiras entre os sujeitos, seus corpos e o mundo exterior estão sendo radicalmente reconfiguradas”, mas também deve se constituir numa atitude acadêmica (Featherstone e Burrows, 1996: 03).

Principalmente porque, como pudemos perceber, em *Blade Runner* o drama dos replicantes/ciborgues é o drama humano. O desejo do ciborgue por mais tempo, é o sonho humano de imortalidade, ou como disse Woody Allen, “não quero alcançar a imortalidade através da minha obra. Quero alcançá-la não morrendo” (Allen apud Le Breton, 2003).

Ao fim e ao cabo, as nossas observações e análises nos levaram a ver a astúcia da *mímesis* como sendo, na verdade, a astúcia da razão. Ou seja, como princípio que se pretende comandar o mundo humano (natureza) pelo entendimento, e nesse sentido,

---

<sup>67</sup> Essa aceleração no desenvolvimento tecnológico, principalmente depois do ‘boom’ das tecnologias informáticas, fez com que teóricos de diversas áreas (antropologia, filosofia, biologia, história, pedagogia, comunicação social etc) se mobilizassem em torno das discussões e especulações acerca das influências dessas tecnologias sobre a sociedade. Alguns discutiam (e discutem) a propósito do impacto e influência dessas novas tecnologias sobre os nossos corpos (Balsamo, 1995; Clarke, 1995; Burrows e Featherstone, 1995; Hayles, 1999; Featherstone, 1999; Haraway, 2000 [1985]; Sibília, 2002; Duarte, 2002; Ferreira, 2003; Rouanet, 2003; Muri, 2003); outros, porém, pensavam de maneira mais ampla, isto é, pensavam em como a presença marcante desses objetos técnicos, cada vez mais dotados de algum tipo de ‘inteligência’ ou habilidade específica, em nosso cotidiano; estariam problematizando, sempre que possível, as articulações e redefinições da vida em sociedade a partir dos entrelaçamentos entre ciência, tecnologia e sociedade (Negroponte, 1995; Virilio, 1998; Balandier, 1999; Latour, 1994, 1996, 2001; Ferreira e Morais, 2001; Duarte, 2002; Kaku, 2003).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

está inclinado ao desvendamento da “qualidade oculta” que, em tese, rege o mundo natural.

Porém a razão, ou pensamento científico, tem várias facetas que são acentuadas pela versatilidade da *mimesis* que trilha nas sendas das verossimilhanças, mas também das metáforas o que possibilita os avanços da ciência na sua busca pela construção do ser artificial (com qualidades humanas e sobre-humanas).

Assim, no esteio dessa marcha em progressão - cheia de reveses, percalços, reviravoltas, tensões e revelações - dos avanços tecnológicos, uma das facetas mais interessantes desse processo é inserida, a saber: a constante renovação do sonho da (re)produção da vida artificial pelo homem. Por isso mesmo, o final de *Blade Runner* mostra o futuro em aberto (assim como o nosso), afinal, o caçador de andróides é ou não um replicante?

**EPÍLOGO - TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:  
O Século das Máquinas “Inteligentes”  
e a Permanência do Homem**

---

É possível que venhamos a nos tornar bichos de estimação dos computadores, levando existências cheias de mimos, como um cãozinho de estimação, mas espero que conservemos sempre a capacidade de puxar o plugue da tomada quando tivermos vontade.

**Arthur C. Clarke**

Agora convocamos, pois, o leitor para algumas considerações finais sobre o que foi exposto. Como tentamos mostrar, o imbricado relacionamento homem-máquina, humano-inumano, orgânico-inorgânico é prato cheio para a conjectura fantástica que navega no fluxo do desenvolvimento das novas tecnologias.

O processo mimético que tem movido o trabalho tecnocientífico nas áreas da Inteligência Artificial, Robótica, Cibernética, Vida Artificial, Bioinformática, Nanotecnologia, entre outras, se mostra ambíguo já que opera entre a lógica da semelhança/analogia e lógica da diferença (Lima, 2000). Quando explorado pela ficção, esse processo deixa ao expectador o julgamento de sua plausibilidade.

Na tensão existente entre o medo e fascínio com a possibilidade do advento dessas “novas criaturas”, um resíduo humanista se fez sentir. Ora, quando analisamos *RoboCop* em busca da provável desqualificação humana em detrimento de agenciamentos maquínicos percebemos que por mais astuto que tivesse sido o processo mimético na confecção da máquina-humana, seu sucesso só foi possível quando o humano se fez presente no controle da máquina. Apesar de toda desqualificação provocada pela superioridade da prótese corporal o projeto só obteve êxito com a manutenção do cérebro humano, com seu controle sobre a máquina.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

As estratégias humanistas para prevalência do humano em detrimento de seus artifícios são variadas, a exemplo das leis da robótica (Isaac Asimov). Ou como na epígrafe inicial, o desejo humanista - diante de suas criaturas vivas - é o de que “conservemos sempre a capacidade de puxar o plugue da tomada quando tivermos vontade” (Arthur Clarke).

No mundo dos replicantes a *mimesis* operou com “perfeição” nos dois níveis – indiferenciação e diferenciação –, mas também foi sabotada pelo controle humano. Ora, vimos que as máquinas foram projetadas para serem “mais humanas que os humanos” e sob o risco de ser ultrapassado (homem) conferiu as mesmas um tempo limitado de duração.

No entanto, é fato que existimos num mundo em constante efervescência na produção de máquinas que imitam os caracteres e comportamentos humanos. Essa ebulição tem sido decorrente da intensificação de nossa aproximação, bem como dependência das “máquinas inteligentes”. Porém, a aproximação atingiu um ponto tal, de meados do século XX para cá, que já nos relacionamos com elas como se fossem humanas (Turkle, 1989; Hayles, 1999; Ferreira, 2004). Como verdadeiras “máquinas espirituais” (Kurzweil, 2007).

Nesse intrincado relacionamento, somos nós, atualmente, que as tratamos como “humanas” (Turkle, 1989). Mas devido a seus aperfeiçoamentos, de acordo com Ray Kurzweil, no futuro serão elas (máquinas) que nos convencerão que são conscientes, e que são dignas do nosso reconhecimento e respeito. O que Kurzweil nos propõe é semelhante ao argumento exposto em *Blade Runner* (bem como Homem Bicentenário, Inteligência Artificial, Eu, Robô), ou seja, máquinas pelas quais sentiremos empatia e que reivindicarão um estatuto de “humanidade” para si (Kurzweil, 2007).

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

Eis o que a astúcia da *mimesis* nos fez repensar: o movimento que se dá em torno dos trabalhos que visam produzir vida e inteligência sintética. Isso porque as máquinas dotadas com certo tipo de “inteligência” já estão em todos os lugares. E a cada dia que passa os robôs (elaborados com “funções sociais”) e as máquinas “vivas” estão sendo aprimorados, saindo dos laboratórios e (re)estruturando nossa vida em sociedade.

No entanto, se no século XIX nos perguntávamos se as máquinas (antropomórficas ou não) iriam nos ajudar ou destruir, hoje, essa questão permanece de forma ainda mais intensa. Mesmo entre os zéfiros da propaganda da Inteligência Artificial, não há consenso.

Por isso, em suma, a astúcia da *mimesis* e a (des)qualificação do humano (?), ainda que baseada na análise dos dois filmes: RoboCop (1987) e Blade Runner (1982), bem como outros que serviram de exemplo, não nos permite uma resposta taxativa e definitiva sobre a (des)qualificação do humano em detrimento da máquina. Apesar do confesso desejo de correção do modelo (homem natural) explícito nessas narrativas, essa questão permanece em aberto. E a antiga questão permanece válida: “o que é ser humano, afinal”?

# A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. (1985). *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ALLISON, Anne. (2001), “Cyborg Vilence: Bursting Borders and Bodies with Queer Machines”, in *American Anthropological Association*. 16(2): 237-265.
- ALVES, Giovanni. (2004), Blade Runner: o caçador de andróides. In: Projeto de Extensão Tela Crítica 2004: Trabalho, Técnica e Estranhamento. UNESP. Disponível em: < <http://www.telacritica.org/BladeRunner.htm> >, acessado em 04/04/2006, às 12h..
- ARISTOTELES. (1959), *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- ARTONI, Camila. (2003), “Dossiê: a ciência por trás da ficção”, in *Galileu*. Julho, nº 144. Rio de Janeiro: Globo. pp. 43-54.
- ASIMOV, Isaac. (1994 [1986]), *Visões de Robô*. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi. São Paulo: Record.
- \_\_\_\_\_. (2004 [1950]), *Eu, Robô*. Tradução de Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Ediouro.
- ATLAN, Henri, CHANGEUX, Jean-Pierre et al. (2001), “Seremos mais Inteligentes no Ano 2000 do que na Época de Sócrates?”, in PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 103-108.
- BALANDIER, Georges. (1999), *O Dédalo: para finalizar o século xx*. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BALSAMO, Anne. (1995), “Forms of Technological Embodiment: Reading the Body in Contemporary Culture”, in *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk: cultures of technological embodiment*. London: Sage Publications. pp. 215-237.
- BARDIN, Laurence. (1977), *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BAUDRILLARD, Jean. (1981), “A Precessão dos Simulacros”, in *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Antropos. pp. 07-57.
- BUTLER, Judith P. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (2002), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- \_\_\_\_\_; BAS, Aarts. (2002), “A Construção do Corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos”, *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes. pp. 39-63.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

BENJAMIN, Walter. (1985), “A Doutrina das Semelhanças”, in *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. v.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. pp. 108-113.

\_\_\_\_\_, “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”, in *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. v.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. pp.165-196.

BERKELEY, István S. N. “What is Artificial Intelligence”. University of Southwestern Louisiana. Disponível em <http://www.ucs.louisiana.edu/~isb9112/dept/phil341/wisai/WhatIsAI.html> >, acessado em 05/31/2007, às 13h.

BERTHOZ, Alain. (2001), “Do Cérebro, prodigioso simulador, ao movimento indispensável conhecedor do mundo: nós pensamos com o nosso corpo”, in PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 83-92.

BRETON, Philippe, PROULX, Serge. (2002 [1989]). “As Primeiras Técnicas a Serviço da Comunicação”, in *Sociologia da Comunicação*. Tradução de Ana Paula Castellani. São Paulo: Ed. Loyola. pp. 65-78.

\_\_\_\_\_. (2002 [1989]). “A Cibernética, ou a Emergência da Idéia Moderna de Comunicação”, in *Sociologia da Comunicação*. Tradução de Ana Paula Castellani. São Paulo: Ed. Loyola. pp. 79-90.

CARO, Paul. (2001), “A Ciência Necessita de Mitos?”, in PESSIS- PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 177-182.

CAUSO, Roberto de Souza. (2003), *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1850 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG.

CLARKE, Adele. (1995), “Modernity, Postmodernity, et Reproductive Processes, ca. 1890-1990, or ‘Mommy, Where do Cyborgs Come From Anyway?’”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp. 139-156.

CLYNES, Manfred E.; KLINE, Nathan S. (1995), “Cyborgs and Space”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp. 29-34.

CLYNES, Manfred E. (1995), “Cyborg II: sentic space travel”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp. 35-42.

COLAVITTI, Fernanda; GIRARDI, Giovana. (2003), “O Circo da Clonagem”, in *Galileu*. Ano 12, nº 139, fev. pp. 66-74.

COLI, Jorge. (2003), “O Sonho de Frankenstein”, in *O Homem-Máquina: A Ciência Manipula o Corpo*. São Paulo: Cia das Letras. pp. 299-316.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

COSTA, Belarmino Cezar Guimarães da. (2003), “Educação dos sentidos: a mediação tecnológica e os efeitos da estetização da realidade”, in PUCCI, Bruno et al (Orgs.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez. pp. 115-128.

CRICHTON, Michael. (1998 [1972]), *O Homem Terminal*. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Rocco.

\_\_\_\_\_. (2003), *Presa*. Tradução de Geni Hirata. Rio de Janeiro: Rocco.

DELEUZE, Gilles. (1992), *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34.

DESCARTES, René. (2000), “Discurso do Método” e “Meditações”, in *Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.

DESCOLA, Philippe. (2001), “A Natureza: Um Conceito sem *Sursis*?”, in PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?* Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 109-122.

DOEL, Marcus. (2001), “Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução”, in SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 77-110.

DOMÈNECH, Miguel et al. (2001), “A dobra: psicologia e subjetivação”, in SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 111-136.

DREYFUS, Hubert L. (1975), *O que os Computadores não Podem Fazer: crítica da razão artificial*. Prefácio de Anthony Oettinger. Rio de Janeiro: Casa do Livro Eldorado S.A.

DUARTE, Rodrigo Antonio de Paiva. (1993), *Mimesis e Racionalidade: a Concepção de Domínio da Natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Loyola (Coleção filosofia: 29).

DUARTE, Eduardo. (2002), *A Fábula Restante dos Últimos Homens - um conto sobre a bioengenharia tecnológica do Homo sapiens sapiens*. Tese (Doutorado em Antropologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2000), *Sob a Luz do Projetor Imaginário*. Recife: Ed. Universitária/UFPE.

DUPAS, Gilberto. (2000), “Uma Nova Ética para a Ciência”. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais>>, acessado em 20/03/2001, às 14h12.

DYSON, Freeman. (1998), *Mundos Imaginados: Conferências Jerusalém-Havard*. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo: Cia das Letras.

\_\_\_\_\_. (2000), *Infinito em Todas as Direções*. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Cia das Letras.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

FEATHERSTONE, Mike & BURROWS, Roger. (1995), “Cultures of Technological Embodiment: An Introduction”, in *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk: Cultures of Technological Embodiment*. London: Sage Publications. pp. 1-44.

FEATHERSTONE, Mike. (1999), “Body Modification: An Introduction”, in *Body e Society*. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications

FERREIRA, Jonatas & MORAIS, Jorge Ventura de. (2000), “O Monstruoso: Inovação Tecnológica e Crise do Humanismo”, *Perspectivas*, 23: 25-50.

FERREIRA, Jonatas. (2003). “O Alfabeto da Vida: da Reprodução à Produção”. In *Lua Nova*. Rio de Janeiro:

\_\_\_\_\_. (2004), “A Condição Pós-Humana: Ou ‘Como Pular Sobre Nossa Própria Sombra’”, *Política & Trabalho*, n. 21, out, \_\_\_\_\_. pp. 31-42.

FERRY, Luc. (2001), “É Preciso ter Medo da Ciência? Frankenstein e o Aprendiz de Feiticeiro”, in PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 189-194.

FIKER, Raul. (1985), *Ficção Científica: ficção, ciência ou épica da época?* Porto Alegre: LP&M.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1997), “Do Conceito de Mimesis no Pensamento de Adorno e Benjamin, in *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago. pp. 81-106.

\_\_\_\_\_. (2003), “O que significa elaborar o passado?”, in PUCCI, Bruno et al (Orgs.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez. pp.35-44.

GARRAFA, Volnei. (2003), “Prós e Contras da Clonagem Humana”, in *Scientific American Brasil*. Ano 2, nº 14, Julho. pp. 56-57.

GIBSON, William. (2003 [1984]), *Neuromancer*. Tradução de Alex Antunes. 3ª ed. São Paulo: Aleph.

GRAY, Chris Hables. (1995), “An Interview with Manfred E. Clynes”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp. 43-54.

GRAY, Chris Hables et al. (1995), “Cyborgology: Constructing the Knowledge of Cybernetic Organisms”, in *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge.

GUSTERSON, Hugh. (1995), “Short Circuit: Watching Television with a Nuclear Weapons Scientist”, in GRAY, Chris Hables et al (Orgs.), *The Cyborg Handbook*. pp. 107-117

HARAWAY, Donna J. (2000), “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx”, in Tomaz Tadeu da Silva (Org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, autêntica. pp. 38-129.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

\_\_\_\_\_. (1995), “Cyborgs and Symbionts: living together in the new world order”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp.xi-xx.

HARVEY, David. (1996), “O Tempo e o espaço no Cinema Pós-Moderno”, in \_\_\_\_\_, *Condição Pós-Moderna*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola. pp.277-290.

HAYLES, N. Katherine. (1999), *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago e London: The University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. (1995), “The Life Cycle of Cyborgs: writing the posthuman”, in Chris Hables Gray (Edited), *The Cyborg Handbook*. New York and London: Routledge. pp.321-340.

HENIG, Robin Marantz. (2003), “O Bebê de Pandora: duas décadas após debates sobre a fertilização *in vitro*, clonagem inspira temores de desumanização”, in *Scientific American Brasil*. Ano 2, nº 14, Julho. pp. 50-55.

HITA, Maria Gabriela. (2002), “Igualdade, Identidade e Diferença(s): feminismo na reinvenção de sujeitos”, in ALMEIDA, Heloísa Buarque de, COSTA, Roseli Gomes et al (Orgs.), *Gênero em Matizes*. Coleção Estudos CDAPH, Série História & Ciências Sociais. Bragança Paulista, SP, pp. 319-351.

HOBSBAWM, Eric. (1999), *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e Jazz*. Tradução de Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra.

HODGES, Andrew. (2001), *Turing: um Filósofo da Natureza*. Tradução de Marcos Barbosa de Oliveira. São Paulo: Unesp.

IRWING, William (Org.). (2003), *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras.

JHA, Alok. (2004). “Scientists vote Blade Runner best sci-fi film of all time”. In: The Guardian, London, Life News and Features Section, p.03, Thursday August 26 2004. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/science/2004/aug/26/sciencenews.sciencefictionspecial>, acessado em 08/26/2004, às 22h.

JOHNSON, Allan G. (1997), “Desqualificação”, *Dicionário Crítico de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.69.

JOLY, Martine. (1996), *Introdução à Análise da Imagem*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus.

JORGENSEN, Jarl Friis. (2001), *Cyberculture, Science and AIBO: a non-modern view on collectives, artificial life and playful quasi-objects*. Master's Thesis at informationsvidenskab Institut for informations – Medievidenskab, Aarhus Universitet.

KEHL, Maria Rita. (2003), “As Máquinas Falantes”, in *O Homem-Máquina: A Ciência Manipula o Corpo*. São Paulo: Cia das Letras. pp. 243-260.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

KING, Stephen. (2003), *Dança Macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero*. Rio de Janeiro: Objetiva.

KUNZRU, Hari. (2000), "Você é um Ciborgue: um encontro com Donna Haraway", in Tomaz Tadeu da Silva (Org.) *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Autêntica. pp. 23-36.

KURZWEIL, Ray. (2003), "Ser Humano Versão 2.0". Disponível em <[www.kurzweilai.net](http://www.kurzweilai.net)>, acessado em 23/10/2005, às 00h18.

\_\_\_\_\_. (2007), *A Era das Máquinas Espirituais*. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph.

LALANDE, André. (1999), "Autômato", in *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 114-115.

\_\_\_\_\_. (1999), "Essência", in *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 338-339.

\_\_\_\_\_. (1999), "Estética", in *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 343-344.

\_\_\_\_\_. (1999), "Ficção", *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 400.

LANDSBERG, Alison. (1996), "Prosthetic Memory: Total Recall and Blade Runner", in *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk: Cultures of Technological Embodiment*. London: Sage Publications. pp. 175-189.

LATOUR, Bruno. (1994), *Jamais Fomos Modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.

\_\_\_\_\_. (2001), *A Esperança de Pandora: Ensaio sobre a Realidade dos Estudos Científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Edusc.

LE BRETON, David. (2003), *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução de Maria Appenzeller. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus.

LÉVY-STRAUSS, Claude. (1982), *As Formas Elementares do Parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Vozes. pp. 41-63.

LIMA, Luiz Costa. (1980), *Mimesis e Modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. (2000), *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LLOSA, Mario Vargas. (2004), *A verdade das mentiras*. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: ARX.

LOUREIRO, Isabel. (2003), "Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia", in PUCCI, Bruno et al (Orgs.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez. pp. 19-34.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

- LYON, David. (1998), “Introdução: os replicantes da tela e as realidades sociais”, *Pós-Modernidade*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus. pp. 09-12.
- MACHADO, Arlindo. (2001), *O quarto iconoclasmo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- MARCUSE, Herbert. (1982 [1966]), *A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1964), “Industrialização e capitalismo”, In *Cultura e sociedade*. pp. 09-45.
- MARTINS, Hermínio. (1998), “O Deus dos Artefatos”, in Hermetes Reis de Araújo (Org.) *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade. pp. 149-168.
- \_\_\_\_\_. (1996), Hegel, Texas e outros Ensaio de Teoria Social. Portugal: Século XXI.
- MERQUIOR, José Guilherme. (1969), *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MILSTEAD, John W, GREENBERG, Martin Harry et al. (1974), *Sociology Through Science Fiction*. New York: St Martin’s Press.
- MINAYO, M.C.S. (1993), *O Desafio do Conhecimento*. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco. pp. 199-218.
- MURI, Allison. (2003), “Of Shit and the Soul: Tropes of Cybernetic Disembodiment in Contemporary Culture”, in *Body & Society*. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications.
- NICOLELIS, Miguel, CHAPIN, John. (2002). “Controlando Robôs com a Mente”, in *Scientific American*, 6 ed. nov. 2002. Disponível em [http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/controlando\\_robos\\_com\\_a\\_mente\\_5.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/controlando_robos_com_a_mente_5.html), acessado em 24/01/2003, às 12h13.
- NOVAES, Adauto (Org). (2003), *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras.
- PEREIRA, Auracébio. (2003), *A Vida Imita a Ficção*. Disponível em <<http://auravirtual.sites.uol.com.br/bionic.html>>, acessado em 10/02/2006, às 01h45.
- PESSIS-PASTERNAK, Guita. (1993). *Do Caos a Inteligência Artificial: quando os cientistas se interrogam*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UNESP.
- PLATÃO. *A Republica*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Globo.
- PENA, Felipe. (2003). *A Perna Coxa da tecnologia – Fantasias Totalitárias dos Náufragos da Polisssemia na Cibercultura*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-perna-coxa.pdf>>, Acessado em 15/10/2007, às 02h15m.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

- PUCCI, Bruno. (2003), “Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz”, in PUCCI, Bruno et al (Orgs.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez. pp. 07-18.
- RIBEIRO, Renato Janine. (2003), “Novas Fronteiras entre Natureza e Cultura”, in *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras. pp. 15-36.
- ROSE, Nikolas. (2001), “Inventando nossos eus”, in SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica. pp.137-204.
- ROUANET, Sergio Paulo. (2003), “O Homem-máquina Hoje”, in *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras. pp. 37-64.
- SAGAL, Paul T. (1996), *Mente, Homem e Máquina*. Lisboa: Gradiva.
- SANTOS, Francisco Coelho dos. (2000), “Socialidade na Interface: relações entre indivíduos e criaturas informáticas nas redes sociotécnicas”. Disponível em <<http://www.scielo.org>>.
- SANTOS, Laymert Garcia. (1994), “O Homem e a Máquina”, *Imagem*, 3: 45-49.
- \_\_\_\_\_. (2003), *Politizar as Novas Tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34.
- SANTAELLA, Lucia. (2003), *Culturas e Artes do Pós-Humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.
- \_\_\_\_\_. (2004), *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus.
- SARAMAGO, José. (2002), *O Homem Duplicado*. São Paulo: Cia das Letras.
- SCHELDE, Per. (1993), *Androids, Humanoids, and other Science Fiction Monsters: science and soul in science fiction films*. New York and London: New York University Press.
- SIBILIA, Paula. (2002). *O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (2000), “Nós Ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano”. In \_\_\_\_ (Org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Autêntica. pp. 11-22.
- SIM, Stuart. (1998), “Cyborg”, in *The Icon Critical Dictionary of Postmodern Thought*. Garng Road, Duxford, Cambridge, Icon Books. pp. 219-220.
- SOARES, Delfim. (2004), *Glossário de Sociocibernética*. Disponível em <<http://www.compuland.com.br/delfim/gloss.htm>>, acessado em 21/10/2006 às 00h42.
- SPENGLER, Oswald. (1993 [1931]), *O Homem e a Técnica*. Tradução de João Botelho. Prefácio de Luís Furtado. 2ª. ed. Lisboa: Guimarães Editores.

## A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO? A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico

---

- SWEENEY, H. Lee. (2004), “Doping Genético: terapias originalmente criadas para combater doenças neuromusculares podem mudar a natureza do esporte ao permitir um doping potente e indetectável”, In *Scientific American Brasil*. Ano 3, Agosto, nº 27. São Paulo: Duetto (Ediouro). pp. 40-47.
- TAVARES, Bráulio. (1992 [1986]), *O Que é Ficção Científica?* 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense.
- TURKLE, Sherry. (1989), *O Segundo Eu: os computadores e o espírito humano*. Tradução de Manuela Madureira. Lisboa, Editorial Presença.
- TURNER, Bryan S. (1995), “The Embodiment of Social Theory”, in *The Body and Society: Explorations in Social Theory*. 2<sup>o</sup> ed. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications. pp.01-36.
- TURNER, Graeme. (1997), *Cinema como Prática Social*. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus.
- VALENTI, Michael. (1996), “A Robot is Born”. In *Mechanical Engineering*. pp. 50-57.
- VANOYE, Francis, GOLIOT-LÉTÉ, Anne. (1994), *Ensaio Sobre a Análise Fílmica*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus.
- VAZ, Alexandre Fernandez. (2001), “Dominar a Natureza, Educar o Corpo: notas conceituais a partir do tema da mimesis em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer”, in GRANDO, José Carlos (Org). *A (Des)Construção do Corpo*. Blumenau: Edifurb. pp. 133-154.
- VIEIRA, João Luiz. (2003), “Anatomias do Visível: Cinema, corpo e a máquina de ficção científica”. In *O Homem-Máquina: A Ciência Manipula o Corpo*. São Paulo: Cía das Letras. pp. 317-346.
- VINCENT, Julien F. V. “Stealing Ideas from Nature”. Centre for Biomimetics, The University of Reading, U.K., cap 3. Disponível em <<http://www.bath.ac.uk/mech-eng/biomimetics/Biomimetics.pdf>>, acessado em 21/12/2006, às 23h11.
- VIRILIO, Paul. (1998 [1996]), “Os Motores da História”. In Hermetes Reis de Araújo (Org.), *Tecnociência e Cultura: Ensaios sobre o Tempo Presente*. São Paulo: Estação Liberdade. pp. 127-147.
- WIENER, Norbert. (1954), *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução de Paulo Paes. São Paulo: Cultrix
- WINOGRAD, Terry. (2001), “A ‘Inteligência Artificial’ em Questão... Até onde irá o Diálogo entre o Homem e as Máquinas ‘Inteligentes’ que Ele Fabrica?”. In PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência Deus ou Diabo?*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Parassi Bosco. São Paulo: UNESP. pp. 135-144.
- WOLFE, Alan. (1991), “Mind, Self, Society, and Computer: Artificial Intelligence and Sociology of Mind”, *American Journal of Sociology*, 96, 5: 1073-1096.

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

**Filmografia**

**Filmes sobre memória eletrônica/realidade virtual**

<b>Filme/Diretor</b>	<b>Ano</b>
1. O vingador do futuro (Total Recall) - Paul Verhoeven	1991
2. Webmaster (Webmaster) - Thomas Borch	1998
3. Tekwar (Tek war) - Willian Shatuer	1994
4. The Runming Man – Michael Glaser	1987
5. VR-5 (VR 5)	1995
6. Tempo Irreal (Midnightinan) – Jim McBride	1997
7. Rollerball: gladiadores do futuro (Rollerball) – Norman Jenison	1975
8. O Passageiro do Futuro (The Lowmover Man) – Bret Leonard	1992
9. O Passageiro do Futuro II (The Lowmover Man 2) – Farhad Mann	1995
10. Nirvana – Gabriel Salvatores	1996
11. Matrix	1999
12. Matrix Reloaded	2003
13. Matrix Revolutions	2003
14. <i>Hardware</i> : O Destruidor do Futuro – Richard Stanley	1990
15. <i>Johnny Mnemonic</i> : O Ciborgue do Futuro – Robert Longo	1995
16. O Fantasma da Máquina (Host the Machine) – Rachel Talalay	1993
17. <i>THX – 1138</i> – George Lucas	1971
18. 13º Andar (The Thirteenth floor) – Josef Rusmak	1999
19. Tron: Uma Odisséia Eletrônica – Steven Lisberger	1982
20. Sob o Domínio do Mal (The Manchurian Candidate) - Jonathan Demme	2004

**Filmes sobre Clonagem Humana/Engenharia Genética**

<b>Filme/Diretor</b>	<b>Ano</b>
21. X– Men: O filme – Bryan Singer	2000
22. X-Men 2 – Bryan Singer	2002
23. X-Men 3: O Confronto Final – Matthew Vaughn	2006
24. O Último Guerreiro (The Ultimate Warrior) – Robert Clouse	1975
25. Viagens Alucinantes (Altered States) – Ken Russell	1980
26. Viagem Insólita (Innerspace) – Joe Dante	1987
27. O 6º Dia (The 6th Day) – Roger Spottiswoode	2000
28. O Soldado do Futuro (Soldier) – Paul Anderson	1998
29. A Mosca (The Fly) – David Cronenberg	1986
30. Metal Beast – Barry Bostwick	1994
31. <i>Gattaca</i> : A Experiência Genética – Andrew Nicol	1997
32. Gen 13 – Kevin Altieri	2000
33. Epidemia (Outbreak) - Wolfgang Petersen	1995
34. O Homem Sem Sombra (Hollow Man) Paul Verhoeven	2000
35. Eu sou a Lenda – Francis Lawrence	2007

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

**Filmes sobre Ciborgues/Robôs**

<u>Filme/Diretor</u>	<u>Ano</u>
36. Missão Lua (Moontrap) – Robert Dyke	1988
37. Juggers: Gladiadores do Futuro (The Salute of Jugger) David Peoples	1988
38. 2001: Uma Odisséia No Espaço - Stanley Kubrick	1968
39. Metropolis – Fritz Lang	1926
40. <i>Omega Doom</i> : a maldição – Albert Dyum	1996
41. Geração Proteus (Proteus 4) – Donald Cammel	1977
42. A Guerra dos Donos do Amanhã – Mark L. Lester	1989
43. O Exterminador do Futuro (Terminator I) – James Cameron	1985
44. O Exterminador do Futuro II (Terminator II) – James Cameron	1991
45. O Exterminador do Futuro II (Terminator III) – Jonathan Mostow	2003
46. <b>RoboCop</b> – <b>Paul Verhoeven</b>	1987
47. RoboCop 2 – Invin Kershner	1990
48. RoboCop 3 – Fred Dekker	1992
49. Homem Bicentenário – Chris Columbus	1999
50. Inteligência Artificial (A. I.) – Steven Spielberg	2001
51. <b>Blade Runner</b> – <b>Ridley Scott</b>	1982/93
52. Eu, Robô (I, Robot) – Alex Proyas	2004

**Viagem no tempo**

<u>Filme/Diretor</u>	<u>Ano</u>
53. <i>Timecop</i> – Peter Hyams	1994
54. Nimitz: De volta ao Inferno (The Final Countdown) – Dontaylon	1980
55. <i>Stargate</i> – Roland Emmerich	1994
56. Stargate I – Mario Azzopard	1997
57. Projeto Filadélfia 2 – Stephen Commell	1993
58. A Máquina do Tempo (The Time Machine) – George Pal	1960
59. A Máquina do Tempo – Simon Wells	2002
60. A Próxima Saída (Doorways) – Peter Wermer	1992
61. Fugindo do Futuro – David N. Twothy	1991
62. Os 12 Macacos (12 Monkeys) – Terry Gilliam	1995

**Filme sobre Tecnologia /Guerra/ Guerra Fria**

<u>Filme/Diretor</u>	<u>Ano</u>
63. Tank Girl: Detonando o futuro (Tank girl) – Rachel Talalay	1995
64. Síndrome Nuclear – Peter Markle	1989
65. Projeto Brainstorm (Brainstom) - Douglas Trumbull	1983
66. Invisível: As Crônicas de Benjamin Knight – Jack Ersgard	1993
67. Herança nuclear – lynne lihtman	1983
68. Dr. Fantástico – Stanley Kubrick	1964

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

**Filme sobre viagens espaciais e alienígenas**

<b>Filme/Diretor</b>	<b>Ano</b>
69. Virus (Virus) – John Bruno	1998
70. Total Recall (O Vingador do Futuro) – Paul Verhoeven	1991
71. Terminal Voyage – Rick Jacobson	1995
72. Titan (Titan AE) – Don Bluth	2000
73. O terror veio do espaço (Day the trihids) – Stive Sekely	1963
74. Solar Crisis – Alan Smither	1992
75. Tropas Estelares (Starship Troopers) – Paul Verhoeven	1998
76. Starman – John Carpenter	1984/88
77. Super Nova – Thomas Lss	1999
78. Solaris – Steven Sondenbergh	2003
79. Star Wars I – George Lucas	1999
80. Missão Lua (Montrap) – Robert Dyke	1988
81. Sileucers – Richard Pepin	1995
82. Roswell: Ataque Alienígena – Brad Tumer	1998
83. Sinais – M Night Shyamalan	2000/01
84. 81. O Quinto Elemento (the Fifth Element) – Luc Besson	1997
85. 82. Lifepod: O 9º Passageiro (lifepod) – Ron Silver	1994
86. 83. Planeta vermelho (The Martian Chronicles) – Michael Anderson	1981
87. 84. Planeta Vermelho (Red Planet) – Antony Hoffman	2000
88. Outland: Comando Titânico (Outland: command titanio) – Peter Hyamms	1984
89. Planeta dos Macacos (Planet of the Apes) – Tim Burton	2001
90. Missão: Marte (Mission to Mars) – Bryan de Palma	2000
91. Duna (Dune)	1984
92. Os Mistérios do Planeta Rustia – Peter Markle	1995
93. Marte – Jon Hess	1981
94. Progeny: O Intruso – Bryan Yuzna	1999
95. O Lado Sombrio da Lua (The dark side of the moon) – D.J Webster	1990
96. O Enigma de Andrômeda (The Andromeda Strain) – Robert Wise	1971
97. Guerra nas Estrelas I - George Lucas	1977
98. Guerra das Estrelas II - George Lucas	1980
99. Guerra das Estrelas III - George Lucas	1983
100. Piratas do Espaço (Spacetruckers) – Smart Goron	1996
101. Estranhos visitantes (Common Union) – Phillippe Mora	1990
102. O Invasor (The Invader) – Mark Rosman	1996
103. Os Invasores – Paul Shapiro	1995
104. A Invasão (The Arrival) – David Twohy	1996
105. Os invasores de corpos (body Snatchers) – Abel Ferrara	1993
106. Independence Day – Roland Cannyon	1996
107. LEXX3: A Fronteira do Desconhecido (LEXX3: O Eating Pattern) – Rainer Matsutani	1998
108. Planeta Fantástico (Fantastic planet) -	1985
109. Fenômeno (Phenomenon) – Jon Turteltaud	1996
110. Eles Vivem – John Carpenter	1988

**A ASTÚCIA DA MÍMESIS E A (DES)QUALIFICAÇÃO DO HUMANO?  
A Diluição das Fronteiras entre o Orgânico e o Mecânico**

---

111.	A Experiência I (Species) Roger Donaldson	1995
112.	A Experiência II (Species II) – Peter Medak	1997
113.	Eclipse Total – David Twohy	1999
114.	O Enigma do Horizonte (Event Horizon) – Paul Anderson	1997
115.	Esfera (Sphera) – Barry Levinson	1998
116.	Eles os Aliens (Then) – Bill L. Norton	1996
117.	2001: Uma Odisséia No Espaço – Stanley Kubrik	1968
118.	2010: O Ano Em Que Faremos Contato	1984
119.	Nêmesis – Stuart Baird	2002
120.	Perdidos no Espaço (Lost in Space)	1998
121.	Os Primeiros Homens na Lua (The first Men in the Moon) – Nathan Juran	1964
122.	O Planeta Proibido (The Forbidden Planet) - Fred McLeod Wilcox	1956